



PERIGO NA INTERNET

Autoridades e políticos da PB são alvos de cibercriminosos

Golpistas agem com ousadia e estratégias sofisticadas com o objetivo de extorquir as vítimas. **Página 13**

Foto: Cetas/Divulgação



PB tem espaços para tratar animais silvestres

Cetas e Bica mantêm ações de tratamento e reabilitação de espécies encaminhadas pelos órgãos ambientais após resgates. **Página 20**

Foto: Arquivo pessoal



Páscoa é oportunidade para empreendedores

Produtos caseiros são a aposta para conquistar clientes pela criatividade e personalização. **Página 17**

Pensar

A necropolítica é o conceito filosófico que utiliza o poder social e político para decretar, dentro da desigualdade vivenciada pela humanidade, como uns podem viver e outros devem morrer. **Páginas 29 a 32**



A história da guerreira indígena que era temida pelos holandeses

A potiguara Clara Camarão comandou um batalhão de mulheres indígenas, negras e mamelucas que lutaram contra os invasores das terras nordestinas. **Página 25**



Ilustração: Tônio

■ “Eis o que me dá a minha Comarca. Os rastros de uma embrionária, porém louvável tradição. A tradição do verbo. Falado, escrito, cantado”.

Hildeberto Barbosa Filho

■ “Não sei, na Psicologia, o nome que tem isso de os objetos não apenas lembrarem as pessoas, mas fazê-las voltarem ao nosso ritmo...”

Gonzaga Rodrigues

Sertanejo inicia plantio com fé na tradição do Dia de São José

Agricultores do Sertão preparam a terra e têm fé que a chuva caia hoje, garantindo boa safra. **Página 3**

Trazido pelos portugueses, o cuscuz é sucesso em todo o mundo

O prato que conquistou o coração dos nordestinos é celebrado no Dia Mundial do Cuscuz. **Página 5**

Município de Imaculada tem vocação para o ecoturismo

Localizada no Sertão do estado, Imaculada também se destaca pelo ensino público de qualidade. **Página 8**



Foto: Portair3/Divulgação

Paraibano faz história com vitórias no ciclismo

Kleber Ramos é o único brasileiro a vencer a maior prova ciclística da América Latina. **Página 21**

Abuso sexual é crime

A expulsão de dois integrantes do Big Brother Brasil por importunação sexual leva a uma constatação que, por mais campanhas que se façam em todo o país, os homens continuam não respeitando o direito das mulheres de quererem ou não uma relação amorosa. No caso do programa global, os dois “abusadores” - MC Guimê e Cara de Sapato - fizeram carícias e forçaram um beijo na participante mexicana sem o seu consentimento.

Pesquisa divulgada no *site* Brasil de Fato no ano passado revelou que 95% das mulheres temem ser vítimas de estupro no Brasil. Relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) aponta que, em 2021, foram registrados, no país, 56.098 estupros (incluindo vulneráveis) de meninas e mulheres. O total equivale a um número 3,7% superior ao atingido em 2020. Isso significa que uma menina ou mulher foi vítima de estupro a cada 10 minutos, considerando apenas os casos que chegaram ao conhecimento da polícia.

Os dados são alarmantes e assustadores e revelam a forma como as mulheres ainda são tratadas no Brasil. Uma mistura de misoginia com machismo, com os homens achando que tudo podem e têm o poder sobre o corpo da mulher. Não é à toa que em grandes eventos, como o Carnaval, os movimentos feministas ampliam as campanhas de que “não” é “não”. Estão apenas exercendo o direito de fazer o que quiserem com seu próprio corpo, sem sofrer qualquer tipo de assédio não autorizado.

O assédio sexual causa transtornos na vida das mulheres, não só físicos, mas também psicológicos. Entre as consequências, o medo de parecer vulnerável e a sensação de não merecer afeto são algumas das coisas que aparecem como sintomas desse trauma. São traumas que podem durar para a vida toda.

E esse assédio sexual acontece em praticamente todos os setores onde a mulher convive. No trabalho, em programas de televisão, na rua e até mesmo dentro de casa, na própria família.

A juíza Rejane Jungbluth Suxberge afirma que o assédio sexual nem sempre tem como fim a posse sexual, mas a mera afirmação de dominação. É utilizado como instrumento para o qual o homem prova aos seus pares, que ele é mais viril do que os demais e que ele está numa posição dominante, o que lhes permite realizar essas ações publicamente e com impunidade.

Os movimentos feministas têm lutado contra isso tudo e alguns avanços aconteceram, como a Lei Maria da Penha. Mas ainda é pouco perto do que precisa ser feito. No caso do Big Brother, o apresentador anunciou que os dois integrantes estavam ferindo as normas do programa. Não só isso. Eles estavam ferindo as normas de uma convivência civilizada e saudável em sociedade, com total respeito aos direitos das mulheres.

Artigo

O santo das chuvas

A escritora Raquel de Queiroz, no romance *O Quinze*, de grande importância na literatura regionalista, relata que a personagem Mãe Nácia, demonstra a crença religiosa quanto ao dia de São José como um marco temporal para a definição do tempo chuvoso tão esperado pelo agricultor nordestino: “Depois de se benzer e beijar duas vezes a medalhinha de São José, Mãe Nácia concluiu: Dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó caríssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém”. O Dia de São José, além da celebração religiosa na tradição católica, tem um significado especial para o sertanejo nordestino. Segundo a crença do agricultor na região Árida do Nordeste, se não chover até a data em que se presta homenagem ao santo padroeiro do Ceará, é a confirmação de que não haverá inverno, deixando sem esperança o homem do campo.

A sabedoria popular coincide com a informação científica de que no hemisfério sul o equinócio de outono acontece no mês de março. Equinócio é quando o sol, em órbita aparente vista da Terra, cruza o chamado equador celeste incidindo com maior intensidade sobre as regiões próximas da linha imaginária que circunda nosso planeta dividindo os dois hemisférios e atraindo ventos úmidos para a região, e geralmente trazendo chuvas.

É comum encontrar, nessa região, os chamados “profetas da chuva”. São sertanejos experientes que se dedicam a interpretar os sinais da natureza, e, assim, se acham capacitados para indicar se haverá um bom “inverno” ou um ano de seca. No município de Quixadá, no Ceará, a cada início de ano, é promovido um encontro de cerca de 30 “profetas” para debater sobre a probabilidade de chuva. A vegetação do sertão e o comportamento de animais, como passarinhos, formigas e abelhas, oferecem a compreensão do tempo que está por vir. E o que esses “profetas” afirmam é recebido pelos agricultores como uma informação que merece crédito.

A devoção a São José induz os sertanejos a se valerem de novenas, simpatias, orações, pedindo proteção ao padroeiro para que garanta chuva e boa lavoura para sustentação de suas famílias. A cada 19 de março, o agricultor do Sertão nordes-

tino olha para o céu à procura de nuvens pesadas que lhe ofereçam a esperança de que não será castigado por uma nova seca.

A fé em São José é tão forte, que muitos dos agricultores esperam para plantar o milho ou outras sementes no dia 19 de março, conforme a perspectiva da colheita a partir da ocorrência de movimentações pluviométricas. O “santo das chuvas” é assim considerado, a partir de uma crença que associa a religiosidade à cultura regional, sem qualquer explicação teológica. Quando chove no dia de São José e o sertanejo nordestino vê a terra molhada, é motivo de festa porque a safra está garantida e com ela a mesa farta.

Os meteorologistas, no entanto, são categóricos em afirmar que, nem sempre as chuvas no dia de São José possam significar um bom período de inverno. Dados coletados pelos institutos de meteorologia, de vez em quando, contradizem a crença.

Que essa tradição secular permaneça. Faz parte da nossa cultura popular. Até porque vale a pena manter a esperança. Nem que seja na crença de que São José vai proporcionar as condições de que o nordestino se livrará das agruras das secas que tanto o tem castigado ao correr dos séculos.

“É comum encontrar, nessa região, os chamados ‘profetas da chuva’. São sertanejos experientes que se dedicam a interpretar os sinais da natureza

Rui Leitão

Foto
Legenda

Marcos Russo



Um reduto de paz!

Gonzaga Rodrigues
O Presente

O relojoeiro me fez viver um contentamento de menino, uma alegria de camisa nova, ao devolver-me recuperado um Mido de corda que dois amigos inesquecíveis me deram de presente. Nesse tempo, o do presente, o Banco Indústria e Comércio, dos herdeiros de Flávio Ribeiro Coutinho, tinha uma agência na Duque de Caxias, ao lado da velha **A União**, hoje Assembleia. Era a agência de Edmundo, tio do poeta e escritor Geraldo Carvalho, pessoa tão comunicativa que fazia desaparecer o nome do banco; para toda a cidade o banco era dele, de Edmundo.

E lá eu parava, mesmo sem conta nem cadastro, sentava ao lado do maior acionista, Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho, (Chico “praqui”, Nêgo pra lá) ambos a aticar a verve de Edmundo, um sujeito lido e culto sem bancar o intelectual. Poucos se lembram dele, até porque poucos são os sobreviventes desse tempo.

Uma tarde, passando na calçada do banco, assaltam-me os gritos de Chico e Edmundo chamando-me para o abraço. Tinham lido o registro do meu aniversário. E ordenaram numa voz só: peça o presente! Esquivei-me, saí desconversando e, quando volto, estão os dois com o belo foliado que, passados quase cinquenta anos, pude recuperar.

Quebrara o pivô, outras peças que a Mido não fabricava mais, e há meses deixara, por deixar, com o relojoeiro.

Há duas semanas ele me telefona para entregar-me a joia de volta, ou melhor, os amigos Chico e Edmundo perfeitamente recuperados.

Não sei, na Psicologia, o nome que tem isso de os objetos não apenas lembrarem as pessoas, mas fazê-las voltarem ao nosso ritmo de alguma forma, nos servirem de companhia. O Mido de Chico ou de Edmundo, eles esgarçados na sombra distante, e o Mido aqui, pulsando por eles.

“Uma tarde, passando na calçada do banco, assaltam-me os gritos de Chico e Edmundo chamando-me para o abraço. Tinham lido o registro do meu aniversário. E ordenaram numa voz só: peça o presente

Gonzaga Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

EXPECTATIVA

Agricultores de Patos já preparam a plantação

Crença popular diz que, se chover hoje, dia de São José, a colheita deve ser farta

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

Entre incertezas e otimismo, produtores rurais fazem o preparo da terra para o plantio dos grãos de feijão, milho e macaxeira neste domingo.

Hoje é comemorado o dia de São José. Conforme a crença popular, se chover no dia do Santo, o inverno deve ser próspero e a colheita farta. A data também marca o período final para se fazer o plantio de grãos de milho, feijão, macaxeira, que serão colhidos no São João.

Em Patos, no Sertão do estado, tratores da prefeitura trabalharam com intensidade para concluir o preparo de solo. Mais a falta de chuva tem dificultado.

“A secretaria já concluiu o trabalho em oito comunidades, porém ainda estão faltando sete para finalizar. Porque a gente começa a trabalhar e não tem como concluir por falta de chuva. Sem

chuva a terra não dá corte,” explicou o secretário de agricultura Ferré Maxixe.

Diante de tamanha escassez, só resta aos agricultores se apegarem à fé. Atrelada a ela, o agricultor Nilson Alves Trajano prepara o terreno para a plantação de hoje. Com enxada na mão e esperança no coração, ele limpa a terra, pouco mais de um hectare e se põe, solitário, a plantar milho e feijão. Nem mesmo as perdas fazem ele desanimar.

“Desde os meus 12 anos que escuto dos meus avós que se chover no dia de São José o inverno será bom naquele ano. Já se não chover, os próximos meses serão ruins de chuva. Por isso mantenho a fé que teremos chuva para uma boa safra”, previu.

O padre Flávio Mamede, vigário da Paróquia Santo Antônio, em Patos, explicou que São José era carpinteiro e como todo artesão vivia da profissão. Entretanto, os artesãos no período da plantação

e da colheita trabalhavam na agricultura.

“Por isso ele é invocado como patrono das chuvas, ou seja, aquele que tirava o sustento do trabalho, cultivando também a terra, intercede pelas chuvas para que também os agricultores tenham o sustento de suas famílias.”

A crença religiosa, contudo, pode também ser explicada cientificamente, já que, de acordo com Agência Executiva de Gestão das Águas (Aesa) o período mais chuvoso do Sertão vai de fevereiro até o mês de maio, devido a Zona de Convergência Intertropical.

“Ela se dá com a convergência dos ventos em baixos níveis de Sudeste e de Nordeste, formando uma banda de nebulosidade que circunda todo o globo. E essa banda ela oscila entre o hemisfério Norte e o hemisfério Sul e é justamente nesta época do ano, quando as condições atmosféricas estão favoráveis. Essa zona de convergência

migra ao Equador trazendo chuvas, principalmente para o Sertão do estado da Paraíba, explicou a meteorologista da Aesa, Marle Bandeira.

Ainda de acordo com Marle Bandeira, a previsão é de chuva para o dia de São José, que é comemorado hoje.

Crença

A crença religiosa pode também ser explicada cientificamente, já que, de acordo com a Agência Executiva de Gestão das Águas o período mais chuvoso do Sertão vai de fevereiro até maio

Fotos: Coordecom Patos



■ O Dia de São José também marca o período final para se fazer o plantio de grãos de milho, feijão e macaxeira, que serão colhidos no São João



Para o agricultor, se não chover no Dia de São José, os próximos meses serão ruins de água

NESTA SEGUNDA-FEIRA

Outono vem com temperatura baixa e noite longa

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

O outono começa às 18h25 de amanhã em todo o hemisfério Sul, trazendo temperaturas mais amenas, porém sem mudanças muito significativas no clima por conta da localização geográfica da Paraíba. O calor será reduzido gradativamente, em uma transição para o inverno, estação que registra as temperaturas mais baixas.

A meteorologista Marle Bandeira, da Agência Executiva de Gestão das Águas (Aesa), explicou que durante o dia ainda ocorrerão al-

tas temperaturas, contudo, nas madrugadas as temperaturas tendem a ficar mais agradáveis, principalmente nas regiões do Agreste, Brejo e Cariri.

As previsões meteorológicas mostram que durante o Outono o Brejo paraibano deve registrar temperatura mínima de 20° e máxima de 28. No Cariri haverá oscilações entre 21° e 30°. Já quem mora no Agreste deve enfrentar máxima de 29°. No Litoral a previsão é de máxima de 31° e máxima entre 24° e 23°. A maior temperatura é prevista para o Sertão, onde deve ocorrer máxima de 35° e mínima de 22°.

Para este mês de março ainda há previsão de chuvas para o estado. No Agreste, Brejo e Litoral o outono marca um período chuvoso, com expectativa de precipitações entre os meses de abril e julho. Conforme a Aesa, no Outono as temperaturas são mais homogêneas no estado, onde a mínima fica em torno de 22°C, e a máxima em torno de 32°C.

Prognóstico divulgado pelo Instituto Nacional de Meteorologia prevê que os meses de abril, maio e junho tenham chuva de normal a ligeira acima da média na Paraíba. No Sertão as chuvas cli-

matologicamente já tendem a diminuir. No litoral, começa o período mais úmido.

Com o início do outono, o amanhecer acontecerá mais tarde, de forma que o período diurno ficará menor e as noites maiores.

Histórico

Em João Pessoa, no Outono do ano passado, segundo o Inmet, o total de chuva foi de 1.338,0 mm, o que corresponde a aproximadamente 70% acima da média histórica. O número de dias com chuva foi de 75. O maior total diário de chuva foi 134,6 mm, registrado no dia 21 de maio.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

PRESIDÊNCIA DA COMISSÃO MISTA DE ORÇAMENTO DÁ PROJEÇÃO A DANIELLA RIBEIRO NO CONGRESSO



Foto: Divulgação/PSD

Podemos dizer que a senadora Daniella Ribeiro (PSD), cujo aniversário é dia 26 de março, ganhou um ‘presente’ antecipado ao assumir a presidência da importante Comissão Mista de Orçamento do Congresso Nacional, tida como estratégica para o Lula III. É que por ela passam peças orçamentária relevantes para o funcionamento pleno do Executivo, no que diz respeito aos investimentos a serem feitos no país: é responsável pela votação do Plano Plurianual (PPA), da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) e da Lei Orçamentária Anual (LOA). Esta segunda metade do mandato da senadora – vai até 2026 – não poderia ter iniciado melhor para a sua projeção no Congresso. Efetivamente, os trabalhos do colegiado deverão ser iniciados em abril, mas a senadora paraibana já antecipou uma agenda em particular que corrobora o tamanho de sua missão à frente do colegiado: irá se reunir, ainda este mês, com o líder do governo, senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), e com a ministra do Planejamento, Simone Tebet (MDB), para saber quais os encaminhamentos do governo em relação às peças orçamentárias. “Momento é de diálogo”, disse a senadora.

“UMA CONSTRUÇÃO IMPORTANTE”

Entre outras atribuições, cabe à CMO, formada por senadores e deputados, “examinar e emitir parecer sobre os projetos de lei relativos ao plano plurianual, às diretrizes orçamentárias, ao orçamento anual e aos créditos adicionais”. Daniella Ribeiro explica que essas reuniões com Tebet e Randolfe terão por objetivo deflagrar “uma construção extremamente importante” neste primeiro ano do governo.

PORQUE O PREFEITO PROTELA?

A rigor, não é imaginável que o prefeito Bruno Cunha Lima se mantenha no PSD, estando o partido sob o comando da senadora Daniella Ribeiro. Independentemente de ser ela própria candidata a prefeita, o PSD orbita no campo da oposição em Campina Grande. E sendo assim, Bruno terá que migrar para outra legenda se quiser disputar a reeleição. Nesse contexto de indefinição, uma pergunta se impõe: porque o prefeito tem protelado essa decisão?

“VEM SE TORNANDO RECORRENTE”

“Essa comissão estará atenta a um problema que afeta a população e os cofres públicos e que, infelizmente, vem se tornando recorrente no Brasil”. Do deputado federal Murilo Galdino (Republicanos), referindo-se à sua indicação para integrar a Comissão Especial das Obras Inacabadas, que fará levantamento da real situação de obras que têm recursos federais, mas estão inconclusas. De acordo com o TCU, quase nove mil contratos estão nessa situação.

REIVINDICOU E RECEBEU

Gervásio Maia conseguiu o que vinha pleiteando: se manter, na atual Legislatura, como membro titular da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados. Considerada uma das mais importantes da casa – senão a mais relevante –, o colegiado é responsável por analisar os aspectos constitucional, legal, jurídico, regimental e de técnica legislativa de projetos que passam pela Câmara, assim como de emendas e substitutivos.

UMA ‘RAINHA DA INGLATERRA’?

Para a Rússia, o Tribunal Penal Internacional, em Haia, na Holanda, é uma espécie, pejorativamente falando, de ‘Rainha da Inglaterra’: não tem poder, ao menos em solo russo. É que a corte expediu mandado de prisão contra o presidente Vladimir Putin por crimes de guerra, mas dificilmente, senão jamais, a decisão será cumprida. O motivo? A Rússia não é signatária da criação da corte internacional e, sendo assim, argumenta que ela não tem jurisdição para atuar no país.

GOVERNADORES QUEREM AMPLIAR INVESTIMENTO EM ENERGIA RENOVÁVEL

Com o excelente desempenho do Nordeste – e da Paraíba, em particular – no campo das energias renováveis, o Consórcio Nordeste quer ampliar o debate sobre novos investimentos no setor com o Lula III. Por isso, em abril, o ministro das Minas e Energia, Alexandre Silveira, desembarca em João Pessoa para encontro com os gestores nordestinos, confirma o governador João Azevêdo (PSB), presidente do colegiado.



Isaías Gualberto

diretor-superintendente do Detran-PB

“Vamos levar de forma permanente a Lei Seca para CG”

Diretor-superintendente do Detran-PB destaca a regionalização das ações, leilões eletrônicos e combate à corrupção

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Primeiro delegado a ocupar o cargo de diretor-superintendente do Departamento Estadual de Trânsito da Paraíba (Detran-PB), Isaías Gualberto ingressou na Polícia Civil do Estado em 2003. Escolhido em 2020 pelo portal delegados.com.br como um dos 20 melhores delegados de Polícia do Brasil na Categoria Gestão, desde 2021 ele está à frente do Detran-PB, sendo o primeiro delegado de Polícia Civil da Paraíba a ocupar o cargo. Em entrevista ao Jornal **A União**, ele analisa o crescimento da frota de veículos no estado, o impacto que representa para quem precisa enfrentar os efeitos do grande número de automóveis nas vias e aponta soluções. Isaías Gualberto ressalta como é feita a aplicação dos recursos coletados pelo órgão com as multas, por exemplo. Comenta sobre os leilões que passaram a ser eletrônicos e, lembra que no pátio do órgão, atualmente, estão cerca de dez mil veículos.

Isaías Gualberto ressalta que os serviços do Detran serão ainda mais expandidos para o interior, entre eles, a Operação Lei Seca; comenta o trabalho de combate à corrupção por meio da Ouvidoria e Corregedoria do órgão; diz que é importante atuar em parceria com outros Detrans e, sem apontar prazo, confirma a necessidade de concurso público para o órgão que, em sua história, teve apenas um certame.

Entrevista

■ Nos últimos 20 anos, de acordo com estatísticas do Detran-PB, a frota total de veículos na Paraíba cresceu 355%, saltando de 336.333 em 2003 para 1.533.806 até janeiro de 2023. Em João Pessoa, o crescimento foi de 254% e, em Campina Grande, 242%. Como esse crescimento da frota impacta no dia a dia das cidades paraibanas?

Impacta sobremaneira porque, conforme esses dados, nós tivemos mais de dez vezes o aumento da frota e não houve, na mesma proporção, o aumento no número de vias e alternativas de fluxo, especialmente, nas grandes cidades do nosso estado. Isso é uma tendência no Nordeste, de forma mais intensa em relação ao homem do campo, que usava o animal, o cavalo ou o jumento, como transporte entre a zona rural e a sede dos municípios. Os animais foram substituídos, principalmente, pelas motocicletas.

■ Em 10 anos, a população do Brasil teve um crescimento de 7,9% e o número de carros foi ampliado em 33,2%. Isso significa que a taxa de crescimento do número de carros ampliou-se 4,2 vezes mais do que a população. Embora os números sejam nacionais, como o senhor avalia esse dado, considerando o cenário da Paraíba? O que poderia ser feito para solucionar os problemas causados pelo grande número de veículos em circulação no estado?

Se continuar nesse ritmo de crescimento, nos próximos dez anos, vai ficar cada vez mais difícil. Os governantes, responsáveis pela mobilidade urbana, nas esferas federal, estadual e municipal, vão carecer de incrementos e alternativas, a exemplo dos transportes públicos, investimentos em ciclovias e também outros modais que favoreçam a não proliferação e a não dependência dos veículos de passeio. Uma das alternativas é, cada vez mais, investir em soluções que diminuam a dependência da população dos automóveis particulares e tentarmos soluções de transporte público, bicicleta e outros modais de transporte.

■ Sobre a atuação do Departamento Estadual de Trânsito, quais são os recursos coletados pelo órgão e como é feita a aplicação deles?

Os recursos do Detran são decorrentes da legislação, leis federais, como o Código de Trânsito Brasileiro, Lei 9.503/97, e outras legislações estaduais como estabelecimento de taxas, como a questão de transferência de veículos, confecção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) e outros serviços que são ofertados à população. Parte desses recursos é aplicada para o custeio do órgão; outra parte vai para os repasses legais como o Renainf, que é o Sistema Registro Nacional de Infrações de Trânsito, ou seja, as multas aplicadas; ao órgão federal de fundos estabelecidos em lei, reforma das unidades e também é aplicado em softwares e sistemas para que possamos melhorar o atendimento à população. O recurso de multas é on-line e o cidadão pode acessar no próprio site oficial do Detran.

■ Qual o número de veículos apreendidos que estão no pátio do Detran? Esses veículos, serão disponibilizados para leilão? Quando deve acontecer o próximo?

No pátio do Detran, atualmente, tem por volta de dez mil veículos. Nós implementamos, no ano passado, o leilão eletrônico, que é uma inovação. Conseguimos realizar três leilões eletrônicos na Paraíba, um de 600 veículos e outro com 3.000 veículos que foi o maior da história da Paraíba; e o outro agora em janeiro, em Campina Grande, com quase mil veículos. Em março, vamos realizar outro leilão eletrônico com 2.600 veículos em João Pessoa. Estamos com um cronograma com cerca de 12 mil veículos para serem leiloados até o final desse ano, incluindo os que estão nos pátios das Ciretrans (Circunscrições Regionais de Trânsito) e Batalhões da Polícia Militar. Nos nossos serviços, implementamos o leilão eletrônico, com o primeiro leilão realizado no interior do estado, em

Campina Grande. A intenção é realizar leilões em praticamente todas as unidades no interior do estado.

■ Está prevista ampliação dos serviços do Detran? Quais os principais? O Detran pretende interiorizar os serviços ofertados à população?

Recebemos agora veículos novos da Lei Seca que o governador João Azevêdo entregou. Vamos interiorizar e deixar permanente a Operação Lei Seca na cidade de Campina Grande. Ano passado, implementamos o primeiro emplacamento eletrônico e também a prova remota de legislação que é realizada no centro de formação de condutores, a autoescola, o que interiorizou os serviços. Em 2021, realizamos a regionalização dos serviços, criando as regionais da Paraíba. Para ter ideia, uma CNH que saía de Princesa Isabel, era impressa em João Pessoa para voltar para aquela cidade. Agora, ela é impressa em Cajazeiras e em três, quatro dias, é impressa e estará disponível no caso de renovação. Além disso, as auditorias regionalizadas de análises de processos, o que agiliza e torna mais célere o atendimento nesse tipo de processo, ou seja, nessa gestão conseguimos interiorizar e regionalizar os serviços.

■ Como tem sido feito o combate à corrupção no âmbito do Detran-PB?

No combate à corrupção, nós trabalhamos com dois vieses muito importantes. O primeiro é o fortalecimento da nossa ouvidoria que hoje é o primeiro ícone e o mais importante no site do Detran. Também demos melhores condições para a ouvidoria e ainda para nossa corregedoria. Promovemos a reestruturação da corregedoria para que possa ser mais ágil e trabalhar na questão das investigações preliminares. Instituímos e colocamos em prática a Gerência Executiva de Disciplina do Detran, que é um órgão da Corregedoria Geral de Segurança Pública, estava previsto na lei complementar da Corregedoria Geral. Nós temos um corregedor que faz esse trabalho dos processos administrativos disciplinares dos servidores do Detran no âmbito da Corregedoria Geral de Segurança Pública. Além disso, trabalhamos em conjunto com outros órgãos como a Polícia Civil, Polícia Rodoviária Federal, Ministério Público e todos os órgãos de fiscalização e controle para podermos, com a ajuda da população, mitigar esse grande flagelo nessa área dos departamentos de trânsito no Brasil.

■ Como o órgão tem feito para coibir desvio de servidor e qualquer possibilidade de corrupção?

As placas de identificação de veículos Mercosul são um sistema de cadastro de veículos do transporte rodoviário que unifica os modelos de placas dos países pertencentes ao bloco Mercosul, entre eles, o Brasil. Quando a implantação da placa Mercosul deve ser feita totalmente na frota da Paraíba?

As resoluções do Conselho Nacional de Trânsito, o Contran, permitem a troca paulatina das placas quando houver a transferência do veículo de placa cinza. Nesse caso, obrigatoriamente tem que ser modificada a placa para o modelo Mercosul. Isso depende de cada veículo.

■ O Detran-PB atua em parceria com outros Detrans do país? Em que aspectos esse trabalho conjunto tem sido feito?

Com certeza, nós trabalhamos em parceria estreita com o Detran do Rio Grande do Norte e também com o Detran do Ceará, Detran de Pernambuco e outros Detrans, sempre buscando melhorias, boas práticas e tentando implementar, assim como também exportamos, boas práticas. Entre os exemplos está a prova remota de legislação, cuja apresentação fizemos recentemente, em Brasília, num painel de modernização e inovações tecnológicas no processo de formação de condutores no Brasil, bem como o leilão eletrônico e outras ações que o Detran da Paraíba vem introduzindo. Além disso, outros Detrans têm nos procurado para buscar essas boas práticas. É uma constante troca de informações para melhorar os serviços em todas as áreas.

■ A população sempre espera pelos concursos públicos para garantir estabilidade no mercado de trabalho. Há previsão da realização de concurso para preenchimento de vagas no Detran-PB?

Concurso público é sempre importante. Só houve um concurso público no Detran da Paraíba e, realmente, é necessário. No entanto, depende de outras secretarias como a Secretaria da Fazenda, Secretaria de Planejamento. O que nós determinamos foi já deixar tudo pronto, com um estudo prévio. Assim que despacharmos com o governador João Azevêdo, trataremos do assunto, porque são várias secretarias envolvidas, para fazermos essa tratativa, tendo sempre em vista a necessidade de recompletamento dos recursos humanos em cada órgão.

■ Hoje quais são os postos do Detran e os tipos de serviços que podem ser acessados? Há possibilidade de descentralizar ainda mais esses serviços?

Contamos com 56 unidades distribuídas entre Ciretrans, Postos e Casas da Cidadania. Todas dispõem de serviços de veículos como aquisição, transferência, renovação de licenciamento, alteração de dados/característica, emissão de documento Certificado de Registro de Veículo (CRV), Certificado de Registro e Licenciamento de Veículo (CRLV) e procedimentos de renovação e alteração de dados da CNH. Os serviços necessários já foram descentralizados e alguns podem ser acessados de forma virtual, evitando o deslocamento do usuário para o Detran, em João Pessoa.

■ Quando um condutor é multado dentro de perímetro urbano a multa fica no registro do Detran, mas quando a multa é em rodovia federal ela não aparece

na hora do IPVA, só no sistema da PRF. Por que essa separação?

A verdade é que não há uma separação. Quando algum veículo é autuado o status da infração é ‘AIT em tramitação’, pois existiu uma autuação que ainda tem prazos de defesa prévia e recurso. Quando o prazo da defesa prévia expirar é gerada a penalidade. Com isso, a infração terá o status ‘cobrança exigível’. Em consequência disso, passará a cobrar o valor da multa no licenciamento do veículo. Quando é gerada no nosso sistema, ela é jogada automaticamente na base nacional, conhecida como Renainf.

■ Muitos veículos circulam sem placa no interior, com documentação atrasada, condutor sem habilitação, entre outras infrações. Como e com que frequência é feita a fiscalização do Detran nas cidades do interior?

O Detran tem parceria com diversos órgãos fiscalizadores do trânsito para sanar as problemáticas como as expostas. As fiscalizações de veículos são feitas pela Polícia Rodoviária Federal (PRF), no sistema rodoviário federal; Departamento de Estradas e Rodagem (DER), nas estradas estaduais; Polícia Militar, para cidades que não possuem trânsito municipalizado; e autarquias de trânsito para aquelas cidades que possuem a municipalização do trânsito. A frequência é determinada de acordo com a necessidade de cada local.

■ Uma das maiores queixas dos usuários é a demora para atendimento no Detran. Qual é a média de tempo para atendimento e o que o órgão tem feito para diminuir esse tempo e as reclamações?

O tempo é de 24 horas para a solução necessária. Contudo, alguns fatores como não apresentação da documentação exigida, demora no pagamento das taxas, entre outros, podem retardar o processo e impedir o cumprimento desse prazo. Lembrando que o processo de habilitação conta com normas que não podem ser adiadas ou efetuadas em ordem diferente da determinada pela Secretaria Nacional de Trânsito (Senatran).

■ Muitos candidatos são reprovados todo ano no Detran. Na sua avaliação, a quais fatores se devem essas reprovações?

O maior índice de reprovação está na prova prática. Os fatores que levam à reprovação são os seguintes: baliza, embreagem, desatenção às placas de trânsito contidas na pista de prova, interrupção do funcionamento do veículo, entre outros.

■ O que o Detran definiu como metas para esses quatro anos?

Esvaziamento total dos pátios através dos leilões on-line; virtualização de alguns outros serviços, trazendo para o usuário a comodidade e facilitação na hora de resolver a sua demanda; planejamentos estratégicos; colocar em funcionamento a pleno vapor a Escola de Trânsito.



Foto: Evandro Pereira

Além de ser um símbolo da tradição nordestina, o prato beneficia a saúde por ser fonte de fibras, carboidratos, vitamina B6 e minerais como ferro, potássio, cálcio, magnésio, fósforo e zinco

NO MUNDO

Cuscuz rompe barreiras e é tradição

Alimento versátil que conquistou o coração e as mesas dos nordestinos é celebrado mundialmente hoje

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Presente na mesa de milhões de brasileiros, o cuscuz é um dos principais pratos no mundo. Na mesa dos nordestinos, o clássico que também é um símbolo cultural da região, aparece em diversas apresentações, podendo ser servido com manteiga, ovo, leite, carne de charque ou de sol, bode e galinha guisada, banana amassada e tantas outras combinações. Tão versátil quanto necessário, o cuscuz teve sua importância reconhecida em dezembro de 2020, quando o Comitê de Patrimônio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) declarou o alimento como Patrimônio Imaterial da Humanidade, sendo o Dia Mundial do Cuscuz celebrado, anualmente, no dia 19 de março. No Brasil, o cuscuz foi trazido pelas mãos dos colonizadores portugueses que, por sua vez, já haviam importado a iguaria dos países árabes. Uma vez em território nacional, o alimento foi adotado pelos povos indígenas. Durante o processo de colonização, o cuscuz era uma comida destinada aos pobres, escravos e bandeirantes por conta do fácil preparo e por render bem. O prato também era servido a animais. Após a popularização, a região Nordeste tornou o prato como seu, onde foi elevado ao status de alimento mais tradicional da região. Rui Galdino, que possui um restaurante no Mercado da Torre, em João Pessoa, serve aproximadamente 300 refeições por dia, entre café da manhã e almoço, tendo como carro-chefe, o cuscuz. “Os mais pedidos são o cuscuz com rabada ou cuscuz com bode. Começo a servir a partir das 5h da manhã e só paro depois das 3h da tarde. A comida que mais pedem é cuscuz”, afirma. Gilmar Santos é um dos clientes fiéis do Mercado da Torre e é presença constante na praça de alimentação. “Não pode faltar cuscuz no meu café da manhã, se não for do mercado, vai ser em

casa”, disse Gilmar enquanto terminava de saborear seu cuscuz com bode. Já Noberto de Paiva, conhecido como Zebrinha, de Cruz do Espírito Santo, parou para “forrar o estômago” em João Pessoa antes de cumprir seus compromissos em João Pessoa. Gilmar e Noberto fazem parte do contingente de paraibanos que consideram o cuscuz como alimentação indispensável e diária. Mas será que consumir cuscuz diariamente traz algum risco para a saúde? Quem responde é o nutricionista Henrique Nóbrega, que ressaltou a versatilidade do alimento também no âmbito nutricional. “Ao contrário do que muitos pensam, o cuscuz pode ser um grande aliado no emagrecimento, desde que sejam observadas as proporções e individualidades de cada pessoa. O cuscuz é um alimento do Oiapoque ao Chuí, enfatizou. Além das fibras e carboidratos essenciais, o cuscuz também possui vitamina B6 e minerais como ferro, potássio, cálcio, magnésio, fósforo e zinco. Apesar de ser um alimento acessível, saboroso, que “aceita” todo tipo de combinação, o cuscuz possui algumas contra-indicações. “Pessoas com diabetes descompensada ou descontrolada precisam ter atenção. Em casos de gastrite ou problemas intestinais como a Síndrome do Intestino Irritável (SII), o consumo deve ser observado já que algumas pessoas podem apresentar sensibilidade ao alimento, e é preciso entender o contexto geral de alimentação e saúde de cada indivíduo”, afirmou Henrique Nóbrega, ao ressaltar a necessidade do acompanhamento médico em cada caso. “O cuscuz pode ser considerado um alimento fundamental no dia a dia do nordestino, além de ser extremamente versátil, conseguindo estar presente do café da manhã ao jantar. É um alimento que está na mesa de todas as classes sociais e faz parte da nossa história. Devendo ser preservado e valorizado na mesa”, disse o nutricionista.

“
O cuscuz
pode ser
considerado
um alimento
fundamental
e versátil, que
faz parte da
nossa história.
Devendo ser
preservado e
valorizado

Henrique Nóbrega



Foto: Evandro Pereira

As rotinas de Gilmar Santos e de Noberto de Paiva só se completam com um bom prato de cuscuz

Colonizações deixaram legado na difusão

A origem do cuscuz é antiga e não há um consenso sobre sua origem exata, mas alguns documentos revelam sua existência já durante o Império Romano, em Maghreb de 300 a.C. a 200 a.C. na região conhecida como África Menor e que, hoje, contempla a Argélia, Tunísia e Marrocos. Pesquisas indicam que, em algum momento entre o final do Reino Ziri da (972 – 1148) e o começo do Califado Almóada (1121 – 1269), o povo berbere desenvolveu o que se conhece hoje como cuscuz marroquino, preparado tradicionalmente com sêmola de trigo, mas que pode ser feito de cevada, arroz ou sorgo, todos cozidos no vapor. Assim como o cuscuz nordestino, a versão marroquina pode ser servida com acompanhamentos salgados ou doces, e nesse caso é comum incluir açúcar e frutas secas. O povo berbere foi o responsável por “apresentar” o cuscuz aos portugueses e espanhóis, a partir das grandes navegações e a prática do escambo, quando os povos colonizadores entravam em contato com novas so-

iedades e promoviam a troca de especiarias. Na Espanha, durante o período da inquisição, o cuscuz foi banido como símbolo de comportamento muçulmano. Já o cuscuz “israelense” ou “graúdo” é na verdade uma massa inventada em Israel em 1950, feita com farinha de trigo duro e moldada em bolinhas, tostada no forno e servida como guarnição. Chegando ao cardápio brasileiro através dos colonizadores portugueses, em meados do século 16, a receita que originalmente era feita de trigo e sêmola recebeu o toque dos povos

originários do Brasil, utilizando ingredientes que estavam presentes de forma abundante nas terras tupiniquins. Pela extensão territorial, o país também possui suas versões do cuscuz que são resultado das adaptações. Até mesmo dentro do próprio Nordeste, o tradicional floção de milho não é unanimidade, possuindo variações. Na culinária tradicional da região Norte, a base da massa é feita com farinha de milho e farinha de mandioca; no Maranhão, o cuscuz leva flocos de arroz com goma de tapioca.

O famoso 40, tradicional no estado do Piauí, leva no seu preparo leite de coco, açúcar e erva-doce. Há ainda o cuscuz paulista, que recebe tomates, cebola, pimentão, ovos cozidos e camarão em seu preparo. Independente das adaptações e acompanhamentos, o cuscuz é o alimento que possui maior poder de presença nas mesas das famílias nordestinas, principalmente pelo valor do produto, ultrapassando gerações e conquistando corações pelo sabor, praticidade e benefícios nutricionais.

Foto: Reprodução/Pixabay



Além da variedade na apresentação do floco em todo o mundo, o cuscuz também é diverso no país. Do Oiapoque ao Chuí, regiões do Brasil possuem tradições específicas com o alimento

PLANTANDO FUTURO

Cajucultura é aposta no Sertão

Governo do Estado e pesquisadores incentivam produtores do fruto que atuam na agricultura familiar



Agricultores sertanejos receberam orientações sobre o manejo adequado da espécie



Pragas e possíveis problemas também foram apresentados aos futuros produtores



Fotos: Iere Caindre

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

Agricultores de Patos, no Sertão da Paraíba, serão beneficiados com mudas de cajueiro-anão precoce até o final deste mês. A iniciativa é uma parceria do município com o Governo do Estado, dentro do Programa de Recuperação, Expansão e Fortalecimento da cajucultura, que busca alternativas para desenvolver a agricultura produtiva do fruto em municípios mais quentes do estado, visando a geração de emprego e renda para o homem do campo nos próximos três anos.

Ao todo serão implementadas 950 mudas da espécie BRS 226 em seis hectares de terras distribuídas pelas comunidades de Patativa do Assaré, Campo Comprido, Mucambo, Trincheiras, Fechado e Riacho da Catingueira.

“É uma expectativa bastante promissora do cultivo do caju, porque é uma cultura em que tudo se aproveita, desde a amêndoa até a polpa. O bagaço do caju também é aproveitado, então os produtores veem isso como um ponto positivo para o fortalecimento da cajucultura”, destacou o secretário de Agricultura de Patos, Ferré Maxixe.

O agricultor Lino Ferreira, morador do Sítio Campo Comprido, localizado a cerca de 10km do Centro de Patos, viu no cultivo de caju uma fonte de renda que enriquece a agricultura familiar. “O cajueiro-anão precoce é bem mais prático de manejo e aproveitamento dos frutos. E o principal é que ele é resistente à seca,” revelou o agricultor.

Além dos clones, as nove famílias beneficiadas pelo programa passaram por uma capacitação quanto ao cultivo e tratamentos culturais, a fim de garantir uma prática rentável e produtiva. As orientações foram dadas pelos pesquisadores da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural, Regularização Fundiária (Empaer), Pedro Paulo

Bezerra da Silva e Ivonete Berto Menino.

O curso foi realizado em dois dias com partes teóricas, realizadas na Universidade Federal de Campina Grande, em Patos, e a prática no sítio Poços, em Teixeira.

Segundo a pesquisadora da Empaer, Ivonete Menino, a produção de caju permite a consorciação com outras culturas na mesma área, sem prejudicar a produtividade do solo, seguindo a orientação técnica.

“Com esse sistema de produção, o produtor rural terá melhor aproveitamento do solo, manutenção e melhoramento das propriedades físicas, químicas e biológicas do solo, além de diminuir a incidência de doenças, pragas e ervas daninhas. Outra vantagem é a redução de solo por erosão e aumento da renda do produtor,” destacou.

■ Além do suco, a espécie de caju-anão pode produzir até 470kg de castanhas por ano, aumentando a renda das famílias

Espécie é mais tolerante à escassez de água

O Engenheiro Agrônomo da Secretaria da Agricultura da Patos, Iere Caindre, explicou que a variedade BRS 226 foi escolhida por ser mais tolerante à pouca oferta de água em períodos de seca prolongada e mais resistentes à resinosidade, doença causada pelo fungo *Lasiodiplodia theobromae* que diminui a produção das plantas de cajueiro.

“Outro benefício importante do cajueiro-anão é a possibilidade de realização da colheita manual devido à baixa estatura da planta, permitindo a comercialização do pedúnculo para a produção de cajuína, sucos, doces e outros produtos que ampliam a renda do produtor,” ilustrou Iere Caindre.

O principal produto do cajueiro (*Anacardium occidentale* L.) é a amêndoa da castanha de caju, localizada no interior da castanha, de onde também é extraída a película que reveste a amêndoa, rica em tanino e utilizada na indústria química de tintas e vernizes.



Pesquisadores da Embrapa realizaram curso teórico e prático sobre a espécie e seu manejo

Da casca da castanha, extrai-se o líquido que é usado na indústria química e de lubrificantes, curtidores, aditivos, entre outros, sendo o resíduo da casca utilizado como fonte de energia nas indústrias, por meio da queima em fornalhas. A cadeia produtiva da castanha de caju apresenta dois grandes mercados complementares, um de castanha de caju com casca e outro de amêndoa de castanha de caju.

O programa contemplará os agricultores familiares com a distribuição de mudas de caju, cultivar BRS-226, de alta produtividade. Um hectare de BRS 226 com três anos de idade poderá fornecer até 470kg de castanha por ano.

Na primeira etapa do programa, serão disponibilizadas para a região do Sertão um total de 210.312 mudas para o plantio em módulos rurais de até dois hectares, atendendo às famílias agricultoras, assentados da reforma agrária,

quilombolas, indígenas, mulheres e jovens rurais, entre outros, em quantitativo de 20 famílias por municípios.

A cajucultura é uma das atividades de grande valor econômico e social para o Nordeste. Sua importância social é caracterizada pela geração de emprego e renda para a população rural durante a estação da seca. Do caju tudo se aproveita: o suco, o bagaço, a castanha, a casca da árvore, as folhas, as flores e a madeira. Do suco, prepara-se um refresco ou o fermentado vinho de caju.



Cajueiro-anão distribuído pelo projeto, tem alta produtividade mesmo durante longos períodos de estiagem

COMPORTAMENTO HUMANO

O lado bom e ruim de sentir saudade

Segundo psicóloga, o sentimento de afeição é importante, mas deve se assentar para não se tornar patológico

Nalim Tavares
Especial para A União

É seguro dizer que a saudade é uma experiência universal, que todos nós estamos sujeitos a sentir à medida que vivemos e nos afeioamos às pessoas, às conquistas e aos momentos. Podemos sentir saudade de entes queridos que já partiram, de amigos de longa data que estão longe de nós, e até mesmo de uma época passada ou de um lugar distante, como memórias da infância e uma viagem repleta de boas experiências. Por isso, a saudade existe para nos lembrar de manter por perto quem amamos, e pensar com carinho nas pessoas e tempos que se foram.

Para a psicóloga Livia Martins, o conceito de saudade traz uma série de discussões importantes, que devem ser levadas em conta para que o sentimento nostálgico possa ser sentido de forma saudável, sem prejuízos para o bem-estar físico e mental de quem o sente. Ela diz que “a saudade é um sentimento importante, uma forma de sentir carinho, mostrar afeição, permitir que outras pessoas deixem em nós uma marca querida, um sinal de que vivemos juntos e sentimos falta um do outro. Mas é preciso ter cuidado, porque toda saudade deve assentar, se tornar amena e não patológica. Precisamos sempre seguir em frente, ser emocionalmente independentes.”

Livia explica que a independência emocional não significa se afeioar menos ou amar com pouca intensidade, pelo contrário. “Significa ser capaz de continuar, de seguir com a vida e ser feliz, mesmo sentindo saudade de alguém com quem não podemos mais estar. A saudade existe como uma prova de que amamos, não como uma sentença, para nos deixar doentes. E é preciso ter muito cuidado para não romantizar a dor.”

A estudante de artes visuais, Amélia Rodriguez, de 22 anos, conta que perdeu o pai há um ano e cinco meses, e que foi difícil perceber que seu luto tinha se tornado patológico. Ela deu início a terapia há dois meses, e fala que, agora, percebe como seu comportamento vinha sendo afetado pela saudade. “Eu não me conformava, e isso me deixava com raiva. Meu pai era muito novo, parecia saudável, e a morte foi natural e súbita. Por um tempo, eu me isolei mesmo. Depois, fiquei irritada, e, depois, triste de novo. Era como se eu não tivesse o direito de ser feliz sem ele.”

“Tanto eu quanto minha família pensamos que era normal, que o luto era assim mesmo, que não tinha um prazo, mas que ia passar um dia, se me dessem espaço e tempo”, diz Amélia. “Mas a verdade é que não foi bem assim. Eu não estava melhorando, estava sentindo cada vez mais falta, me preocupando demais, e com aquela dor que

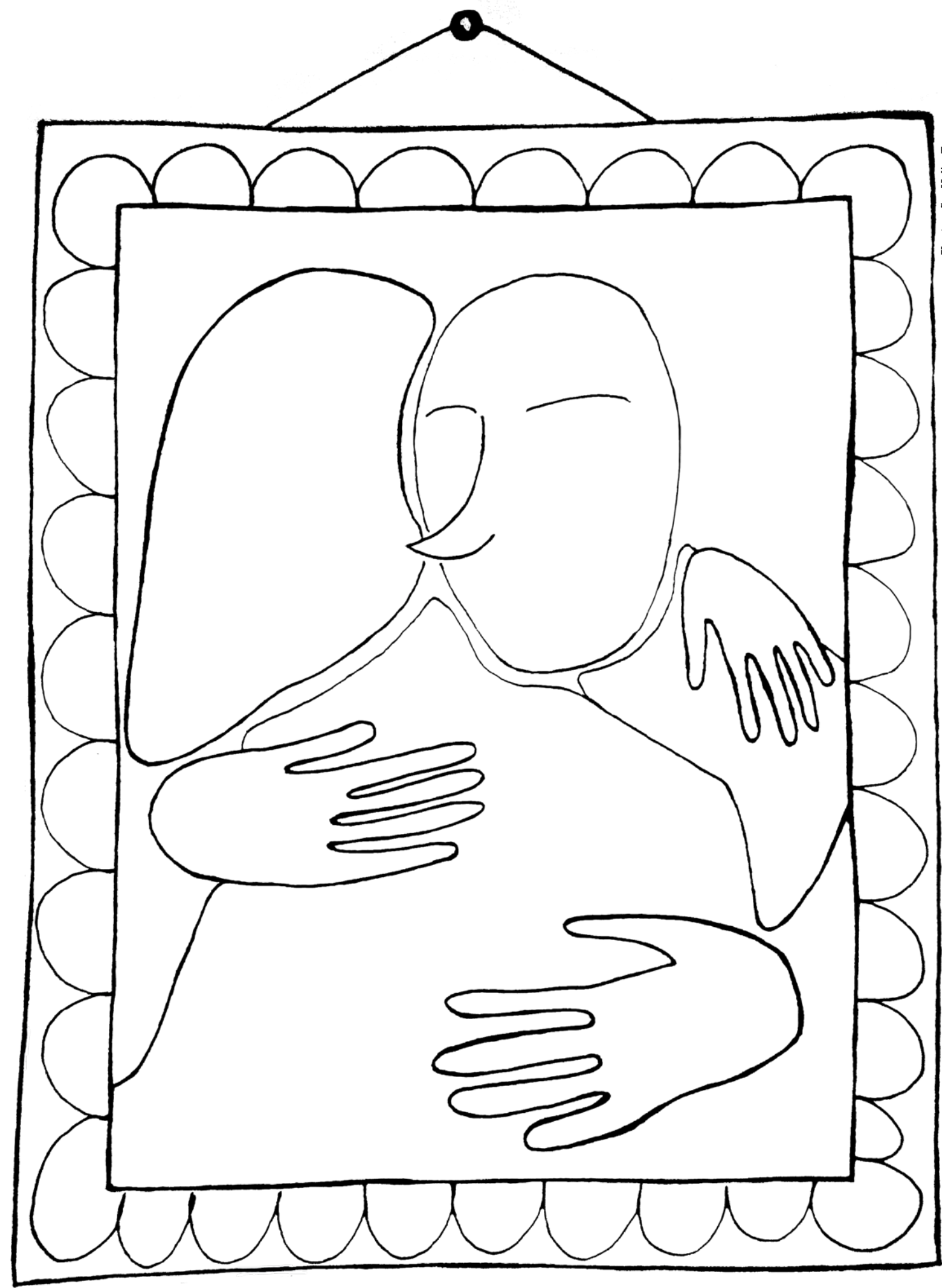


Ilustração: Nalim Tavares

Demonstrações de carinho e afeição de forma nostálgica são importantes por representar a vivência e os afetos na vida social

a gente sente por dentro quando algo ruim acontece, aquela que parece um peso crescendo no peito. Foi a minha cunhada que achou que não era normal, e passou dias me pedindo para deixar que ela me levasse ao psicólogo.”

Uma vez na terapia, Amé-

■ Quando a saudade está relacionada ao luto, a recomendação é buscar ajuda profissional

lia começou um processo de análise que, para ela, tem sido esclarecedor. “Notei que tinha alguns motivos no passado para não querer deixar o meu pai ir, e meu apego a isso estava me impedindo de seguir em frente, o que não era justo comigo, e acho que nem com ele. Acho que

sempre vou sentir saudade do meu pai, mas essa saudade está suavizando agora. Estou me acostumando com ela, reagindo, retomando atividades, voltando a ser a pessoa que sou, buscando alegrias.”

Segundo Livia Moreira, de fato não existe um tempo certo para a duração de um luto. “O que existe é um processo de superação da saudade que, normalmente, vai assentando à medida que passamos pelos estágios do luto. Quando ficamos presos à saudade e ao sofrimento que pode vir com ela, presos ao sentimento de perda, paramos de viver a nossa própria vida e precisamos de ajuda.”

A psicóloga acredita que, por vezes, pode ser difícil perceber quando precisamos de auxílio para superar o luto, justamente porque estamos acostumados a romantizar algumas dores. “Existe essa ideia de que a dor que sentimos por alguém está associada ao amor que sentimos por essa pessoa, mas não é assim que as coisas funcionam. Tudo precisa de uma medida, e nenhum excesso é saudável. Para amar alguém, mesmo

alguém que perdemos, precisamos de carinho, daquela nostalgia deixada pelas lembranças boas, mas não de dor e de apego obsessivo ao passado.”

Para Livia, existem dois tipos de nostalgia. Um deles é quando a saudade de algo nos prende àquilo que já passou, e nos deixa imersos em melancolia. O outro, é quando, apesar de conectadas ao passado, as nossas lembranças e sentimento de saudade remetem à realização da nossa história de vida, à participação que pessoas e lugares tiveram na formação de quem somos hoje, e ao carinho e sensação de pertencimento que sentimos ao visitá-las na memória, sem amarras e com a consciência de que existe muito mais esperando por nós no futuro.

“Esse último caso”, ela diz, “é na verdade um exercício de autoconhecimento. Não podemos nos prender ao passado, claro, mas tudo o que vivemos nele compõe a pessoa que somos atualmente, e lembrar, sem ficar preso na memória, é uma forma de nos conhecer. Existe esse lado positivo da nostalgia, que considero até saudável.”

Grávida do primeiro filho, a professora Sophia Lemos, de 31 anos, tem revisitado o passado com o que descreve como afabilidade. “Quando eu era criança, passava todos os domingos em família na casa de alguma avó, ou de uma tia-avó. Eu tenho muitos primos, e não vejo alguns há muito tempo, mas a famí-

“
A saudade existe como uma prova de que amamos, não como uma sentença, para nos deixar doentes

Livia Martins

lia inteira está se movimentando para vir me visitar antes do nascimento, com presentes para o bebê.” Sophia diz que, quando pensa na infância que teve, “a saudade é, na verdade, muito carinhosa. Uma daquelas lembranças que colocam um sorriso no nosso rosto, e eu não paro de pensar que quero que o meu filho tenha experiências tão boas quanto as que tive, com todas as viagens e momentos familiares. Me sinto confortável ao pensar no passado. Acho que essa saudade indica que tive uma vida boa, que estou vivendo minha vida de uma forma que gosto e que me traz afetos.”

Para Sophia, esse é o tipo de saudade capaz de reaproximar pessoas. “Acho que, assim como eu, meus primos sentem falta das nossas reuniões, das brincadeiras, das fofocas em volta da mesa de vó. Acho que foi esse sentimento que fez com que cada um deles ficasse tão determinado a vir me visitar agora. Nossas vidas nos levaram para muitos caminhos diferentes, mas sentimos falta uns dos outros e só precisamos de uma lembrança, às vezes de um pretexto, para ficar juntos.”

Livia Martins diz que a saudade tem, sim, esse poder de reunir pessoas que se amam. “É um sentimento importante para entender nossos afetos, e nos ajuda a manter contato com pessoas queridas”. O caso de Sophia, explica a psicóloga, é um bom exemplo. “Uma família se reaproximando para que a nova geração possa ter a mesma experiência gostosa que eles tiveram de crescer juntos, que foi tão boa que eles sentem saudade. Ou o nosso coração se alegrando quando recebemos mensagem de um amigo não visto há muito tempo, porque ele lembrou de nós e sentiu nossa falta, e todas as memórias boas que vocês tiveram juntos voltam e te alegram. Isso tudo é sobre saudade.”

O sentimento de saudade é tão forte que, no Brasil, ganhou até um dia anual, celebrado em 30 de janeiro. É o nome de uma rua em João Pessoa, no Roger, perto do Parque Zoobotânico Arruda Câmara, e também de uma outra rua em Recife, no estado de Pernambuco, e em Natal, no Rio Grande do Norte. É até nome de música alegre de Ivete, que diz que a “Rua da Saudade chega arde de amor”.

“Saudade é, para o bem ou para o mal, uma força poderosa”, conta Livia Martins. “Mas cabe a nós decidir o poder que ela vai ter. A saudade pode ser melancólica, mas não precisa ser. Ela pode ser uma experiência de carinho, uma chance de reencontro, um motivo para fazer mais uma vez aquela viagem. Pode até ser o motivo que nos levou a repensar uma atitude do passado, reconhecer um erro, pedir desculpas, tentar de novo. Pode ser uma experiência das mais interessantes, desde que tenha medida.”

RECURSOS NATURAIS

Imaculada descobre o ecoturismo

Cidade tem se destacado pela qualidade do ensino público e investido na vocação para o turismo ecológico



Município possui uma diversidade de rochas que tem atraído vários visitantes para a prática de camping

Fotos: Saulo Tarcísio/Divulgação

Taty Valéria
tatyanaivaleria@gmail.com

Manoel Coleta da Silva possuía uma fazenda na região do município de Teixeira. O local, denominado de Queimada do Silva, em virtude de um incêndio ocorrido em 1875, servia de ponto de apoio para tropeiros e mercadores que vinham do Vale do Piancó e Vale do Pajéu. Em 7 de janeiro de 1877, um domingo, Manoel Coleta improvisou uma feira livre para que os moradores da região do Queimada da Silva, o que levou muitas famílias a estabelecerem moradia na fazenda. O que era apenas uma feira aos domingos, se tornou um pequeno vilarejo e em 8 de dezembro de 1884, o frade Frei Serafim renomeou o local para Imaculada, em homenagem à santa do dia, Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Mas foi apenas em 1965 que Imaculada deixou de ser distrito de Teixeira e alcançou o *status* de município.

Localizada na região do Sertão do estado, Imaculada possui uma população estimada em 11.819 habitantes, de acordo com o Censo do IBGE de 2019, e faz divisa com os municípios de Catingueira, Mãe D’água, Matutéia, Olho D’água e Água Branca, além de Santa Terezinha e Tabira, que ficam no estado de Pernambuco. Na data em que se comemora a emancipação política do município, 4 de janeiro, é realizada a maior festa da cidade, um evento que agrega celebrações religiosas, com missas e cultos, e apresentações culturais em quatro dias de festejos.

Ecoturismo

Como a maioria das cidades do interior do Nordeste que possuem clima do Semiárido e de vegetação predominantemente da Caatinga, Imaculada tem como sua principal atividade econômica o comércio local, porém, por possuir uma grande área de formações rochosas e cachoeiras, vem atraindo cada vez mais visitantes que

Município passou a ser reconhecido como cidade apenas em 1965, quando deixou de ser distrito de Teixeira

buscam o turismo de aventura e ecoturismo, exemplo da Pedra do Sol, lajedo bastante procurado por adeptos do *camping* e que proporciona um pôr do sol privilegiado.

A Pedra do Sol é um dos locais preferidos de Tarcísio Saulo, fonoaudiólogo e produtor cultural. Apesar de ser natural de Santa Terezinha, passou toda a infância visitando a zona rural de Imaculada. “Cheguei a morar quatro anos em Imaculada, meu pai é de lá e minha mãe é de Santa Terezinha, todos se conhecem e considero as duas cidades como se fossem uma só. Hoje, visito muito os pontos de ecoturismo, especialmente, a Pedra do Sol e a Cachoeira do Ó, que são lugares ótimos, mas que precisam ser melhor estruturados para receber turistas”.

Cercada de mata nativa, a Cachoeira do Ó é uma das principais atrações turísticas de Imaculada e é formada por várias quedas d’água que se formam em paredões de pedra durante as temporadas de chuva e quando não há seca prolongada. Outro ponto bastante procurado é a Pedra da Santa, uma curiosa imagem “desenhada” num paredão de pedra e que remete à Nossa Senhora da Imaculada Conceição. A devoção à santa padroeira se reflete na Pedra do Cruzeiro, outro ponto de visitação turística, que se localiza num dos pontos mais altos da cidade e possui uma pequena capela e o Santuário dos Arcanjos, onde fiéis e peregrinos costumam pagar promessas.



Pedra do Sol (à esq.) tem sido muito procurada por turistas. Outro atrativo muito frequentado é a Cachoeira do Ó (acima e à dir.)

Investimentos concentrados na educação

O município de Imaculada possui 16 unidades educacionais entre escolas da rede estadual, municipal e particular. Entre as estaduais, são três escolas que oferecem Ensino Fundamental e Médio. Como forma de aprimorar a estrutura educacional em Imaculada, já está em processo de licitação para a reforma e ampliação da Escola Cidadã Integral e Técnica Maria do Socorro Ramalho Quirino, no valor de R\$ 3.971.497,24.

A enfermeira Rucielly Jaiadna Alves Silva, que nasceu em Patos, mas reside em Imaculada desde muito pequena, só morou fora da cidade durante o período que cursou Ensino Superior. “Cresci no povoado de Santo Aleixo, lugar pequeno e acolhedor. Nunca pensei em sair

daqui, até porquê minhas raízes são neste lugar. Com o passar dos anos, tive que morar fora para poder fazer faculdade e depois de formada, retornei e comecei a perceber o quanto a cidade evoluiu. Temos um bom comércio, uma saúde bem assistida, boas escolas e espero não sair daqui, um lugar tranquilo e de pessoas hospitaleiras e de princípios”.

Perfil

A principal atividade econômica de Imaculada é o comércio local



Pedra da Santa atrai turistas e curiosos. Paredão rochoso tem curiosa imagem que remete à Nossa Senhora da Imaculada Conceição



Romance cantado sempre foi tema dos estudos e pesquisas na cultura tradicional da escritora e professora Clotilde Tavares, que resolveu produzir o 'podcast' destinado a um público comum

Romanceiro vivo para ouvir

Escritora e pesquisadora paraibana Clotilde Tavares estreia uma produção em formato de 'podcast' com oito episódios que fazem homenagem ao romance cantado medieval

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Pelo Nordeste, “romance” tem outro sentido. Ele não tem obrigatoriamente relação com escrita ou literatura. Pode até ser música. Porque romance é uma narrativa, um “Era uma vez” que veio da Península Ibérica do período medieval e que por aqui encontrou terreno fértil para se irradiar pela boca do povo. Romance é como a história de ‘Juliana e Dom Jorge’, uma brincadeira dramatizada numa roda infantil quase como uma ópera. Nesse faz de conta lúdico, Juliana mata Dom Jorge por não ter seu amor correspondido. E todos cantam. Embora localizada em um cenário sertanejo, os enredos tratam de reis, príncipes, princesas e castelos, em uma nítida inspiração portuguesa e espanhola.

É dessa rica tradição que influenciou o imaginário cultural nordestino que trata o *podcast* Ro-

manceiro Vivo, da escritora, dramaturga e professora paraibana Clotilde Tavares. Ela lança a série de oito episódios, com cerca de 20 minutos cada, a partir de hoje, dia de São José e aniversário da romancieira Dona Militana Salustino do Nascimento (1925-2010), considerada a maior guardiã da memória desses romances medievais. Após o lançamento, os episódios serão disponibilizados nas sextas-feiras, a partir das 10h. Em cada programa é exposto um tema, que é encerrado por romances como ‘A Bela Infanta’, ‘Rainha e Cativa’, ‘Flor do Dia’ e ‘Donzela Guerreira’, cantados por Clotilde e acompanhado pela rabeca do potiguar Caio Padilha.

“O romance cantado sempre foi tema dos meus estudos e pesquisas na cultura tradicional. Fiz inúmeras palestras sobre o tema, dava aulas, ia a campo gravar as romancieiras, colocava romances na boca dos personagens das minhas pe-

ças. Aí, de uns anos pra cá, começaram a me pedir pra ‘montar um curso’ sobre o assunto. Resolvi, em vez de um curso, fazer um *podcast* porque gosto desse tipo de mídia, que podemos ouvir enquanto fazemos outra coisa e, para mim, é mais cômodo porque não depende da imagem, não precisa de cenário, nem de maquiagem, nem de todos aqueles aparatos da câmera e da filmagem que pra mim sempre são complicados”, explica Tavares.

Apesar de ser uma estudiosa do tema e ter muitos trabalhos acadêmicos publicados analisando todos os aspectos do romanceiro popular, a linguagem que Clotilde Tavares apresenta em seus programas é destinada a um público comum, curioso por esse universo fantástico. “Escolhi os que eu mais gostava, porque os ouvia quando criança das minhas tias e outras mulheres que frequentavam a casa dos meus pais, em Campina Grande, nos anos 1950. Fiz com

tom afetivo e vi depois que todos eram histórias de mulheres, desde a amante desprezada que se vinga do sedutor, a infanta (filha do rei) entediada que seduz o belo criado, a estrangeira que morre de parto por falta de quem a ‘acuda’, a menina sacrificada nas montanhas, a donzela que se veste de homem e vai à guerra...”

Essa proeminência de enredos femininos advém da consequência direta provocada pelo fim das cortes e dos menestrelis, o que levou essas narrativas a se recolherem ao interior dos lares e se tornaram uma tradição ligada mais às mulheres. Além dessa perspectiva singular, o que há em comum entre as histórias que circulam desde o século 17 ou 18, é que todas elas são de autoria anônima e foram transmitidas através de gerações por meio da oralidade: a avó canta para a mãe, que canta para a filha, que canta para sua filha... Foi assim até chegar às tias de Clotilde, em Campina Grande, e que ela agora canta em uma plataforma tecnológica digital, disponível em todos os *streamings* de música. Mais do que cantar, a escritora paraibana esclarece em seus programas alguns equívocos que pessoas leigas cometem ao se referirem aos romances. É que geralmente elas tendem a colocar qualquer produção em versos oriunda do Nordeste sob o título de “cordel”.

“É uma redução que empobrece muito a nossa cultura oral, pois temos, além da literatura de cordel, o próprio romance cantado (tema do *podcast*), a cantoria de viola ou repente (que é outra coisa), o conto, o poema popular, as adivinhas e parlendas, os cânticos de trabalho, as fórmulas de rezer e curar, a parte recitada e dramatizada dos folguedos como bumba-meu-boi, por exemplo, as cantigas de roda... É coisa! Quem sabe eu não faço umas séries de *podcasts*

sobre elas?”, especula a profissional, que ensina ainda nos episódios o que são versos de sete sílabas e os truques para entender uma redondilha maior.

Vivendo em Natal (RN) desde 1970, Clotilde Tavares é irmã do escritor e músico Braulio Tavares. Já publicou mais de 15 livros e é autora de peças de teatro, biografias e ensaios, além de articulista de revistas digitais e *blogs*. Filha de pai jornalista e poeta, seu avô seguia igualmente os mesmos ofícios. Já a mãe cumpria com as obrigações do lar, mas também gostava de ler e falava muito sobre o que lia. Desse ambiente, a habilidade que Clotilde mais desenvolveu foi a de contadora de histórias. E é isso que ela vai levar ao *podcast*, mantendo o mesmo encanto que tinha ao ouvir os romances populares. “Passei a vida convivendo com pesquisadores e mestres que me orientaram e artistas que me inspiraram. Sou apaixonada por esse tema e senti uma carência desse conteúdo de forma acessível. Os ouvintes não precisam ficar atentos a nada: basta se entregarem a esse voo nas asas da poesia. Agora que estudei o fenômeno cultural, fico mais encantada ainda com a riqueza. E choro, quando canto os romances tristes”, finaliza Clotilde Tavares.

Foto: HL Filmes/Divulgação



Um dos episódios é dedicado à Militana Salustino do Nascimento, mais conhecida como Dona Militana (1925-2010), considerada a maior guardiã da memória dos romances medievais



Através do QR Code acima, acesse o canal do YouTube de Clotilde Tavares

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Futebol e humilhação

Anos atrás costumava jogar futebol com meus amigos na quadra dos Funcionários II, em João Pessoa. A pelada começava por volta da meia-noite e se estendia pela madrugada. Durante certo tempo, os rapazes das favelas próximas ao bairro também desciam para jogar nesse horário. O que se seguia era uma espécie de luta simbólica pelo reconhecimento entre jovens de diferentes classes.

Os rapazes da favela até que tentavam ganhar os jogos antes mesmo deles começarem. Entre suas armas estavam os gritos de guerra “intimidadores”: “Uh! Favela é o terror!”, “Ah! Favela é quem manda!” ou “Eh, Eh! Favela é poder”. O detalhe é que nunca ocupavam o mesmo espaço que a gente. Sentavam-se no outro lado da quadra. Para evitar confusões entre os dois grupos pelo uso daquele espaço de lazer, convencionou-se que o direito de jogar as próximas partidas seguisse uma lógica de alternância. Esta contemplava um time de cada lado da quadra e as composições dos times ficavam a critério de cada grupo. Raramente se formavam times mistos. Em ambiente como esse as gozações são pouco toleradas, constituem ofensas morais que podem desencadear “derramamento de san-

gue”. É como se os jogos ocorressem num campo minado.

Para o sociólogo e professor da Universidade de Los Angeles Jack Katz, a humilhação é uma emoção que guarda maiores semelhanças com a ira do que com a vergonha. Na humilhação perdemos o controle sobre a nossa própria identidade, que é submetida ao ridículo. Ela não mais nos pertence. A humilhação difere assim da vergonha. As pessoas humilhadas não se acham merecedoras de repreensão ou do opróbrio comum aos comportamentos amorais. Pelo contrário, pensam que foram injustiçadas. É possível, lembra Katz, dizer que “sentimos vergonha de nós mesmos”, o que não acontece com a humilhação. Não dizemos: “Fiquei humilhado de mim mesmo”, mas “fui humilhado por...” Nesse último caso existiria uma tentativa deliberada dos outros para nos rebaixar.

Vejamos como essa ideia pode ser aplicada aos jogos de futebol informais. É certo que em algum momento dribles desconcertantes possam ser encarados como uma ofensa, sobretudo quando precedidos de gozações. A coisa piora quando os jogadores de gerações diferentes estão em campo. Os mais velhos geralmente não acei-

tam perder para os mais novos, menos ainda se tornarem alvo de chaticotas por causa de dribles. Entradas faltosas e arbitragens duvidosas dificilmente serão encaradas como lances casuais se forem acompanhadas por gozações da plateia. Elas tendem a inflamar os ânimos.

Um complexo processo de trabalho emocional surge daí como meio de gerenciamento das emoções. O alvo das gozações pode aguentar calado ou responder com outras gozações e xingamentos. Tudo dependerá de como vai gerir o que sente e dos significados atribuídos ao acontecimento. Pode vir a revidar com faltas, “catimba” e outros ardis típicos ao jogo. Casos extremos em que o sentimento de humilhação toma conta do indivíduo, a ponto de que não veja alternativa para reparar a sua imagem, muitos partem para agressões físicas. A ideia é a de que na companhia de amigos a imagem moral tivesse um valor ainda maior e que as expectativas de cooperação e reconhecimento se transformassem num imperativo. A deterioração de nossa imagem moral reclamaria uma reparação. A violência, portanto, seria o meio de restauração da sacralidade moral da pessoa. A *ultima ratio*.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Terror e compaixão

As peças que apresentam romances trágicos, geralmente, caracterizam-se por transmitirem temas que são intensamente impulsionados pela paixão, e os seus personagens são amaldiçoados através de uma cultura que expressa comportamentos invioláveis de uma sociedade cruel. Nessas tragédias, a morte torna-se a concretização do amor. Muitas delas usam o princípio clássico quando afirma que o personagem mais importante deve ter um caráter admirável, mas imperfeito, e o público precisa compreendê-lo e simpatizar-se com ele. Esse fundamento foi apresentado pelo filósofo e polímata da Grécia Antiga Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) na sua obra *Arte Poética*, que se divide em duas partes. A primeira desenvolve um conceito de poesia como imitação de ações e de realidade. A segunda estuda a tragédia, que trata da imitação “dos caracteres, das paixões e das ações humanas”. Também, “de felicidade e de infelicidade”. E para produzir o terror e a compaixão é necessário que o público se identifique com as situações apresentadas no palco ou no texto, desde que provoque no espectador o sofrimento idêntico ao apresentado pelos personagens. Essa assimilação do público aos fatos narrados é chamada por Aristóteles de *mimesis*, a qual, deve provocar a *kátharsis*, isto é, a “purgação dos sentimentos de terror” e de “compaixão por parte dos observadores”.

Aristóteles apresenta a veracidade do trágico – através da imitação das paixões – ao utilizar a música, a dança e o espetáculo teatral com a finalidade de excitar o terror e a compaixão no espectador. Esse prazer deve ser alcançado num final terrível de uma peça, a qual se destina um personagem quando é punido por sua intensa paixão vulcânica, e por desobedecer às normas sociais. Por isso, observa-se que é um clímax que surge da vivência da dor através da mediação da arte, e consiste no ensinamento a que se propõe a tragédia para a qual, segundo o filósofo, “o fim que se pretende alcançar é o resultado de uma maneira de agir e não de uma maneira de ser”. Neste sentido, esse gozo-doloroso – a “catarse” – pode tornar-se para alguns a própria purificação; noutros, a sua purgação. Os estudos sobre a poética aristoté-



Dramaturgo inglês Shakespeare (1564-1616)

télica continuam sendo necessários para conhecer o funcionamento e o impacto da tragédia nos dias atuais, e nos últimos séculos. Especialmente quando se tratam das análises relacionadas as falhas existenciais e psíquicas do ser humano.

No século 17, William Shakespeare (1564-1616), poeta, dramaturgo e ator inglês, escreveu tragédias. Uma de suas primeiras peças romanas foi a tragédia *Titus Andronicus* (1592), considerada a mais sangrenta de todas. Na trama, Titus, um poderoso general da Roma Antiga, volta triunfante da guerra contra os Godos. No entanto, se recusa em se tornar imperador, e as sucessivas mortes decorrentes da disputa pelo trono desencadeiam uma onda de vingança sem fim. As cenas são chocantes por apresentarem decapitações e mutilações, além de um estupro e de uma cena de canibalismo involuntário, tudo isso torna uma das mais violentas peças shakespearianas. Logo após dessa, surgiu *Romeu e Julieta* (1592), que narra sobre a paixão de dois adolescentes, cujo suicídio deles unem suas famílias rivais.

Outras peças de William Shakespeare foram escritas entre 1601 e 1608, inclui-se *Hamlet* (1599), que está situada na Dinamarca, e reconta a história de como o príncipe Hamlet tenta vingar a morte de seu pai, o rei

Hamlet, executado por Cláudio, seu irmão, que o envenenou e em seguida tomou o trono casando-se com a rainha. Também apresenta o percurso de vida da loucura real e falsa, e do insuportável sofrimento opressivo à raiva perversa, e explora os temas como a traição, vingança, incesto, corrupção e moralidade.

A peça *Otelo* (1604) gira em torno de quatro personagens: Otelo, que é o general mouro que serve o reino de Veneza; sua esposa Desdêmona; o tenente Cássio e seu suboficial Iago. Por causa dos seus temas racismo, amor, ciúme e traição, essa tragédia continua a questionar essa trama nos dias atuais. A tragédia *Rei Lear* (1605) está situada numa região da Grã-Bretanha por volta de 800 a.C., é inspirada por fatos e antigas lendas britânicas, especialmente em Leir da Bretanha. Um dos seus temas se refere ao rei ter enlouquecido após ser traído por duas de suas três filhas, às quais havia herdado o seu reino de maneira criminosa. Outra trágica é *Macbeth* (1606), seu tema apresenta o assassinato do rei e suas terríveis consequências. A peça *Antônio e Cleópatra* (1607) apresenta a relação entre o militar romano Marco Antônio e a rainha do Egito Cleópatra. Eles realizam o bem; também, o mal. Pretendiam construir um grandioso império no Oriente, mas seus planos são interrompidos. Com a notícia da morte de sua esposa Fúlvia, Marco Antônio – que vivia no Egito com a amante – é chamado de volta a Roma por motivos políticos. Lá, se vê obrigado a se casar com Otávia, irmã de Otávio Augusto, que é um dos líderes do Império Romano, ele usa esse casamento como estratégia para manter Marco Antônio mais próximo ao governo. E ao tomar conhecimento da união, Cleópatra envia a Roma a falsa notícia de que cometera suicídio, e Marco Antônio, apaixonado e desiludido, põe fim à própria vida. A rainha do Egito, sabendo disso, encomenda a seus criados a víbora que lhe ingere o veneno mortal.

Sinta-se convidado à audição do 411º Domingo Sinfônico, deste dia 19, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar as peças do compositor austríaco Johann Nepomuk Hummel (1788-1837).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Delicadeza

Agente perde mais do que ganha, sendo re-pe-ti-das vezes indelicados. Educação é outra vibe, mas ser educado tem já uma ponte com a delicadeza.

Perdemos de quem mais gostamos, quando agimos por impulso, no ritmo das rodadas do mundo. A cidade está cheia disso, pessoas indelicadas, até a mais ignorante, mostra leveza, no seu comportamento.

Não trate mal o garçom, não trate mal a moça do caixa, da padaria, a faxineira. Não trate mal ninguém. Controle-se, deixa de cavilação.

Um mundo com pessoas estressadas, passando por cima das outras, já passa dos limites – do carro quebrado num sinal a uma pessoa que pede passagem. Na faixa, nem se fala. Até num comboio com destino para lugar algum.

Somos todos indelicados e ainda repetimos – “vai se ver comigo,viu”. Não é assim que se vive, com ameaças. Se alguém for indelicado ou lhe tratar mal, se afaste, saia de fininho, mesmo que a gente se intitule – “um ex-covarde”.

Outro dia, vi um homem perdido, que caminhava no Pavilhão do Chá, certamente fora de si. Falava sozinho e o olhar longe, em busca de uma coisa que ninguém por perto compreendia. Cheguei junto, mas não ofereci ajuda, não fui intrometido nem indelicado.

Logo que talvez parecesse tão aflito, cujos gestos eram mais compreensíveis, de que ele esteve calado, muito calado, tão sentido, tão ausente. Não gosta de autoajuda, gosto de ajudar.

Uma puta chegou perto e lhe ofereceu um programa e ele sequer perguntou o valor – parecia aéreo, aperreado, com a roupa amassada e o ser “necessário” que lhe abordou, embora sendo “uma mulher da vida”, era uma espécie de tristeza, um “bom dia tristeza”, mas ele não foi indelicado. Ela insistiu, a cena morreu ali.

Perdemos todos de quem gostamos ou de quem gosta da gente, com gestos grosseiros. É incrível como nessa hora, a música não nos ajuda a seguir. É certo ou errado, mas sem sentimento, nada flui.

Quando sou indelicado peço desculpas, me arrependo, não tem mais jeito, mas não trago mágoa para casa e procuro evitar que o outro fique magoado – pelo menos eu tento.

Em “Todo o Sentimento”, Chico Buarque canta: “Prometo te querer, até o amor cair doente, te encontro, com certeza, talvez num tempo da delicadeza. Onde não diremos nada, nada aconteceu, apenas seguirei, como encantado, ao lado teu”. A canção é bonita, mas serve para muitas coisas. A história não tem essa moral. Cada um, cada um.

Incertas ocasiões tal música não consigo tirar da cabeça, como há memórias de que não nos sabemos proteger. A vida segue, num homem de face imperturbável, herói de nada: secundário dessa história mundial de estar aqui a facilitar as coisas, as relações.

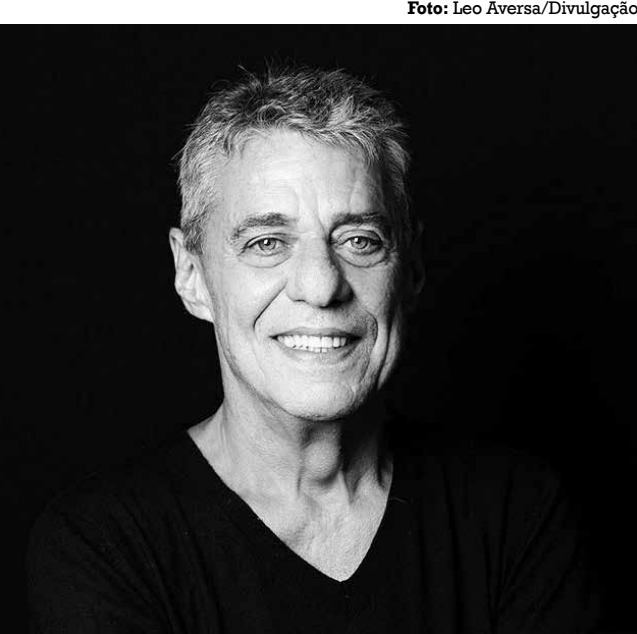
Até hoje fico pensando o que fiz de errado para ser bloqueado e esquecido, acho que esquecido, não. É indelicado a pessoa bloquear a outra nas redes, se permanecêssemos num espaço minado.

Assim vão as conversas, as perdas, o cinema, a política, os livros, o chope, o remédio de doido, a pintura, as viagens, os muitos interesses, muitos interesses, muitos, muitos, m-u-i-t-o-s...

E a delicadeza?

Kapetadas

- 1 - Eu tava num período tão fértil, que transei com uma amendoeira e nasceu um pé de feijão;
- 2 - O fogão já foi à lenha, a gás, elétrico, em microondas. Até chegar à *delivery*, essa inércia alimentar;
- 3 - O som na caixa está dentro do texto.



Buarque, autor (com Cristovão Bastos) de “Todo o Sentimento”

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Apesar do título, para alguns um filme normal

Rebobinando a história do cinema, sempre soube que “lógica narrativa” é a coisa mais importante em um filme. Mesmo que seja uma ficção, como já vimos em grande número de películas no passado. Mas isso jamais prevalece, sobretudo hoje, quando se trata de uma premiação como a do Oscar.

Semanas atrás, aqui mesmo na coluna, falava da gravidade de mercado na trajetória de um filme, rotulando-o bom ou péssimo. E afirmava que o Oscar mais uma vez tem sido, quer se queira ou não, o termômetro para se medir tudo que ainda se faz em cinema, não só nos EUA, mas no mundo todo. Das coisas mais admissíveis às mais insólitas.

Pois bem, é o caso de *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo*, ganhador da estatuetta de Melhor Filme, na 95ª Cerimônia do Oscar realizada no domingo da semana passada. Uma cerimônia, como tem sido nos últimos anos, cheia de idiossincrasias estranhas de apresentadores e vencedores do Oscar.

Catando “moedas”, aqui e acolá, em alguns certames, pior, empolgando espectadores incautos e limitados de melhores leituras ao que veem, o filme da dupla Daniel Kwan e Daniel Scheinert, como se diz: Arrasou!

Diante do que viemos testemunhando ao longo do tempo, muita coisa tem mudado no cinema. E a visão de hoje não é tão respeitosa como antes sobre a *movie art*. Mais ainda, tendo um mercado ávido, voraz e na sua cola, muito mais do que antes. Mas o cinema ainda tem suas reais características a serem respeitadas, como já citei acima, sendo uma delas a “lógica narrativa”.



Michelle Yeoh (centro): Oscar de Melhor Atriz por “Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo”

Mesmo sabedor dos recursos tecnológicos digitais de hoje, com os quais temos melhorado e muito nas edições os encartes de situações à narrativa, há excessos daquilo que chamo de “pirotecnia visual exacerbada”, que foge literalmente da realidade; virtualidade doentia e alucinógena, como se fosse uma droga real, jamais praticada anteriormente em tamanhas doses. E, como afirmei anteriormente, apesar de estranho título – *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* é um filme que nos parece normal. Digo, parece!

Detentor de sete prêmios, dos mais de 10 aos quais foi indicado, o filme da dupla Daniel inicia com uma biografia normal de família, com todos os seus entraves cotidianos. Mas, de repente, passa a abusar do alucinógeno visual, evocando, inclusive, uma espetacularização marcial chinesa, justo para sublimar a atuação de sua personagem central, vivida pela atriz oriental Mi-

chelle Yeoh. A partir de então, a narrativa perde seus freios, gerando aquilo que só poderia acontecer: *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo*, desprezando o que é mais importante em cinema, que é o discurso linear da história.

Sobre o filme, há opiniões críticas que jamais são unânimes. Algumas coerentes ao que se viu, outras nem tanto. – “O filme é tão caótico quanto o nome sugere a insanidade natural de sua ideia.” Uma outra, agora tentando amenizar, afirma: “Quando mais os diretores extrapolam nas doideiras, mais fácil fica aceitá-las e o filme se permite brincar com as possibilidades mais bizarras e intrigantes já imaginadas.”

Aliás, a alucinação cibernética, diria, será doença dos novos tempos. E o mercado e o Oscar estão aí cooperando pra isso... – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.



APC e CCTA exibem A Hora da Estrela

A atriz Marcélia Cartazo, ocupante da cadeira 33 da Academia Paraibana de Cinema, que tem como patrona a também paraibana Nautília Mendonça, será homenageada na sessão do Cine Aruanda, na próxima quinta-feira (dia 23), às 11h, na UFPB, em João Pessoa. O filme será *A Hora da Estrela*, produção de 1985, com direção de Suzana Amaral, baseado no livro homônimo de Clarice Lispector.

As sessões no Aruanda são sempre uma maneira de aproximar os alunos universitários do nosso cinema, segundo informou o professor João de Lima, vice-presidente da APC.

EM cartaz

ESTREIAS

SHAZAM! FÚRIA DOS DEUSES (Shazam! Fury of the Gods. EUA. Dir: David F Sandberg. Aventura. Livre). Deuses antigos chegam à Terra em busca da magia roubada há muito tempo. Shazam (Zachary Levi) e seus aliados são lançados em uma batalha por suas vidas e o destino do mundo. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 19h30; CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 16h (dub.) - 18h45 (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 15h30 - 18h30 - 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 14h30 (exceto qua.) - 17h30 (exceto qua.) - 20h30 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 13h15 - 16h - 19h - 22h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 15h - 18h - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h - 17h - 20h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 13h15 (sáb. e dom.) - 16h - 19h - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 15h - 18h (exceto qua.) - 21h (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h - 17h - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 17h - 19h30; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 17h - 19h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30.

TUDO EM TODO O LUGAR AO MESMO TEMPO (Everything Everywhere All at Once. EUA. Dir: Daniel Kwan e Daniel Scheinert. Aventura. 14 anos). Uma ruptura interdimensional bagunça a realidade e uma inesperada heroína (Michelle Yeoh) precisa usar seus novos poderes para lutar contra os perigos do multiverso. Reestreia do vencedor de Melhor Filme no Oscar 2023. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 21h15 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (leg.): 20h15.

CONTINUAÇÃO

A BALEIA (The Whale. EUA. Dir: Darren Aronofsky. Drama. 16 anos). Um professor recluso (Brendan Fraser) que vive com obesidade severa tenta se reconectar com sua distante filha adolescente para uma última chance de redenção. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 17h30 - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 18h45 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 17h50.

CORAÇÃO DE PAI - SÃO JOSÉ (Corazón de Padre. Espanha. Dir: Andrés Garió e Antonio Cuadri. Documentário. Livre). Aprofunde-se na vida da figura bíblica de José. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 14h (apenas sáb. e dom.) - 19h (seg. e ter.).

CREED 3 (EUA. Dir: Michael B. Jordan. Drama. 12 anos). Adonis Creed (Michael B. Jordan) vem prosperando tanto na carreira quanto na vida familiar. Quando um amigo de infância e ex-prodígio do boxe, Damian (Jonathan Majors), ressurgir depois de cumprir uma longa sen-

tença na prisão, ele está ansioso para provar que merece sua chance no ringue. CENTERPLEX MAG 1 (leg.): 17h; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 20h45 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 16h15 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 17h15 (qui. a dom.) - 22h10 (qui. a dom.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 21h; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 21h.

GATO DE BOTAS 2: O ÚLTIMO PEDIDO (Puss in Boots: The Last Wish. EUA. Dir: Tom Wheeler. Animação. Livre). Com apenas uma vida restante, o Gato de Botas precisa encontrar a mítica Estrela dos Desejos, capaz de restaurar suas vidas. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 15h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 13h45 (sáb. e dom.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h (sáb. e dom.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h (sáb. e dom.).

HOMEM-FORMIGA E A VESPA: QUANTUMANIA (Ant-Man and The Wasp: Quantumania. EUA. Dir: Peyton Reed. Aventura. Livre). O Homem-Formiga (Paul Rudd) e a Vespa (Evangeline Lilly) lutam contra Kang, o Conquistador (Jonathan Majors), no reino quântico. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h30 (qui. e sex.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 15h45 (exceto seg. e qua.) - 18h30 (exceto seg. e qua.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h40; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h40.

PÂNICO 6 (Scream 6. EUA. Dir: Tyler Gillett e Matt Bettinelli-Olpin. Terror. 16 anos). Os quatro sobreviventes do massacre realizado pelo Ghostface, decidem deixar Woodsboro para trás em busca de um novo começo em Nova York. Mas não demora muito para eles se tornarem alvo de um novo serial killer. CENTERPLEX MAG 4: 18h (dub.) - 20h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 14h45 (sáb. e dom.) - 17h15 (exceto seg. e ter.) - 19h45 (qui. a dom.); CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 15h15 (exceto qua.) - 17h45 (exceto qua.) - 20h15 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 14h15 - 16h45 - 19h15 - 21h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h30 (exceto seg.) - 16h15 (exceto seg.) - 19h15 (exceto seg. e qua.) - 21h50 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h20 - 17h40 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h20 - 17h40 - 20h.

65 - AMEAÇA PRÉ-HISTÓRICA (65. EUA. Dir: Scott Beck e Bryan Woods. Ficção científica. 12 anos). Após cair em um planeta desconhecido, o piloto Mills (Adam Driver) rapidamente descobre que ele está preso na Terra... 65 milhões de anos atrás. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 16h30 (dub.) - 18h40 (leg., exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 19h45 (qui. a dom.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 19h10; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 19h10; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h.

CINE BANGÜÊ (JP) - MARÇO

ANDANÇA (Brasil. Dir: Pedro Bronz. Documentário. Livre). Filme aborda a vida e obra de Beth Carvalho. CINE BANGÜÊ: 22/3 - 19h.

ABOAMÃE (Bonne mère. França. Dir: Hafsia Herzi. Drama. 14 anos). Depois de seu filho ser preso, a cuidadora da casa faz de tudo para ajudá-lo enquanto aguarda o julgamento. CINE BANGÜÊ: 20/3 - 18h30.

CORSAGE (Áustria, Luxemburgo, Alemanha e França. Dir: Marie Kreutzer. Drama. 16 anos). A Imperatriz Elizabeth da Áustria é idolatrada por sua beleza, mas, quando completa 40 anos, inicia uma cruzada para tentar manter sua imagem pública. CINE BANGÜÊ: 20/3 - 20h30; 23/3 - 18h30; 29/3 - 18h30.

MATO SECO EM CHAMAS (Brasil. Dir: Joana Pimenta e Adirley Queirós. Documentário. 14 anos). A história das Gasolneiras de Kebradas, tal como ecoa pelas paredes da Colméia, a Prisão Feminina de Brasília (DF). CINE BANGÜÊ: 19/3 - 18h; 21/3 - 19h30; 26/3 - 18h; 28/3 - 19h30.

MI IUBITA, MEU AMOR (Mi Iubita, Mon Amour. França. Dir: Noémie Merlant. Drama. 14 anos). Jeanne vai comemorar sua despedida de solteira na Romênia. Lá, ela conhece Nino, sendo o início de um verão apaixonado e atemporal. CINE BANGÜÊ: 21/3 - 17h30; 28/3 - 17h30; 30/3 - 20h30.

MEDUSA (Brasil. Dir: Anita Rocha da Silveira. Terror. 14 anos). Uma gangue de mulheres fazem o melhor que podem para controlar tudo ao seu redor (inclusive outras mulheres) para resistir à tentação. CINE BANGÜÊ: 19/3 - 16h; 23/3 - 20h30; 27/3 - 20h30; 30/3 - 18h30.

PERLIMPS (Brasil. Dir: Alê Abreu. Animação. Livre). A jornada de aventura de agentes secretos de reinos rívais. CINE BANGÜÊ: 25/3 - 15h; 26/3 - 16h.

REGRA 34 (Brasil. Dir: Júlia Murat. Drama. 18 anos). Uma jovem defensora pública auxilia mulheres em casos de abuso. No entanto, seus próprios interesses sexuais a levam a um mundo de violência e erotismo. CINE BANGÜÊ: 25/3 - 17h; 29/3 - 20h30.

SHORTBUS (EUA. Dir: John Cameron Mitchell. Drama e Comédia. 18 anos). Jovens de Nova York se desafiavam emocionalmente pelas interseções cômicas e trágicas entre amor e sexo. CINE BANGÜÊ: 25/3 - 19h; 27/3 - 18h30.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Comarca de palavras

Minha Comarca não é só feita de pedras. Também tem palavras inscritas no seu corpo e no seu chão. Um vocabulário ainda incipiente, mas promissor, para a tessitura de uma história, com seus personagens, motivos, tempo e espaço, entrelaçados no texto sagrado da memória.

O título me chamou a atenção, *Lugar sem nome*. Fui às orelhas e lá constava os seguintes dados: “Nascida em Aroeiras, na Paraíba, Maria Celia Marinho mudou-se ainda adolescente para o Rio Grande do Sul, onde viveu parte de sua vida (...) *Lugar sem nome*, seu primeiro livro de ficção, trata justamente das rupturas no cotidiano de um vilarejo imaginário, porém, carregado de referências à vida no interior do Nordeste da primeira metade do século 20”.

Não hesitei. Comprei o livrinho como se compra um pequenino tesouro e, cheio de orgulho, folheeí suas páginas e me vi jogado nas pastagens da infância com meu amigo Dandão, ouvindo o trombone de seu Zuzá e perplexo na sala de cinema. Certamente aquela que se dava nas dependências do Mercado Público, com direito a tamborete e saco de farinha. Não sei se é exatamente a paisagem ou se são as horas do tempo que me trazem velhas lembranças. O livro é bem escrito, tocado pelo afeto e acariciado pelo aroma do lirismo e da recordação. Penso, neste instante, em certos nomes de minha terra. Dados, cada um a seu modo e à sua escolha, ao fascínio das palavras, quem sabe, já a compor o fio necessário de uma ilustre credencial.

Pedro de Andrade, cujo sonho, confessou-me, certa feita, era ser “um literata”. Chegou a escrever pequena brochura acerca da fundação e limites do povoado, sua fisiografia, economia, política, gente e costumes. Ábilio Dantas, comerciante e irmão do camavalesco Agamenon, amava a poesia dos românticos e pamasianos que declamava, emocionado, naquele banco da praça, à tardinha, quando, na serra, os lajedos das Lajes e das Cadeiras se aquietavam para dormir o suposto sono da eternidade.

Janilto Andrade, Genário Barbosa e Luís Aguiar foram, sem dúvidas, os primeiros intelectuais da Comarca. Os três, hoje, estão consolidados na sua imensa formação cultural. Luís, jornalista, professor da UEPB, aposentado, muito contribuiu para as habilidades das novas gerações de jornalistas. Genário, também professor da UFPB, médico psiquiatra dos mais competentes, sabe dos mistérios que atravessam o rio da alma humana. Janilto, educador dos mais sérios, grande mestre da Católica de Recife, autor de inúmeros livros no campo da teoria literária e da estética. Poucos dominam os segredos internos da matéria poética como ele, leitor que sabe decifrar o enigma dos vocábulos na oração do poema e exegeta especial do sortilégio das artes. Mereceria, sim, nome de escola ou de rua na nossa querida cidade. À propósito, seria bom se nossa edibilidade desse maior atenção a seus conterrâneos notáveis e deles tivesse mais orgulho.

O livro de Maria Celia Marinho me leva a evocar outros personagens de minha Comarca. Personagens que amam os aceiros e os roçados das palavras.

Patrícia Germano, professora, doutora, militante política de esquerda e poeta. Como poeta, alicerçada nos veios da poesia popular a que não faltam o requebro do ritmo e a cosmologia das imagens. Se não publicou alguma coletânea de poemas, já possui material suficiente e de qualidade para tal. Que venham seus versos lavar, com sua melodia, a pele cinzenta dessa velha Comarca. Dudé das Aroeiras, o bardo da cidade, cantador e compositor, autor do livro *Pedras de riacho*, espécie de miscelânea dos nutrientes da terra, com seus elementos reais e seus minuetos imaginários. Tem CDs gravados, é boêmio e seresteiro. Com uma interpretação de *Tropeiros da Borborema* e da *Saga da Amazônia*, que, tenho certeza, Raimundo Asfora, Rosil Cavalcanti e Vital Farias assinariam embaixo. Zé Francisco é outro a quem seduz a força da palavra, seja no formalismo dos tribunais, advogado que é, seja nas canções que canta e elabora no seu violão. Contador de causos, sempre faceiro na sua maneira de ser e existir. Sílvio Santos, de sua geração, toca violão como ninguém, e, no Mercado da Torre, entre cervejas e uísque, deu-me notícia de um volume de sonetos que vem escrevendo a vida inteira. Sílvio sempre foi um “anjo torto” e um “gauche” na vida. Cabe, aqui, também o registro da presença de Evandro Domingos de Figueiredo, sargento do Exército Brasileiro, psicólogo e historiador que, no livro *Etapas da minha vida*, conta sua história, evocando lugares, episódios e pessoas que foram sementes para a sua formação.

Da turma mais jovem, sei de Juliana Barbosa, autora de dois romances, *Tâmara* e *Metanóia*, títulos, desde já, demarcados pela temática religiosa e evangélica. Ouço falar também em Thiago Barbosa, professor de letras lá pelas bandas da Bahia, e em Vicente César de Andrade, fincando raízes na lavoura das palavras, entre décimas e sextilhas.

Eis o que me dá a minha Comarca. Os rastros de uma embrionária, porém, louvável tradição. A tradição do verbo. Falado, escrito, cantado. Além dos ventos alados, das noites mortas, dos inóspitos arquejos de uma geografia devastada e de um passado que não passa...

Colunista colaborador

COLÓQUIO

Nova forma de fazer a fotografia

Artista visual paraibano João Lobo promoverá série de palestras sobre o assunto no Brasil e na Argentina

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

“O meu objetivo, com o conteúdo das palestras, é apresentar outra forma de fazer e perceber a fotografia, que foi o que despertou o interesse de artistas e acadêmicos na Europa e na América Latina”, disse o artista visual paraibano João Lobo, referindo-se ao projeto ‘Fotografia Expandida’, que apresentará no Brasil e na Argentina, neste mês e no próximo.

Na próxima quarta-feira (dia 22), ele realizará o colóquio no Instituto de Arte Contemporânea (IAC), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife. Em seguida, na sexta (24), estará na Galeria Conviv’Art, da UFRN, em Natal; bem como em João Pessoa (dia 28, na Academia Paraibana de Letras), e em São Paulo (3) e Buenos Aires (dias 6 e 7). Na ocasião, abordará para o público o tema “ÍNDICE Itacoatiara Ingá – memória e modernidade, O Tempo do Movimento – processos de criação, tecnologias e portfólios”, no qual vai enfocar reflexões que fundamentam suas investigações recentes em torno de memória e modernidade na fotografia contemporânea.

Durante as palestras, João Lobo, que é natural do município de Brejo do Cruz e está radicado na cidade de Lisboa, capital de Portugal, vai debater com o público sobre o processo criativo que o levou a executar seus dois mais recentes projetos, a exposição: *ÍNDICE Itacoatiara Ingá*, que foi inaugurada no Museu Nacional de História Natural e da Ciência de Portugal, no ano passado, durante as comemorações do bicentenário da Independência do Brasil, e o projeto *O Tempo do Movimento*, ainda inédito.

“São esses dois projetos, ambos de grande repercussão, que me dão a matéria para a produção do meu trabalho, mas é claro que, no meio disso, tem inovações tecnológicas, projeto de adaptação de equipamentos, recursos técnicos e tecnológicos esses que vão ser discutidos nas palestras, com o objetivo, especificamente, de mostrar um panorama de como é produzida a fotografia e de como ela é aceita, nos museus e galerias, como obra de arte”.

Lobo lembrou que iniciou *ÍNDICE Itacoatiara Ingá* em 2004, concluiu em 2019, e só no ano passado pode apresentá-lo na mostra em Portugal. “Iniciei utilizando filmes analógicos, com o intuito de documentar os baixos-relevos, que são as inscrições rupestres do Sítio Arqueológico Pedra do Ingá, no Agreste da Paraíba, que já é uma obra de arte, com teor histórico e científico. Então, deixei que esses baixos-relevos servissem como base para criar uma outra obra. Durante a produção do projeto, depois do suporte analógico usei o digital e, no final, juntei essas duas técnicas”.

Já *O Tempo do Movimento*, ele ainda não tem previsão de lançá-lo. “É um projeto muito caro e os produtores encarregados estão correndo atrás de recursos, pois envolve alguns suportes e ainda está em fase de viabilização. Eu o incluí na palestra porque tem conjunto de procedimentos técnicos, para que sejam uma forma criativa de desenvolver a fotografia, sem a formalidade da representação tradicional”, justificou ele.

João Lobo ressaltou que *O Tempo do Movimento* é um trabalho realizado com caracteres expandidos. Ele disse que, para obter seu intento, preparou e afixou câmera de altíssima resolução na frente de lo-



Foto: Cacio Murilo/Divulgação

Em João Pessoa, palestra de Lobo (foto acima) será no dia 28, na Academia Paraibana de Letras (APL); artista falará sobre dois projetos: ‘ÍNDICE Itacoatiara Ingá’ (acima, à dir.) e ‘O Tempo do Movimento’ (ao lado)



Fotos: João Lobo/Divulgação



comotiva em alta velocidade, ou seja, 120 km por hora, para fazer uma foto de até quatro horas de duração. “Eu abri o obturador aqui e fechei lá e, enquanto a locomotiva percorria o país de ponta a ponta, ia registrando paisagens, estradas, túneis, etc.”.

“Esse projeto envolveu muita burocracia, pois eles prezam pela segurança, e logística. Eu precisei negociar com uma companhia ferroviária institucional e outra privada. O trem que vai para lá não volta, pois é outra locomotiva que vem fazendo o percurso

de volta. Então, tinha que ter o apoio da engenharia das companhias. Eu acordava de madrugada para instalar a câmera no outro trem, que saía da garagem logo cedo pela manhã. Passei 15 dias sem dormir, pois só dava tempo de fazer poucas atividades, quan-

do voltava para casa”, relatou Lobo, para quem tal experiência resultou em imagens cujos “conteúdos visuais ultrapassam a estética relacionada com a fotografia documental e atribuem outros valores representativos à fotografia, na atualidade”, finalizou ele.

‘MÊS DA MULHER’

Lima Penante apresenta monólogo ‘Não Me Toques’

Da Redação

Uma lente de aumento sobre situações de abusos sexuais e psicológicos protagonizados por uma mulher, seja na adolescência ou depois que ela se casa. Esse é o mote do monólogo *Não Me Toques*, espetáculo interpretado pela atriz paraibana Lúcia Macedo, com direção de Felipe Lima e texto de autoria de João Costa, que terá apresentação gratuita hoje, às 19h, no Teatro Lima Penante, numa encenação da Cia. Teatral Abra-te Sésamo.

O monólogo gira em torno do isolamento de uma mulher que mata o marido na sequência de inúmeros abusos sofridos por ela. Lúcia Macedo contou que a sua performance traz à tona os abusos sofridos por uma garota desde a adolescência praticados por um tio.

“No ano da pandemia, 2020, o diretor João Costa começou a escrever texto e me fez o convite para fazer a leitura online e entender um pouco sobre a personagem.

Eu abracei o texto e passei a estudar sobre a personagem e suas experiências”, relembra a atriz. “Esta sendo desafiador. Nunca imaginei fazer um monólogo de uma personagem que requer muitos traços de uma mulher que se sente aliviada ou, quem sabe, arrependida por ter matado o marido, responsável por vários abusos. Um pouco de coragem e sororidade, em algumas palavras”.

Atriz com participações em peças publicitárias, cinema e teatro, Lúcia Macedo pode ser definida como da escola *nelsondrigueana*, devido às participações em oficinas oferecidas no Núcleo de Teatro da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e na Cia. Tem Boquinha Não, em função dos seus trabalhos dramáticos de interpretação. Mas ela também enveredou em encenações sobre peças infantis, além da tradicional *Pai-xão de Cristo*.

Já o diretor Felipe Lima, que lidera a Cia. Abra-te Sé-

samo, tem um histórico de encenações com temáticas femininas. Ele esteve presente em 2020, também durante uma programação em refe-

rência ao Dia Internacional da Mulher, no mesmo Lima Penante, com dois espetáculos: *Orquídeas Vermelhas para Casal* e *Quem Foi que Inventou*

o Brasil, este último na assistência de direção.

O autor João Costa retirou o título da peça, *Não Me Toques*, de uma frase dita

por Jesus para Maria Madalena, quando esta foi ao sepulcro de madrugada, logo após a ressurreição, relatado em *João*, Capítulo 20.

Foto: Naíva Figueiredo/Divulgação



Atriz paraibana Lúcia Macedo interpreta uma mulher que sofreu abusos sexuais e psicológicos e terminou por matar o marido

ALVOS NA INTERNET

Políticos paraibanos são vítimas de cibercrimes

Vice-governador da Paraíba teve imagem utilizada por golpistas no WhatsApp

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

As formas de aplicar golpes tem sofrido as mais diversas variações e ficado cada vez mais sofisticadas. No Brasil, o principal meio para aplicá-los, tem sido a internet. Os chamados cibercrimes fazem vítimas que vão desde o vice-governador, Lucas Ribeiro (PP), até o Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB). Durante a mesma semana, o político teve sua imagem utilizada por golpistas nas redes sociais, e o órgão precisou divulgar um alerta para os credores de precatórios ficarem atentos a esse tipo de crime.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), tem se tornado cada vez mais fácil cair em algum golpe devido a criatividade e sofisticação com que eles têm sido desenvolvidos. No entanto, aqueles que têm dificuldade em utilizar plataformas e ferramentas digitais ficam ainda mais vulneráveis nas mãos dos golpistas.

Na última quarta-feira (17), o vice-governador da Paraíba, Lucas Ribeiro, publicou nas suas redes sociais que teve sua imagem utilizada no WhatsApp por golpistas que tentaram extorquir dinheiro da população em seu nome. Ele alertou que todo contato feito pelo seu gabinete é feito pelos meios oficiais e que o número utilizado é falso.

Essa não é a primeira vez que pessoas e até mesmo órgãos públicos têm sua imagem utilizada dessa forma. Durante a mesma semana que Lucas Ribeiro divulgou o caso, o Tribunal de Justiça da Paraíba precisou alertar a população para golpes contra credores de precatórios. Segundo a Gerência de Precatórios, as quadrilhas

“É importante sempre desconfiar de contatos de números estranhos que se apresentam como pessoas conhecidas

Carlos Eduardo Batista

digitais atuaram por meio do WhatsApp, usando o argumento de que a vítima precisa pagar uma guia ou fazer um pagamento via pix, em nome de terceiros, para que o credor e vítima tenham seu precatório liberado.

De acordo com o professor do Centro de Informática da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Carlos Eduardo Batista, esse é o tipo de golpe mais comum no Brasil. “Entre os golpes mais populares está o ‘phishing’, que consiste em golpistas enviando mensagens falsas para obter informações pessoais ou financeiras. No Brasil, temos o golpe que ocorre a partir de aplicativos de mensagem, como o WhatsApp, no qual os golpistas se aproveitam de informações obtidas em vazamentos de dados para se passar por outra pessoa e solicitar pagamentos”, explicou.

Segundo o especialista, é importante ficar atento para algumas funções dos próprios aplicativos que podem contribuir para fortalecer a segu-



Professor Carlos Eduardo diz que golpes se tornaram comuns

rança. “O WhatsApp possui um mecanismo que notifica os contatos quando um usuário muda de número, então é importante sempre desconfiar de contatos de números estranhos que se apresentam como pessoas conhecidas”, disse.

Outras formas de evitar cair em golpes cibernéticos sugeridas pelo professor é adotar medidas de segurança, como verificar a autenticidade dos sites ou mensagens; não compartilhar informações pessoais ou financeiras através de aplicativos de mensagem e manter o software de segurança dos dispositivos atualizado.

Em relação ao WhatsApp, rede social mais utilizada pelos golpistas, Carlos Eduardo recomenda as seguintes medidas: ativar a confirmação de duas etapas do WhatsApp; ter um e-mail para redefinir as senhas e códigos, não compartilhar códigos de autenticação da conta com outras pessoas; ter uma senha para seu aparelho ser desbloqueado apenas por você; ocultar as fotos

de perfil do WhatsApp, deixando-a visível apenas para contatos.

“Também é necessário instalar um antivírus capaz de identificar ameaças enviadas ao seu celular, desconfiar de mensagens diferentes das que você está acostumado a trocar com seus contatos e não clicar em links suspeitos. Caso a foto de perfil do contato esteja vinculada a um número que você não tem na sua agenda, é recomendável entrar em contato com a pessoa pelo número anterior antes de realizar qualquer ação”, alertou.

No que diz respeito às demais redes sociais, é possível reforçar a segurança adotando medidas de privacidade. “Como limitar o acesso das pessoas a informações pessoais e sensíveis (a rotina, o endereço, telefone, e-mail e dados financeiros). É importante adotar senhas fortes e diferentes para cada uma das contas das redes sociais, e também verificar regularmente as suas configurações de privacidade”, reforçou o especialista.

Como a legislação protege os consumidores

É possível que políticas públicas sejam aplicadas para melhorar a experiência do consumidor e proteger a população de crimes cibernéticos? De acordo com o vereador Odon Bezerra (PSB), que também é professor de direito do consumidor, é necessário realizar mudanças na legislação federal para resolver ou amenizar o problema.

No entanto, apesar de fugir da competência da Câmara de Vereadores, o parlamentar ressaltou que é necessário educar e informar a população que existe esse tipo de golpe. Segundo ele, é necessário que a vítima nunca se intimide e sempre denuncie. “É preciso que ela busque a delegacia mais próxima da sua casa e registre um boletim de ocorrência e peça a investigação do caso”.

O parlamentar alertou, para um caso recente que precisou lidar, onde a imagem de uma pessoa foi utilizada em um site pornográfico, e foi usado de extorsão

para retirar do ar. “Essa pessoa conseguiu imediatamente, através da delegacia a retirada do site, do nome dela e das fotos, que se apresentava como uma pessoa profissional do sexo, imagine o constrangimento. O bandido passou a exigir dessas pessoas quantias. Então o recomendado, a única e exclusiva alternativa, é procurar imediatamente a polícia para que ela tome as providências necessárias e possa colocar esse bandido na cadeia”, disse.

Na Assembleia Legislativa da Paraíba, o deputado estadual Jutay Meneses (Repu-

blicanos), atuante na defesa dos direitos dos consumidores, comentou, em entrevista ao Jornal A União, sobre os principais cuidados que a população deve tomar. “Que as pessoas busquem verificar as informações nos canais oficiais dos bancos, operadoras de cartão, telefonia, e qualquer suposta empresa que venha oferecer algum t i p o

de produto ou serviço que pareça uma atividade suspeita”.

Ele também se mostrou preocupado com os idosos, que são os que mais costumam ser vítimas desse tipo de ação criminosa, e reforçou que familiares devem ajudar a garantir a proteção dos dados bancários e outras informações sigilosas dos aposentados e pensionistas. “Idosos precisam ser orientados a não compartilhar qualquer informação com desconhecidos”.



Foto: Azamat/Unsplash

A ação de hackers vem se ampliando e até políticos e órgãos de Estado são atacados na PB

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com / Colaborador

Cordel de Beth Baltar

Neste texto eu resumo
O trabalho de uma mestra
Que tanta dignidade
Ao nosso cordel empresta.
Sem excesso, quero crer,
Beth é, por assim dizer,
Regente de nossa orquestra.

Abro então esta janela
Em ligeiro apontamento
Falando da importância
Para o nosso movimento
Dos estudos de Baltar
Para sistematizar
Cordel e seu segmento.

Eis que, em dado momento,
Ela abraçou a cultura
Deste gênero cordel,
Compreendendo a seiva pura
Do notável cabedal
Supostamente banal
Passando à sua leitura.

O seu trabalho perdura
Na seara popular.
Pouco mais de mil folhetos
Passaram por seu olhar,
Organizando por tema,
Buscando o estratagema
Para o acervo organizar.

E assim Beth Baltar
Fez a Pós-Graduação
Sobre o tema cordel,
Sua classificação,
Em fina bibliografia
Buscando uma rota guia
E a recuperação

Dos folhetos em ação
Visando classificar
O discurso do cordel
E assim analisar
Os temas e conteúdos
Em apurados estudos
Da poética popular.

Glória a Beth Baltar
E o reconhecimento
Por parte dos cordelistas
Pelo seu discernimento
E esforço de uma vida
Para nos dar a devida
Valia e merecimento.

Com grande capacidade,
Fez a indexação
Dos folhetos de cordel
Com a utilização
De um mesmo vocabulário,
Facilitando ao usuário
Acessar com precisão

O sistema em evolução.
O cordel, de forma plena,
Trabalha com a linguagem.
O tempo sempre condena
Ao olvido esse modelo
E Baltar, com muito zelo,
Construiu e pôs em cena

Um conjunto que engrena,
Em ação de excelência,
Ferramentas de abordagem,
Preservação e ciência
Com o contexto social,
Facilitando o canal
Em formidável docência.

Do folheto “Mestra Beth Baltar
e a salvaguarda da memória e
linguagem do cordel”, de Fábio
Mozart

Memórias

A União

Ramalho Leite

Da Redação à política, uma história que chegou à presidência de A União

Ramalho Leite conta experiência no jornalismo, atuação nos bastidores de governos, o exercício parlamentar na Assembleia Legislativa e na Câmara dos Deputados e defesa da preservação do Patrimônio Cultural

Luiz Carlos Sousa
luhjp@gmail.com

Ramalho Leite passou pelo Jornal **A União** mais de uma vez. Começou na revisão, escreveu colunas e nos anos 2000 foi presidente da empresa. Nessa conversa para o Memórias A União ele revela que o “cheiro do chumbo” exalado pela velha linotipo (impressora da época) “ainda está nas minhas ventas”. Da Redação foi para o Palácio trabalhar com o governador Pedro Gondim e iniciou uma carreira política que o levou a cargos na administração municipal de João Pessoa e do Estado. Um desses cargos foi na presidência de **A União**, cuja existência ele defende como uma necessidade histórica. “Considero uma aberração e um desserviço à Paraíba quem defende uma tese de fechar o Jornal **A União**”. Para ele, todo o patrimônio deve ser preservado.

Entrevista

■ *Ramalho, como foi que começou a sua história com A União?*

A minha história começou quando, ainda estudante do Liceu, no Governo Pedro Gondim, comecei a trabalhar n'**A União** como revisor. Saíam as provas lá das impressoras, a linotipo preparava tudo, aquele cheiro de chumbo, que ainda hoje não saiu das minhas ventas. Então eu comecei ali, fazendo revisão. Depois passei para a Redação e fazia uma coluna.

■ *Isso durou muito tempo?*

Durou uns três anos por aí. Depois passei para a Faculdade de Direito e já estudando Direito, comecei no batede. Comecei na Tribuna do Povo, que era o jornal da UDN, mas uma espécie de **A União**. Então a Tribuna do Povo repetia quase que o mesmo linguajar de **A União** de apoio ao Governo.

■ *Mas, isso na revisão?*

Não. No noticiário lá na Tribuna. Eu, ao tempo em que ainda trabalhava como revisor de **A União**, fazia uma coluna na Tribuna do Povo.

■ *Política?*

Não, Tribuna Estudantil. Eu dava notícia do corpo docente, do corpo discente, da política estudantil. Cheguei até a ser candidato a conselheiro da Associação dos Estudantes Secundários, na vez que foi eleito presidente, Francisco Ramalho. Fazia também um pequeno jornal denominado O Estudante, que circulava dentro do Liceu e em outros colégios.

■ *E n'A União?*

Assuntos municipais. Foi lá nessa coluna que, por exemplo, nasceu uma grande amizade, que era o deputado Edivaldo Mota, de Patos. Nessa época, ele era vereador e afastado da Câmara, era secretário do prefe-

“

Alguns militares se encastelaram n'A União e outros tentaram entrar para derrubar o jornal

to José Cavalcante e ele por telegrama me mandava a notícia de Patos. Eu resumia e fazia uma coluna de assuntos municipais.

■ *Diária?*

Acho que era semanal.

■ *Quem eram os “papas” do jornalismo naquela época?*

Com os “papas” do jornalismo, eu não tinha muito aproximação agora, a direção de **A União** era com Antônio Brayner, mas quem comandava o setor gráfico e o Diário Oficial era um cidadão chamado Manoel Costeira. Então, o Costeira era o homem que segurava o Diário Oficial. Ele era mais vinculado ao Palácio do que à direção de **A União**, porque ele só rodava o Diário Oficial quando autorizado, depois que recebia ordem do Palácio. Às vezes, o Governo tinha alguma coisa para publicar e ele segurava o Diário Oficial.

■ *Era um momento de uma certa efervescência política, porque ali, bem próximo da revolução, já tinha a verdade. Como era que era o clima, como era que vocês lidavam com isso?*

Olha, nessa época em A

União, e eu acho que estavam o Gonzaga Rodrigues, Jório Machado, Adalberto Barreto. Esse pessoal todo se eu botasse a memória para funcionar me lembraria de outros nomes. Mas fiquemos nesses. Era um pessoal que dava uma cobertura aos movimentos das Ligas Camponesas, aos movimentos sindicais. Então, era um pessoal de esquerda que dava uma vitrine de esquerda ao Governo Pedro Gondim. Esse era o dilema do Governo. Ele tinha n'**A União** essa vitrine de esquerda, mas o Palácio era sustentado com o apoio do grupo da Várzea, com o apoio da UDN histórica. Ele era PDC, mas tinha o apoio da UDN. Então esse conflito estourou em 64, quando Pedro teve que remanejar algumas peças do Governo, colocando pessoas ligadas ao grupo da Várzea no seu Governo.

■ *Lembra de algum detalhe da época, dos conchavos políticos?*

Foi nesse período, que entrou no Governo o Sindulfo Santiago, cunhado de Joacil Pereira, que era o líder. Foi na época, entitulado até de líder civil do movimento militar na Paraíba. Pedro Gondim, com essa atitude soufreu, porque chegaram até a dizer que durante o período de se definir, teria havido duas notas, uma de um grupo favorável ao regime e outra que se mantinha fiel a Goulart, o que ele realmente sempre desmentiu.

■ *Você nessa época já estava no curso de Direito?*

Eu estava no curso de Direito, ainda era aluno da faculdade, quando houve aquele movimento da chegada de Lacerda à Paraíba, em que os estudantes secun-



Ramalho conta como o movimento estudantil reagiu à vinda de Carlos Lacerda ao Estado no Governo João Agripino

dários invadiram a Faculdade de Direito, ao lado do Palácio, e depois o Diretório Estudantil, que era presidido por José Tarcísio Fernandes que, encampou o movimento, já que era na faculdade. O movimento começou com estudantes secundários que invadiram a Faculdade de Direito, mas aí o Diretório encampou o movimento e terminou por coordenar toda aquela movimentação que era em protesto pela visita de Carlos Lacerda à Paraíba. Visita que, aliás, não se efetivou porque o Lacerda, quando tomou conhecimento - ele vinha para cá ser padrinho de casamento de um filho de João Agripino. E então ele recuou, veio em outra oportunidade, foi recebido no Palácio mais tranquilamente.

■ *Você estudante de Direito, trabalhando n'A União, o movimento das Ligas Camponesas, migrar para a política foi fácil?*

Eu cheguei para o Palácio primeiro e passei a trabalhar na Sala de Imprensa do Palácio. Não tinha Secretaria de Comunicação, que era coordenada pelo jornalista José Barbosa de Souza Lima, o José Barbosa. Pedro Gondim foi fazer uma palestra na Faculdade de Direito. Quando ele saiu, eu o acompanhei, acompanhei apressado, andando a pé da Faculdade de Direito para o Palácio. Governador, me leve para trabalhar no Palácio, quero ir par a Sala de Imprensa.

■ *Qual foi a reação dele?*

“De onde é que você é?” perguntou. Eu disse: sou de Borborema, sou filho de Arlindo Ramalho. Ele disse: “A origem é boa. Procure o Zé Barbosa”. Fui

“

Considero uma aberração e um desserviço à Paraíba quem defende uma tese de fechar A União

■ *Ainda não era politicamente incorreto?*

Não era. O governador poderia visitar uma fábrica de cigarros. Depois, quando ele foi deputado federal, nós o apoiamos, em Borborema, meu pai era prefeito na época.

■ *Você voltou para A União depois?*

Não. Veio um período que fiquei como advogado até que fui levado por Dorgival Terceiro Neto para a Prefeitura da capital. Isso aí nos anos 70. Fui ser chefe de Gabinete. Naquela época, era diretor de Relações Públicas, mas imediatamente fiquei respondendo como secretário de Turismo. A gente fazia tudo, da festa ao tapa buracos.

■ *Algum fato que tenha mexido com as estruturas do poder, digamos assim, ou que tenha provocado, digamos assim, repercussão política grande?*

Bom, houve um fato. Eu era estudante, de grande repercussão que foi quando, na saída de Zé Fernandes, Pedro Gondim ia assumir e então o Zé Fernandes mandou para o Diário Oficial - Tenho impressão que eram pro-

Fotos: Edison Matos

deputado, fui deputado federal, assumi duas vezes em Brasília. E de Brasília passei para Fortaleza. O Itamar Franco me nomeou diretor do Banco do Crédito Rural do Banco do Nordeste. Fiquei lá dois anos e depois, quando eu voltei, passei a me dedicar à área de executivo. Primeiro, fui secretário da Assembleia, e depois fui presidente do Instituto de Previdência do Município e fui secretário de Administração. Depois, então veio o Governo Cássio, já estava com meu escritório de advocacia, especialista em Tribunal de Contas. Eu só advogava no Tribunal de Contas. Nunca gostei dessas audiências. Aí então eu tinha lá umas dez prefeituras que eu dava assistência jurídica. Saí para ir para o governo de Cássio. Fui ser secretário do Controle da Despesa Pública, e passei a ser presidente da PBPrev. No Governo de Ricardo, eu vim para **A União**, fui secretário de Articulação Municipal, voltei à PBPrev e fui para a Agência de Regulação dos Serviços de Água e Gás e Energia.

■ *Mas olha, eu me lembro que você ser deputado estadual na Assembleia, nunca perdeu o vínculo com A União?*

Porque eu me dava muito bem com o pessoal de redação. E depois, no período que eu fui líder do Governo, eu tinha mais presença realmente n'**A União**. Quatro anos de Burity. Eu fui líder do Governo quando eu fui do governo, nós nos quatro anos de Burity, eu tinha realmente, não digo ascendência, mas uma presença quase que permanente n'**A União**, porque era o órgão de divulgação do governo e eu, como líder, tinha interesse do que se passava lá e do que se publicava também. A gente se orientava pelo que estava em **A União**.

■ *E aí, como sair dessa situação?*

A primeira coisa que eu fiz foi mudar **A União**, que estava transformada em um tabloide. Imediatamente suspendi as atividades por uns 30 dias, para a gente poder então relançar **A União** no tamanho Standart. Fizemos uma ampla publicidade e começamos a fazer **A União** dife-

■ *Como foi a vinda para a superintendência?*

Eu estava na campanha de Ricardo, ajudei uma parte na cúpula, inicialmente, e depois saí para me dedicar à minha área no interior. E na hora de organizar o Nonato estava no jornal, alguém sugeriu o meu nome e eu disse: topo. Não tem problema nenhum. Passei um ano aqui em 2011.

■ *Nesse período conseguiu implantar algum projeto?*

Na hora que o governador tem aquela história de fazer a apresentação dos auxiliares, eu ouvi essa apresentação também comigo. Ele apresentou à imprensa logo e nessa ocasião disse que esperava que **A União** fosse um órgão mais aberto, não sim-

plesmente um órgão encarregado de divulgar o Governo, que pudesse ser um algo plural, também com espaço à oposição. Eu acho isso muito importante, porque tinha um pessoal, que questionava se ainda haveria espaço para um jornal como **A União**. Muita gente achava, podia vir a concorrência. O certo é que muita gente defendia que **A União** deveria ser extinta.

■ *Principalmente o jornal?*

O jornal. Eu já tinha visto que **A União** não dava prejuízo. Todo ano tem dinheiro aqui para mandar para o Tesouro. É claro que o Diário Oficial é quem ajuda mais, é quem mantém, mas **A União** é um instrumento de propaganda do governo que deveria ser mais divulgado, melhor distribuído e não ficar muito adstrito a assinaturas. Quando eu assumi aqui, eu levantei um projeto de **A União** das Escolas, que era para fazer a união chegar ao interior. Um menino de escola não conhecia um jornal porque não chegava. No tempo que existia o trem, o trem levava, com os ônibus ficou mais difícil o transporte. Mas **A União** chegava cedo em Cajazeiras, saía de madrugada. De modo que o pessoal defendia que o mundo digital ia tomar conta de tudo e não tinha mais lugar para **A União**.

■ *E aí, como sair dessa situação?*

A primeira coisa que eu fiz foi mudar **A União**, que estava transformada em um tabloide. Imediatamente suspendi as atividades por uns 30 dias, para a gente poder então relançar **A União** no tamanho Standart. Fizemos uma ampla publicidade e começamos a fazer **A União** dife-

renciada, dando espaço a oposição. Por exemplo, dei uma página inteira ao Vital do Rêgo, que era líder da oposição, porque a gente tinha instrumentos para defender o Governo mais rápido do que qualquer outro jornal lá.

■ *A famosa outra versão?*

Podia receber a crítica e naquela mesma edição já podia sair a resposta do Governo. Não tinha porque negar a palavra à oposição. Eu mesmo, no Governo de Ricardo, fui contra uma decisão que determinava que uma rádio tal fez campanha contra ele e não era pra ninguém do Governo comparecer lá. Me permitam discordar. Eu acho que nessa daí é que nós devemos ir, porque assim se tem nessas emissoras de rádio um público cativo que só ouve notícia contra o Governo, é uma ocasião que nós temos de mandar a mensagem do Governo a versão, e não nos omitir. Discordei completamente, da mesma forma que eu acho que **A União** devia abrir o seu espaço para a oposição, porque temos condições também de defender mais rapidamente.

■ *Levar A União às escolas e levar aos municípios, de dar um espaço para a oposição, isso era projeto bem específico para o jornal. Mas a União tinha a gráfica que imprimia também o Diário Oficial e a editara, como ainda hoje. Como foi você lidou com isso, inclusive sendo uma pessoa de letras?*

Eu fiz um convênio com a Fundação Casa de José Américo para imprimir e também fiz um convênio com o Instituto Histórico para fazer os livros de membros do Instituto Histórico, com um abatimento, que na realidade só cobrava o custo do material, porque a gente tinha o material e mão de obra, e o que se queria era realmente valorizar o autor paraibano e essas duas instituições. E mantivemos o Correio das Artes, que estava um pouco parado.

■ *Alguma iniciativa para ampliar a circulação?*

Fizemos uma coisa que depois deixaram de fazer. Eu acho que o Governo gasta muito com publicidade, mas **A União** é uma publicidade que ele tem a mais barata possível, desde que seja isso distribuído. Então, cadastrei clínicas, barbearias, salões de beleza, mandava entregar **A União**. O que se gastava? Só o transporte. Mas tinha lá as notícias do Governo que o sujeito, enquanto estava esperando um médico, estava lá lendo, folheando. Hoje fica no celular o tempo todo. Nin-

guém conta mais sua doença.

■ *Que leitura você faz como superintendente, como um homem de letras, um advogado, um homem que já tem uma experiência de vida muito grande, tanto na área pública como na área privada e de repente uma revolução que é a internet. Como é que você vê o espaço, por exemplo, para essa imprensa analógica totalmente analógica?*

Olha, eu estou vendo que o sujeito tá lendo com os dedos, exatamente, lendo com os dedos no celular. Eu, realmente, prefiro o cheiro de tinta. Eu estava mostrando aqui agora esse livro que eu mandei buscar, comprei no Rio Grande do Sul, é de Pereira da Silva, chama-se **O Pó das Sandálias**. É um livro de poesia. Eu não sou muito chegado a poesia não, mas mandei buscar pelo fato desse livro está completando 100 anos agora, em 2003, e esse autor é o primeiro paraibano que ocupou uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. É de Araruna.

■ *Você acha que ainda há espaço para o livro?*

Muito espaço. Eu acho que tem muito campo ainda para que o livro físico seja reconhecido. Compete também aos diagramadores, pelo menos encantar o leitor pela capa, para trazer o leitor, de modo que eu acho que tem que ter espaço. Não podemos também desprezar a presença e a força do digital. Tanto é que eu estou bolando com o Juca Pontes um projeto para a academia: vamos colocar na internet o livro falado. Então nós vamos pegar os acadêmicos ou convidá-los para, em cinco minutos ou no máximo oito minutos, falar sobre um livro, entendeu? Não estou inovando nada.

■ *Já falamos do presente, do passado, só posso agradecer e deixar você à vontade para registrar algo que por acaso passou despercebido.*

Quero apenas parabenizar **A União** por essa iniciativa de preservar a memória desta casa. **A União** é uma escola, uma universidade por onde passaram as maiores figuras do Estado da Paraíba. Então nós não podemos esquecer que o governador e senador e muitas figuras que ocuparam cargos, mandatos eletivos e cargos na administração pública passaram pelos bancos e pela máquina de datilografia de **A União**. Ocuparam a linotipo, depois ocuparam as offset e finalmente fizeram de **A União** este patrimônio que não deve jamais ser extinto. Considero uma aberração e um desserviço à Paraíba quem defende uma tese de fechar o jornal. **A União** é um patrimônio tombado e que deve ser preservado.



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORACÃO: Paulo Sérgio



Ismael Pessoa, DiSouza, José Eufrávio, Madalena Zaccara, Ivane Nielsen, Gorete Xavier, José Vieira Neto, Afra Soares, Euclides Menezes e Talvane Sobreira são os aniversariantes da semana.

IMOBILIÁRIA

PARAIBA
PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

SÃO BRAZ

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

O aniversário do nosso amigo Ricardo Castro, que aconteceu no magnífico Condomínio das Américas, foi sucesso total. O ambiente, decorado com tema referente ao mar, foi contemplado com o espetacular bolo assinado pela expert Maria Helena Moura. No badalado evento, registrei as presenças das jornalistas Andréia Barris e Thereza Madalena, do casal Hermes Alvarenga e Val Nascimento e do reitor do Centro Universitário de Patos (FIP), João Leuson Palmeira.



A Federação Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Turismo (FEBTur), nacionalmente presidida pelo jornalista baiano Gorgônio Loureiro, vai realizar o primeiro congresso da entidade, nos dias 1ª, 2 e 3 de junho em Salvador. Na terra de Jorge Amado, os associados participarão de palestras, mesas-redondas, coletivas, almoços, jantares, um citytour em Salvador e dois passeios pela região soteropolitana.

O Ville des Plants, no dia 22 de março, às 18h30, será palco para o lançamento do livro "Do Imposto de Transmissão de Bens Imóveis", a mais nova obra do advogado tributarista Geilson Salomão.

No mês das mulheres, as esculturas femininas da artista plástica Nenê Cavalcanti são as protagonistas da nova exposição do Espaço Arte Brasil. A mostra "Mulheres por Nenê Cavalcanti" celebra a beleza feminina e a força das mulheres. A exposição gratuita acontece no térreo do Liv Mall Shopping, de segunda a sábado, das 10h às 21h, e aos domingos das 13h às 21h. A entrada é gratuita.

Sonata de Outono - perfis, causos, memórias, crônicas, artigos e ensaios, o novo livro do escritor Clemente Rosas, um grande nome nos meios intelectuais de nossa Paraíba, será lançado na capital pernambucana, no dia 21 de março, no bar e restaurante Le Mocó Bistrô, no bairro das Graças, no centro de Recife.

Durante a realização da primeira reunião do Conselho de Turismo de João Pessoa, ação presidida pelo secretário Daniel Rodrigues, foi lançado o Guia do Consumidor do Turista, publicação realizada pelo Procon Municipal e que teve a apresentação do secretário do órgão, Roger Guerra.

Já estão abertas as inscrições para a terceira edição da Expoturismo Paraíba, evento que acontecerá de 25 a 27 de maio, no Centro de Convenções de João Pessoa. A feira, uma ação colaborativa, formada pelo Sebrae-PB, Governo do Estado, Fecomércio, Abih/PB, Abav/PB, Setur/JP, Saha/PB e Jpac&vnb, tem foco no turismo de lazer, negócios criativos e colaborativos, mercado mice, além de gerar empregos.

O grupo GP Exclusive-Setai homenageou as colaboradoras da empresa pelo Dia Internacional da Mulher com uma programação repleta de conhecimento. A professora doutora Denise Gadelha, da Prosperar Consultoria e Eventos, proferiu uma palestra exclusiva para elas sobre Marketing Pessoal, como ferramenta importante de posicionamento dentro da empresa e no mercado de trabalho. Após a palestra, todas as participantes foram presenteadas com rosas e participaram de um brunch no lounge da empresa.



Fátima Lopes, a empresária que dirige a loja de calçados e bolsas Calzature, promoveu evento no Dia do Consumidor, para apresentar a nova e bela coleção Desejo. No encontro, que reuniu dezenas de amigas da empresária Fátima Lisboa, estavam presentes as amigas Carla Bezerra, Pricila Macedo, Terezinha Vaz e Katarina Lombardi, entre outras que prestigiaram a mostra.



Capitaneadas por Marluce Almeida e esta colunista, um grupo de 20 mulheres desfrutou, na última quinta-feira (16), na capital pernambucana, de um passeio que incluiu visita ao Marco 0, almoço no Leite, o restaurante em funcionamento mais antigo do Brasil e, finalmente, visita ao Shopping Rio-Mar. Em bairro do Recife, conhecemos a Rua do Bom Jesus, a antiga rua dos judeus, eleita por uma revista americana como a terceira mais bonita do mundo.

Em comemoração ao Dia do Artesão, que transcorre neste domingo (29), o Governo do Estado da Paraíba, por meio do Programa do Artesanato Paraibano (PAP), e em parceria com o Partage Shopping, de Campina Grande, reinaugurou a loja Conceito do Artesanato Paraibano Janete Costa. A solenidade, prestigiado pelo vice-governador, Lucas Ribeiro e sua esposa, Camila Ribeiro, pela primeira-dama, Ana Maria Lins, pela gestora do PAP, Marieleza Rodriguez, pela presidente da Associação dos Lojistas do Partage, Milka Barros, pela gerente de marketing do Partage Shopping, Cláudia Durães e pela secretária de Turismo, Rosália Lucas, entre outras, aconteceu na última terça-feira (14).



Selic Fixada em 1º de fevereiro de 2023 13,75%	Sálário mínimo R\$ 1.302	Dólar \$ Comercial +0,58% R\$ 5,270	Euro € Comercial +1,03% R\$ 5,619	Libra £ Esterlina +1,02% R\$ 6,425	Inflação IPCA do IBGE (em %) Fevereiro/2023 +0,84 Janeiro/2023 +0,53 Dezembro/2022 +0,62 Novembro/2022 +0,41 Outubro/2022 +0,59	Ibovespa 101.981 pts -1,40%
--	---	--	--	---	--	--

FATURAMENTO MAIOR

Páscoa estimula negócios de empreendedores na PB

Produtos caseiros conquistam clientes pela criatividade e personalização

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

O domingo de Páscoa será no dia 9 de abril e os microempreendedores já estão se preparando para faturar com a produção dos ovos de chocolate. Quem já trabalha com alimentos doces, dá ênfase à fabricação de produtos sazonais para aumentar a renda. Na concorrência com os produtos industrializados, os itens caseiros ganham no quesito criatividade, pela possibilidade de personalização do ovo de Páscoa a partir dos diversos sabores, com a utilização de coco, doce de leite, frutas, e diversas espécies de chocolate – ao leite, amargo ou meio amargo, por exemplo.

A empreendedora Dennise Vasconcelos consegue aumentar seu faturamento em até seis vezes na Páscoa. Ela produz doces finos e personalizados o ano inteiro, mas, nesse período, se desdobra com a mãe para atender todas as encomendas a tempo da semana Santa. “Eu comecei fazendo doces no Ensino Médio, há 20 anos, para ajudar a pagar a festa de formatura, e continuei até hoje como uma segunda atividade, paralela à de jornalista”.

Desde então, ela fez vários cursos de capacitação e incrementa sua produção para deixar a clientela sempre satisfeita. Dennise aponta que, há alguns anos, os ovos eram simples, com alguns chocolates de recheio, mas novos modelos passaram a ser exigidos como os ovos de colher, trufado e com cobertura na casca.

Segundo ela, a base dos clientes é a mesma há muito tempo. Mas, a cada ano, a lista vai aumentando. “Temos o pessoal do meu trabalho, os do trabalho do meu esposo, os do condomínio onde moramos e as pessoas que vão sendo agregadas por indicação”, comenta Dennise Vasconcelos.

A empresária Raquel Lisboa conheceu os produtos pelas redes sociais - @denisedocinhos - e entrou em contato com os seguidores de Dennise para ter uma referência. “Eu tinha observado que os preços dos ovos de Páscoa nas lojas estavam muito altos e busquei uma alternativa. Comprei um ovo para o meu filho e foi tudo o que esperávamos. Ele amou. Além do sabor do produto, Dennise é uma pessoa muito atenciosa e pontual na entrega”, afirma.

Neste ano, a encomenda de Raquel será maior. “Minha mãe passa bastante tempo com meu filho e provou do chocolate. Ela gostou e agora vou comprar para ela também”, diz a empresária.



Fotos: Divulgação/Dennise Vasconcelos

Estratégia dos comerciantes para atender os clientes neste período é diversificar na oferta de produtos e garantir que os diferentes gostos estejam representados nas celebrações da Páscoa

Opções criativas para as crianças

Com o objetivo de conquistar o público infantil, Dennise Vasconcelos montou uma estratégia. O produto é entregue numa bandeja com uma metade do ovo, e bisnagas com recheio e confeitos à parte para as próprias crianças montarem e decorarem como quiserem. A estratégia foi testada com o filho dela, João Pedro, de seis anos, que adorou a ideia. “A criança se torna uma confeitadeira. Ela sen-

te que participa do processo também”, conta. Os adultos também são contemplados. Se o cliente escolher, há uma cerveja na embalagem.

Para a empreendedora, a personalização do chocolate, que também é utilizado para presentear pessoas queridas, é o diferencial em relação aos chocolates industrializados. “Nós fazemos um produto artesanal. O cliente pode escolher metade do ovo de um sabor e a outra metade de

outro, assim como todo o recheio”, explica.

O desafio é dar conta dos pedidos a tempo da Páscoa. Para isto, ela faz uma agenda possível de cumprir. “Para as pessoas do meu trabalho, por exemplo, eu entrego na quarta ou quinta-feira da Semana Santa. No sábado, eu produzo os ovos para quem faz questão de receber no sábado ou no domingo”, afirma. O peso dos produtos varia de 50 gramas a 800 gramas.

Produção maior e renda ampliada

As irmãs Millany e Mayhara Cunha, donas da empresa M&M Doceria, em João Pessoa, aproveitam a Páscoa para ampliar a produção do negócio especializado em bolos, trufas, doces e salgados. Há seis ou sete anos, elas fabricam ovos de chocolate e neste ano vão investir nos ovos trufados.

“A tendência antes era dos ovos de colher, mas agora vamos fazer também os com a casca trufada, até por uma demanda dos nossos clientes, que já nos acompanham há alguns anos. Geralmente, eles seguem comprando conosco”, conta Millany Cunha. O preparo dos alimentos conta com o reforço de uma funcionária, que é amiga das irmãs.

A empreendedora espera aumentar a renda da empresa em aproximadamente 30% no período que antecede a Páscoa, em comparação com a média

de outro mês do ano. No ano passado, elas receberam 50 encomendas, e a meta é manter o número. “A época ajuda no fluxo de caixa da empresa. Na verdade, os períodos que antecedem datas como o Dia das Mães e o Dia dos

Namorados são muito bons para nós”, comenta.

O menor ovo de Páscoa pesa 150 gramas, comercializado ao custo de R\$ 30. Os valores vão subindo conforme o tamanho. De acordo com Millany Cunha, o custo para produzir os produtos está bem maior, em relação a 2022. “Comparamos os materiais no Mercado Central, que é o lugar mais barato. Para uma microempresa, é difícil encontrar fornecedor, tem que ficar pesquisando sempre”.

Em fevereiro, a inflação do chocolate foi de 11,63%, segundo o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), superando a do segmento Alimentação e Bebidas (9,84%) e da média geral (5,6%). A disparidade é ainda maior na inflação do chocolate e achocolatado em pó, que foi de 20,39%.



Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Impacto dos juros nas empresas: como a variação afeta os negócios

A projeção do mercado financeiro é de que a taxa de juros, a Selic, feche o ano de 2023 em 12,75%. Anteriormente, a projeção para a Selic era de 12,50%. Vale destacar que esta projeção fica abaixo da taxa Selic atual, que está em 13,75%. Porém, existe uma forte pressão do mercado e do atual governo para redução da Selic, visto que o atual patamar “prejudica” a economia brasileira. Como já mencionado em outros artigos, a taxa de juros é um importante indicador econômico que afeta em vários aspectos a economia, e principalmente as empresas, incluindo o acesso ao crédito, o custo de empréstimos, investimentos e a avaliação financeira dos negócios. Quando a taxa de juros está alta, o impacto pode ser negativo para as empresas.

Sobre o custo de empréstimos, quando a taxa de juros está alta, as empresas precisam pagar mais pelos empréstimos que contraem. Isso pode aumentar os custos operacionais das empresas e reduzir a sua rentabilidade. Além disso, as empresas podem ter mais dificuldade em obter empréstimos, uma vez que os bancos podem tornar-se mais seletivos na concessão de crédito em um ambiente de alta taxa de juros.

Nos investimentos, a taxa de juros elevada pode desencorajar os investidores, tanto de empresas quanto de indivíduos. Isso porque o custo de oportunidade dos investimentos pode aumentar, uma vez que os investidores poderiam obter melhores retornos em investimentos mais seguros, como títulos e outros investimentos de renda fixa. Na perspectiva atual, investir em renda fixa seria o mais sensato a se fazer diante das incertezas econômicas. Contudo, isso não é uma recomendação, apenas uma reflexão sobre o que estamos vivendo.

Outro aspecto diz respeito ao mercado financeiro, pois, o valor das ações, ou seja, das empresas, dependem muito de empréstimos para financiar as suas atividades, ocasionando a desvalorização de suas ações em um ambiente de alta taxa de juros, uma vez que os investidores podem preferir títulos de renda fixa com taxas de juros mais elevadas. Em geral, títulos de renda fixa são considerados investimentos de menor risco quando comparados com investimentos em renda variável, como ações e fundos imobiliários.

Por fim, a taxa de juros alta ajuda no controle da inflação, o que pode ser positivo para as empresas, uma vez que a inflação pode aumentar os custos dos insumos e reduzir a sua rentabilidade. Por outro lado, a incerteza sobre a inflação pode aumentar ainda mais a taxa de juros brasileira.

Semanalmente o Boletim Focus aponta aumento de projeção da inflação, isso torna o cenário econômico nebuloso, desacelerando o ritmo da economia, impactando negativamente as empresas, a geração de emprego e renda, e o crescimento do Produto Interno Bruto, o PIB. Todavia, diante de toda e qualquer incerteza, controlar a inflação é prioridade número um do Banco Central, uma vez que o custo da inflação se torna muito mais relevante para o bem-estar dos brasileiros, em especial os de baixa renda, que não conseguem se proteger da inflação.

DEMISSÃO VOLUNTÁRIA

Profissionais priorizam bem-estar

Insatisfação no ambiente de trabalho e busca por mais qualidade de vida levam brasileiros a deixarem empregos

Luiz Guilherme Gerbelli
Renée Pereira
Agência Estado

Em novembro do ano passado, Renata Lopes, de 36 anos, decidiu por fim a sua insatisfação profissional. Com apenas oito meses ocupando um cargo de gerente de compras numa *startup*, ela optou por se desligar da companhia e se dedicar exclusivamente ao negócio próprio - uma empresa que vende produtos de segurança. “Foram diversos fatores (que levaram a essa decisão). Era o cargo, a empresa, a distância”, diz ela.

Renata se somou a quase 6,8 milhões de brasileiros - o equivalente a toda população do Maranhão - que em 2022 pediram demissão de forma voluntária, um terço do total de desligamentos registrados no país, de acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) compilados pela LCA Consultores.

No Brasil, o movimento - que ficou conhecido globalmente por “grande renúncia” - foi marcado, sobretudo, pelos mais escolarizados e jovens. Entre os trabalhadores com pós-graduação, a demissão voluntária superou os 50%.

“Boa parte desse movimento está atrelado a esse processo de normalização, com as pessoas

■ Entre os trabalhadores com pós-graduação, a demissão voluntária superou os 50%, segundo dados do Caged

voltando a ter empregos mais condizentes com sua formação”, afirma Bruno Imaizumi, economista da LCA e responsável pelo levantamento.

Impacto da pandemia

Em 2020, por exemplo, quando a economia foi abalada pelos impactos provocados pela pandemia de Covid-19, os desligamentos voluntários representavam 25,7% do total. “Há dois ‘Brasis’ no mercado de trabalho formal. A grande maioria tem uma mão de obra pouco qualificada, mas quem tem um pouco mais de qualificação tem poder de barganha”, afirma Imaizumi.

Hoje os trabalhadores com mais qualificação não ficam mais presos a um trabalho de que não gostam.



Movimento de demissão voluntária ficou mais forte a partir da pandemia de Covid-19, quando as relações pessoais foram evidenciadas

Desligamentos são mais comuns entre os jovens qualificados

O movimento de demissões voluntárias já vinha surgindo antes da pandemia, mas ganhou outra dimensão no pós-Covid-19. O presidente da multinacional de recursos humanos Adecco, André Vicente, explica que a questão do bem-estar e da qualidade de vida passou a ter uma relevância maior para essa população mais qualificada, que não pensa duas vezes antes de deixar o emprego mesmo sem ter algo em vista. “Alguns deles deixam vagas formais e apostam em trabalhos autônomos, em negócios digitais ou no empreendedorismo.” Foi o caso de Renata Lopes, que decidiu se dedicar a sua empresa de produtos de segurança.

Outro fator que explica a onda de pedidos de demissão é o desequilíbrio entre oferta e demanda de mão de obra em alguns setores, como tecnologia, saúde e mercado financeiro. Vicente afirma que, nesse cenário, as empresas são muito competitivas para atrair o trabalhador. “Isso também foi reflexo da pandemia, pois exigiu que as companhias acelerassem o processo de digitalização, o que demandou muita mão de obra qualificada (que o país não tem).”

Junta-se a isso uma questão geracional, em que os jovens seguem uma filosofia de propósito e “*fit cultural*”. Ou seja, não basta ter um emprego. A cultura

organizacional da empresa precisa estar de acordo com a sua personalidade e crenças. “Hoje as pessoas estão muito mais exigentes e preocupadas com os valores da empresa em que trabalham”, diz Vicente.

Em 2022, o desligamento voluntário entre os que têm de 18 a 24 anos chegou a 39% do total da faixa etária e representou 34% das demissões dos 25 a 39 anos, resultados bem acima do observado na faixa dos 50 a 59 anos (24%).

“Se a gente for analisar uma geração mais antiga, o sinônimo de sucesso era ficar anos numa mesma empresa, crescer na empresa. O mais jovem, não. Se encon-

tra uma melhor oportunidade no mercado de trabalho, ele se movimenta”, afirma o economista da LCA, Bruno Imaizumi.

Mudança de foco

Um exemplo é Marília Gabriela Fechio, de 34 anos. Formada em publicidade, com uma pós-graduação no currículo e cursando um mestrado, ela sempre pre-

zou pela sua saúde emocional e reconheceu os seus limites. Nem sempre tinha a garantia de um trabalho nas suas trocas de emprego. “Do meu último emprego CLT, pedi demissão por motivos de insalubridade mesmo, por ocorrência de sobrecarga emocional e racismo.”

Antes da crise sanitária, ela pondera que tinha alguma “flexibilidade” a mais

para lidar com um ambiente de trabalho eventualmente mais difícil. “Depois da pandemia, veio muito mais um senso de urgência, de imediatismo (das empresas). Isso acabou pesando, tanto que, na minha área, nas minhas equipes, tinha sempre alguém sendo afastado por questões psicológicas.”

No mundo, essa onda deixou evidente aspectos

comportamentais. Em 2021, na esteira desse movimento, mais de 40 milhões de pessoas se demitiram dos seus trabalhos. Vicente diz que na Europa esse movimento é ainda mais intenso que no Brasil. E deve continuar em alta. Exemplo disso é que alguns países estão abrindo suas fronteiras para atrair estrangeiros, como é o caso de Portugal.

Pesquisa mostra que tendência é mundial

Agência Estado

A busca por qualidade de vida no trabalho é um fator decisivo para que os funcionários permaneçam nas empresas. É isso que aponta a pesquisa Panorama do Bem-Estar Corporativo, produzida pela plataforma de bem-estar e saúde, Gympass. A pesquisa foi realizada em nove países, incluindo o Brasil, e contou com mais de nove mil entrevistados.

Para 83% dos participantes o bem-estar é tão importante quanto o salário e 77% afirmam que deixariam a empresa caso ela não priorizasse esse item. Já para 29% dos trabalhadores, em geral, empresas não se importam com a qualidade de vida dos trabalhadores.

Ao avaliar uma vaga de emprego, o trabalhador considera os benefícios que trazem bem-estar como um dos dois fatores mais importan-

tes. Esse dado é reforçado em números, já que 75% dos pesquisados dizem que só trocariam de emprego se o quesito qualidade de vida fosse devidamente observado.

O colaborador que tem seu trabalho devidamente reconhecido é mais propenso a ter satisfação no emprego, é o que afirma a diretora comercial da TCHPAY, Gracielle Guimarães. “O incentivo e o estímulo são sempre fundamentais para promover engajamento e aumentar a produtividade. A premiação corporativa, por exemplo, é uma excelente maneira de valorizar o desempenho do colaborador e promover o bem-estar, já que o premiado pode utilizar o valor extra na aquisição de bens e serviços de sua preferência”, comenta.

Produtividade

Além de trazer felicidade ao ambiente de traba-

lho, a busca pelo bem-estar traz também mais produtividade às empresas, é o que revela a pesquisa realizada pela Man Power Group - The new human age. Segundo os dados, 97% dos trabalhadores que tiveram a sua semana de trabalho reduzida a quatro dias, sentiram um aumento gigantes-

co em termos de bem-estar, e não desejam voltar à antiga rotina.

Ainda segundo a pesquisa da Man Power Group, 31% dos trabalhadores poderiam mudar de emprego já nos próximos meses, caso lhes fosse oferecida uma melhor combinação entre trabalho e qualidade de vida.

Foto: Christina/Unsplash



Bem-estar é tão importante quanto o salário, aponta pesquisa

Bruno Imaizumi

AGRICULTURA FAMILIAR

Mulheres trabalham mais que homens

Estudo da Embrapa reforça que, além de atuarem nas atividades produtivas, elas assumem as tarefas domésticas

Márcia Dementshuk e Renato Félix
Assessoria Secties

Um estudo feito pela Embrapa na região da Bacia Leiteira Caprina entre Paraíba e Pernambuco detectou um acúmulo maior de horas de trabalho por parte da mulher da agricultura familiar comparado aos outros membros da família. Além dela atuar nas atividades produtivas, ainda assume o trabalho doméstico. Não há folga nem no sábado, nem no domingo, são quase nove horas de trabalho, nos sete dias da semana. O agravante é que esse esforço não é categorizado pelos instrumentos de pesquisa e, portanto, não aparece nos resultados finais publicados pelos indicadores que medem a economia. Por vezes, nem mesmo as próprias mulheres agricultoras se reconhecem como tal.

A pesquisadora da Embrapa Caprinos e Ovinos, Nívea Felisberto, e Inês Nunes, da equipe técnica do programa Paraíba Produtiva, apresentaram informações durante o Ciclo de *Lives* “Sempre foi sobre nós” – Políticas de Ciência, Tecnologia e Inovação para a Mulher nesta semana que destacam necessidade da implantação de instrumentos que incluam dados sobre a participação das mulheres na economia rural, especialmente da agricultura familiar.

Para dados que vão além do Censo Agropecuário 2017,

do IBGE, Nívea Felisberto destacou o artigo acadêmico “As mulheres no Censo Agropecuário de 2017” (2021, Karla Hora, Miriam Nobre e Andrea Butto). O estudo parte do “resgate da trajetória histórica de melhorar os instrumentos de registro da presença das mulheres no Censo Agropecuário e de um diálogo com os estudos da economia feminista”.

O Censo Agropecuário de 2017 registra “5,07 milhões estabelecimentos agropecuários, sendo que 81,3% (4,11 milhões) sob gestão masculina e 18,7% (946 mil) sob gestão feminina, considerando todas as formas de direção. Do total de estabelecimentos, 77,1% (3,89 milhões) foram classificados como Agricultura Familiar (AF) e 22,9% (1,16 milhão) como Não Agricultura Familiar (NAF).

No artigo as pesquisadoras focaram, entre outros pontos, na “codireção” por casal dos estabelecimentos agropecuários: “A proposta da categoria codireção é contribuir para o entendimento das relações de gênero em dinâmicas de produção familiares e conjuntas”. “Os estabelecimentos em codireção representaram 20% dos 5.073.324 estabelecimentos agropecuários com forte variação regional, indo de 15% na região Sudeste a 31% na região Sul. Entre estes, 82% são da agricultura familiar, com menor proporção na região Centro-Oeste (77%) e maior na região Norte (86%), seguida pela região Sul (85%). Entre os estabeleci-

■ O artigo demonstra o “viés de autoridade patriarcal e a expressão estatística de manifestações do senso comum, como a de que o trabalho das mulheres na roça é ajuda”

mentos com direção por produtora individual mulher 83% são da agricultura familiar”.

O artigo demonstra o “viés de autoridade patriarcal e a expressão estatística de manifestações do senso comum, como a de que o trabalho das mulheres na roça é ajuda”. Nívea Felisberto salienta: “Precisamos fazer com que a voz dessas mulheres seja ouvida dentro das propriedades porque elas não são simplesmente uma mão de obra, uma ‘ajuda’. Elas pensam muito bem, geram muito bem recursos e precisam participar mais das decisões. E como? Trazendo políticas públicas de incentivo, por exemplo, ter uma linha de crédito para a mulher, para que ela decida o destino daqueles recursos”.



A atividade de floricultura é atualmente bem abrangente e ampla em vários municípios da PB

Visibilidade do trabalho das agricultoras

Equipes da Embrapa e do Paraíba Produtiva aplicam questionários a 557 produtores da Bacia Leiteira Caprina - PB/PE pelo qual se observa que as mulheres, além das atividades com o roçado, o gado, caprino, galinhas, porcos, assumem os trabalhos com a família em proporção altamente desigual. A partir das respostas foi feito um fluxograma de Divisão Social do Trabalho mapeando a participação

de cada um dos integrantes da família.

No exemplo apresentado identifica-se que a mulher gasta, por ano, 1.508 horas em atividades produtivas e 2.372 horas em cuidados com a família: 3.880 horas de trabalho. O homem gasta 60 horas no trabalho doméstico e os dois jovens, não gastam. Mesmo somando as horas gastas com as atividades econômicas produtivas pelo homem (2.959

horas), ainda são menos horas (total 3.019 horas) do que as mulheres trabalham.

Este exemplo é singular, mas representativo. “Quando esses dados são levados para as famílias reforçamos que o objetivo é fazer com que se enxergue a participação de cada um, e se é possível fazer alguma coisa mais pelo parceiro”, explica Nívea Felisberto. Para Inês Nunes este é um esforço para o qual o

programa Paraíba Produtiva deverá se voltar e está relacionado com a elaboração do “Plano de Biosseguridade da Caprinocultura Leiteira nos territórios dos Cariris Paraibanos e Sertões Pernambucanos” que está em andamento. “Além da saúde do rebanho, as instalações, o bem-estar dos trabalhadores é um dos itens importantes do plano, o que inclui a participação da mulher no processo produtivo”, avalia Inês.

Importância do cultivo de flores no estado

O arranjo produtivo local batizado de APL das Flores foi o tema do quarto encontro. As convidadas foram a professora Márcia Gondim, do programa Paraíba Produtiva, e a produtora Maria José “Lia” dos Santos. Elas falaram sobre os dados a respeito do cultivo de flores no estado e da importância desse mercado para as mulheres, que respondem por aproximadamente 80% da produção paraibana. Como as demais do ciclo, a *live* fica disponível no site da Fapesq-PB no *YouTube*. Márcia Gondim, graduada em Agronomia que hoje também é produtora, começou a trabalhar com o assunto em 2006, a partir da Associação Flores Vila Real, em Areia. Estudou o tema no doutorado e, no Paraíba Produtiva, vem tra-

balhando para levantar dados até então inexistentes sobre esse mercado no estado.

“Fizemos um diagnóstico do Litoral ao Sertão”, conta ela. “Descobrimos que 80% se enquadram como agricultores familiares, e que 82% são mulheres”. Delas, 69% possuem a Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), sendo Pronaf o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. “Essa é uma atividade que, por ter um cultivo mais delicado do que o de milho ou feijão, acaba atraindo as mulheres”, afirma a professora a respeito dos motivos de as mulheres serem a força produtora primordial desse arranjo produtivo local. “E muitas vezes essas informações vai passan-

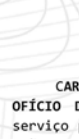
do de uma geração para outra, de mãe para filha”.

A atividade de floricultura é atualmente bem abrangente e ampla. “Há quem cultive de clima temperado – em Areia, Bananeiras, Serraria”, conta. “E tem as espécies no Sertão – cactos, rosas do deserto, em locais como Pombal, região de Patos, Matureia”. A grande maioria é de flores em vaso. Segundo Márcia, só dois produtores trabalham com flores de corte: em Sapé e em Pilões. Ela conta também que existem dois grupos principais: um que já está há mais de 15 anos no mercado e outro muito mais recente, que está na atividade há apenas um ou dois anos. Nessa turma mais recente está Lia, de Serraria. Produtora há dois anos, em par-

ceria com uma amiga, viu o negócio crescer a partir de oficinas e cursos de gestão que frequentou. “A gente foi ganhando conhecimento”, contou. “A gente vai descobrindo novas coisas. Pelas flores, a gente teve a oportunidade de chegar a universidades, participar de Expotec... É tudo novo pra gente, diferente”.

O Ciclo de *Lives* “Sempre foi Sobre Nós” terá mais duas *lives* com os temas “Mulheres, inovação e empreendedorismo feminino” e “Mulheres e os ODS da ONU”, nas sextas-feiras, dias 24 e 31 de março, às 10h, no canal da Fapesq no *YouTube*. É uma realização da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq).

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



CARLOS ULYSSES

SERVIÇO NOTARIAL DO 1º OFÍCIO E REGISTRAL IMOBILIÁRIO DA ZONA SUL

TITULAR: Bel. Walter Ulysses de Carvalho

EDITAL

CARTÓRIO CARLOS ULYSSES - SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL DO 1º. OFÍCIO DA ZONA SUL DA COMARCA DE JOÃO PESSOA-PB, delegação de serviço público, estabelecida à Av. Epitácio Pessoa, 105 - Centro - João Pessoa/PB, inscrita no CGC/MF sob nº. 09.362.211/0001-49, representado neste ato por seu respectivo Tabelião e Oficial, Bel. Walter Ulysses de Carvalho, a vista do Art. 941 e 942 do Código de Normas Extrajudicial da CGJPB, FAZ SABER a todos quantos o presente edital virem, dele conhecimento tiverem ou a quem interessar possa, que neste Cartório foi requerido por UP CONSTRUÇÕES E IMOBILIÁRIA EIRELI, pessoa jurídica com sede em João Pessoa, à rua Almirante Tamandaré, nº 296, sala 17, João Pessoa (PB), CEP 58.039.010, CNPJ nº 21.135.456/0001-39, representada neste ato pelo sócio MARCÍLIO HENRIQUES DE PAIVA, brasileiro, casado, residente e domiciliado em João Pessoa (PB), CPF 203.466.114-1, a retificação das áreas dos imóveis: Lote de terreno próprio sob nº 520 da Quadra 019, situado a Rua Laurita Laura de Medeiros, Loteamento João Paulo II, bairro João Paulo II, nesta capital, medindo 25m00 (vinte e cinco metros) de frente e fundos, por 30m00 (trinta metros) de comprimento de ambos os lados, limitando-se pela frente com a rua de sua situação, pelos fundos com o lote 42 da mesma quadra, pelo lado direito com a Rua Leoniza Pitia de Oliveira e pelo lado esquerdo com o lote 495. Cadastrado na PMJP com inscrição anterior sob nº 27.198.0487.0000.000 e localização atual sob nº 38.019.0520.0000.0000, que de acordo com certidão da PMJP processo sob nº 762-22-JP-CER, código verificador nº 80c18rgx, emitida em 28/03/2022, o imóvel com localização cartográfica nº 38.019.0520.0000.0000, situado à Rua Laurita Laura de Medeiros, Bairro João Paulo II, nesta capital, passou a ter as seguintes metragens: 28m85 de largura na frente, 29m30 de largura nos fundos, 32m45 de comprimento do lado esquerdo e 33m50 de comprimento do lado direito. Limitando-se pela frente com a rua de sua situação, pelos fundos com o lote 42 da mesma quadra, pelo lado direito com a Rua Leoniza Pitia de Oliveira e pelo lado esquerdo com o lote 495, do Cartório de Registro de Imóveis da Zona Sul da Comarca de João Pessoa/PB. Por este CITO O CONFRONTANTE do lado esquerdo (Imóvel Lote nº 464, da Quadra 694, atual quadra 198, do Loteamento João Paulo II, nesta capital, com sua localização cartográfica setor 38, quadra 091, lote 495), a COJUDA CONSTRUTORA JULTÃO LTDA, s/nº, inscrita no CNPJ sob nº 09.271.321/0001-03, e o CONFRONTANTE dos fundos (Lote nº 36, da Quadra 694, do bairro João Paulo II, que faz frente para a Rua Leoniza Pitia de Oliveira), pertencente à EDNA FERREIRA MAURÍCIO, portadora do CPF nº 069.951.307-31 e seu esposo JOÃO MAURÍCIO DA COSTA, portador do CPF nº 631.609.564-49, INTERESSADOS AUSENTES, INCERTOS, DESCONHECIDOS e NÃO ENCONTRADOS, SEUS CONJUGES, SE CASADOS FOREM OU AQUELES QUE PORVENTURA TENHAM CONHECIMENTO E INTERESSE, POSSAM ALEGAR QUALQUER DIREITO SOBRE O IMÓVEL ACIMA MENCIONADO, para impugnarem, querendo, no prazo legal de 15 (quinze dias), nos termos do Art. 213, parágrafo 4º, da Lei 6015/73, que não o fazendo presumir-se-ão aceitos como verdadeiros os fatos articulados pelo requerente. Documento subscrito e assinado eletronicamente pelo escrevente auxiliar DIOGO OLIVEIRA DA SILVA. Dou fé _____

Lei 6015/73. Art. 213. O Oficial retificará o registro ou a averbação: II - a requerimento do interessado, no caso de inserção ou alteração de medida perimetral de que resulte, ou não, alteração de área, instruído com planta e memorial descritivo assinado por profissional legalmente habilitado, com prova de anotação de responsabilidade técnica no competente Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura - CREA, ou, assim pelos confrontantes. § 2º Se a planta não contiver a assinatura de algum confrontante, este será notificado pelo Oficial de Registro de Imóveis competente, a requerimento do interessado, para se manifestar em quinze dias, promovendo-se a notificação pessoalmente ou pelo correio, com aviso de recebimento, ou, ainda, por solicitação do Oficial de Registro de Imóveis, pelo Oficial de Registro de Títulos e Documentos da comarca da situação do imóvel ou do domicílio de quem devesse recebê-la.

Av. Epitácio Pessoa, 105 - Centro - CEP: 58030-000 - João Pessoa - PB
Fone: (83) 3222-0393
administrativo@cartoriocarlosulysses.com.br - CNPJ: 09.362.211/0001-49
VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL, QUANDO ATRIBUIÇÃO DA RAÍZURA ANALISA ESTE DOCUMENTO

DIOGO OLIVEIRA DA SILVA
2023.03.13
19:25

CUIDADO

Espaços para salvar os animais

Na Paraíba, o Cetas e a Bica mantêm ações de reabilitação de espécies debilitadas e encaminhadas por órgãos

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A Paraíba conta com unidades de tratamento e recuperação de animais, a exemplo do Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), vinculado ao Ibama, e do Parque Zoobotânico Arruda Câmara – a Bica. O Cetas recebe animais resgatados pelos órgãos ambientais ou entregues por populares. Já a Bica oferece todos os cuidados aos bichinhos, que vivem na reserva ambiental, incluindo, avaliação médica e exames. Em 2022, o Cetas recebeu cerca de 500 animais de espécies variadas. Já neste primeiro trimestre, foram em torno de 50.

Esse número inclui animais resgatados saudáveis que passaram por avaliação clínica e foram encaminhados para áreas de solturas devidamente cadastrados junto ao Ibama; animais com necessidades de intervenções medicamentosas e cirurgias que, se for necessário, são encaminhados para instituições parceiras credenciadas e com expertise no trato a silvestres.

Gisele Pantaleão, superintendente substituta do Ibama/PB, explica que o Cetas, localizado em Cabedelo, atua na recuperação e reabilitação de animais silvestres com problemas de saúde, que sofreram atropelamento, choque elétrico, e também cuida de animais saudáveis que são apreendidos, entregues de forma voluntária ou resgatados.

Eles chegam ao Cetas por entrega voluntária, acionamentos e resgates efetuados por transeuntes, apreensões decorrentes de ações de órgãos municipais, estaduais e federais, e são aceitos todos os tipos de animais silvestres da fauna nativa. “Os problemas que apresentam são variáveis, pois as ocorrências, de uma forma geral, sofrem variações sazonais”. Como exemplo, ela citou o período reprodutivo, quando aumentam as ocorrências que envolvem filhotes de aves, mamíferos, répteis, animais terrestres e marinhos. “Há diversas categorias de traumas que são atendidas, de choques de aves em instalações prediais a animais atropelados no perímetro urbano e rodovias”.

Quando os animais chegam ao Cetas, passam por procedimentos de identificação e tratamento de zoonoses e fraturas, além dos cuidados clínicos, nutricionais, avaliações comportamentais e demais demandas particulares aos grupos de animais alojados.

São ainda trabalhados os processos para que todos os animais em condições de retornar à vida livre possam ser devolvidos ao meio ambiente. Se isso não for possível, eles são encaminhados para cen-



Fotos: Cetas/Divulgação

Animais silvestres são avaliados, tratados e encaminhados para os espaços de acordo com as condições da reabilitação

tros especializados, garantindo o bem-estar animal. “Infelizmente há uma parcela dos animais que não pode retornar à vida livre, seja por características comportamentais até animais mutilados, que não possuem condições mínimas de se locomover ou se alimentar sem auxílio externo”, afirma.

A superintendente ressalta que todas as espécies de silvestres nativos do Brasil são beneficiadas com ações desenvolvidas junto ao Centro. Ela acrescenta que o tempo de recuperação é variável conforme cada caso e que a proposta do Cetas não é ser abrigo permanente de fauna silvestre. Por isso, depois de cumpridas as etapas do restabelecimento das condições clínicas de saúde, desenvolvimento - nos casos em que é preciso tratar os filhotes, e comportamento, se o animal não tiver condições de voltar à vida livre, podem ser levados para centros especializados, criadores conservacionistas e zoológicos para destinação de forma permanente.

Ambulatório da Bica reabilitou 45 animais com saúde comprometida

A Bica, além de ser um recanto ecológico, também realiza atividades para recuperação de animais encontrados com a saúde comprometida. Esses animais chegam ao espaço encaminhados pelos órgãos competentes, ou seja, a Bica não aceita entrega de bichinhos de pessoas físicas. Em 2022, foram tratados no Parque 45 animais.

Lá os que estão doentes ou feridos recebem uma série de cuidados como atendimento ambulatorial, avaliação médica, coleta de material para exames laboratoriais e acompanhamento de tratamento. Esse tratamento dura o tempo que for necessário. Alguns animais passam três dias e outros podem ficar até um ano até a total recuperação. Esse tempo depende do problema apresentado e do tratamento estabelecido.

“Recebe-

mos vários animais da fauna nativa, desde répteis como serpentes, cágados, jabutis e lagartos, Aves como pássaros, psitacídeos e gaviões, como também mamíferos como timbus, cutias, preguiças raposas e saguis”, relata o médico veterinário Thiago Nery, chefe da Divisão de Zoológico da Bica.

Após receberem tratamento, os animais são devolvidos à natureza, mas alguns não têm condições de reinserção e acabam ficando sob os cuidados da Bica. As possibilidades para que isso aconteça são as mais variadas, desde problemas motores, de locomoção, amputações, problemas comportamentais, instintos de caça, capacidade de se pro-

teger e falta de área segura para soltura, conforme explica o médico.

Dos animais encaminhados ao ambulatório, permaneceram na Bica um sagui com má-formação óssea, um cágado muçã com fratura de carapaça e uma jiboia com fratura de coluna.

Thiago Nery conta que os principais problemas apresentados pelos animais são interação com área urbana, a exemplo de contato com a rede elétrica, atropelamento, choque em vidraças e ataque de animais domésticos. Em 2022, foi registrada a morte de uma salamanta, que havia sido atacada por um animal doméstico.

Além do setor ambulatorial, a Bica possui uma área de quarentena, internamento e parceria com laboratório de imagem e exames complementares. Para atender aos bichinhos, o ambulatório conta com veterinários, biólogos, ecólogo, zootecnistas e cuidadores de animais. O trabalho é realizado por meio de parceria com várias instituições de ensino e pesquisa, como universidades federais, estaduais e particulares.

Trabalho é feito com parceiros

Além do Cetas e da Bica, existem outras instituições públicas que realizam esse trabalho. Gisele Pantaleão relata que algumas clínicas e hospitais veterinários realizam os atendimentos iniciais e, normalmente, após esta etapa, acionam o Ibama/Sudema para destinação da fauna ao Cetas e assim dar continuidade aos procedimentos de reabilitação.

A Instrução Normativa nº 05/2021 estabelece critério para adesão ao programa de cadastramento de Áreas de Solturas de Animais Silvestres (Asas), ou seja, propriedades rurais podem ser cadastradas como locais de soltura dos animais reabilitados de forma sistemática. Essas propriedades devem ter áreas remanescentes dos biomas Catinga, Mata Atlântica e áreas de ecótono, ou seja, com características de transição entre os dois biomas.

O Cetas possui um médico veterinário, conforme Acordo de Cooperação Técnica (ACT) realizado junto à Sudema. Também conta com bolsistas de programas de iniciação científica e pós-graduação encaminhados por universidades, com projetos de pesquisas voltados a silvestres dos cursos de graduação em Biologia e Medicina Veterinária.

Para receber os animais, o Cetas possui uma clínica veterinária para atendimentos de baixa complexidade. Os que necessitam de intervenções complexas são destinados a clínicas com maior infraestrutura como, por exemplo, o Hospital Veterinário do município de Areia. Os animais são separados em recintos com finalidades específicas como quarentena, triagem e reabilitação.

Avaliação

Equipes avaliam condições de devolverem os animais para o *habitat* porque nem todos têm condições



A exemplo das aves, muitas espécies que sofrem com ações do ser humano ou de outros animais são levadas para o Cetas ou a Bica para a reabilitação devida

KLEBER RAMOS

Um vencedor no ciclismo

Paraibano faz história com conquistas pelo país e no exterior, sendo o único brasileiro a vencer a maior prova da América Latina

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Nascido em João Pessoa em 24 de agosto de 1995, Kleber Ramos da Silva, o Bozô, tornou-se um dos grandes nomes do ciclismo no Brasil. Mas o talento e a dedicação fizeram o atleta expandir horizontes, cruzar fronteiras e ter o nome passeando entre os melhores das Américas. No currículo, vitórias importantes e inéditas como a Tour do Rio, considerada a maior prova de ciclismo de estrada da América Latina, que teve o paraibano sangrando-se como primeiro brasileiro a conquistar o título. Inúmeras conquistas que não foram ofuscadas pelo doping, registrado em 2016, antes do início dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, quando o velocista foi suspenso por uso de estimulante. Pelo contrário, a atitude foi revista pelo atleta que em uma rede social, à época, escreveu: “Só posso pensar no hoje por diante... Fazer melhor, ser melhor, assumir que errei. Errei quando assumi a responsabilidade de fazer algo ilegal, errei quando lá atrás não segui firme no verdadeiro valor que o esporte tem a oferecer”. A suspensão de quatro anos acabou em 2020, quando a pandemia da Covid-19 impossibilitou a realização de torneios e competições. Mas Kleber voltou. O ciclista que aos 14 anos mudou-se para São Paulo, profissionalizando-se cerca de 10 anos depois, está mais ativo que nunca. Aos 37 anos, o pessoense, que defende a equipe Pindamonhangaba Cycling Team, segue participando de competições e realizando longos treinos diários. A entrevista para a reportagem de A União foi concedida durante a 20ª Volta de Goiás, que começou dia 15 e encerra hoje. Entre uma prova e outra, Bozô falou sobre o início no esporte, principais conquistas e a rotina sobre duas rodas.

O ciclista paraibano, Kléber Ramos, na chegada da Volta Internacional do ABC



Foto: Portalr3/Divulgação

Entrevista

■ Como entrou para o ciclismo? Alguma inspiração?

Iniciei no ciclismo com cinco anos de idade sob influência do meu pai que também é ciclista. Comecei a correr em João Pessoa, e fui me destacando nas provas regionais. Em uma Copa Norte-Nordeste obtive bons resultados e com 14 anos fui para São Paulo, na Escolinha de Ciclismo, na cidade de Iracemápolis do Renato Buck.

■ A mudança para São Paulo foi para desenvolver o esporte? Como foi sua trajetória na cidade?

Fiquei em Iracemápolis por uns cinco anos e logo após fui para o Canadá, onde fiquei duas temporadas. Voltei para o Brasil e passei pelas equipes Caloi, Padaria Real, Dataro Sport, Funvic, Memorial e hoje estou de volta a equipe Pindamonhangaba Cycling Team.

■ Quais os principais títulos e qual deles te orgulha mais?

Cada título tem seu valor e sua história. Tive o privilégio de representar o Brasil nas Olimpíadas do Rio de Janeiro. Hoje sou o único brasileiro vencedor do Tour do Rio. Venci a etapa Rainha do Tour de San Luis na Argentina. Fui campeão da Volta de Goiás em 2020, como líder geral da volta e também líder de montanha. Sou campeão brasileiro em todas as categorias, e em 2021 me sagrei campeão brasileiro Elite de Estrada, que com certeza é um título que todos almejam.

“

Cada título tem seu valor e sua história. Tive o privilégio de representar o Brasil nas Olimpíadas do Rio de Janeiro. Hoje sou o único brasileiro vencedor do Tour do Rio

Kleber Ramos

■ O que você não realizou e que gostaria de ter feito no esporte?

Posso dizer que sou um ciclista realizado em todos os sentidos. A maior realização é poder fazer o que eu mais amo, que é o ciclismo. E através do esporte, pude conhecer pessoas e muitos lugares de diferentes culturas. Viajei para muitos países e sempre fui abençoado com vitórias por onde passei.

■ Do que mais sente falta? E o que mais te atrai no ciclismo?

Posso dizer que vivi uma fase muito boa no ciclismo no Brasil. Hoje, sinto falta desse tempo onde existiam grandes equipes. Havia muitas corridas e grandes voltas dos estados, que não existem mais. O ciclismo é encantador mas também muito duro. E o que me encanta é justamente esse desafio de tentar me manter competitivo, de ter disciplina nos treinos e estar sempre em busca de melhorar. Pois, não tem sensação melhor que cruzar a li-

nha de chegada em primeiro lugar.

■ Como é a sua rotina com a bike?

O ciclismo e a bike fazem parte da minha vida desde muito pequeno. Não me vejo fazendo nada que seja longe da bike. A minha rotina de treinos hoje ainda é diária. Para cada competição existe um tipo de treinamento, então semanalmente eu fecho entre 700 a 1000 quilômetros. Procuro incluir também alguns dias de musculação na academia, além de treinos específicos na estrada.



Foto: Portalr3/Divulgação

Kléber Ramos na chegada de prova válida pelo Campeonato Brasileiro de Ciclismo

SAÚDE MENTAL

Psicologia ajuda Rebeca Andrade

Com o auxílio do Comitê Olímpico Brasileiro, atleta repete atuação da ginástica na faculdade, onde acumula notas altas

Agência Estado

Rebeca Andrade é o maior nome da história da ginástica artística brasileira. Com um ouro no salto e uma prata no individual geral nos Jogos Olímpicos de Tóquio, a atleta se tornou a primeira da história do Brasil a chegar ao pódio de uma Olimpíada na modalidade. Sobre o feito, Rebeca não esconde que uma das razões que a fizeram chegar tão longe está na preocupação com a saúde mental, que também despertou uma paixão: a psicologia. Ela viu de perto o drama da americana Simone Biles nos Jogos do Japão, quando abandonou algumas provas por não se sentir preparada mentalmente.

Após as conquistas na última Olimpíada, Rebeca Andrade buscou unir partes do seu mundo e se colocou em um novo desafio. Fazendo uso de uma bolsa de estudos oferecida pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB), a ginasta passou a cursar a faculdade de Psicologia. A rotina de estudos do terceiro semestre do curso é feita de maneira concomitante com os treinos, e a atleta vem conseguindo se sair bem em tudo. Sua rotina requer muita obstinação.

"Eu treino de manhã e de tarde e faço a faculdade presencial à noite. É corrido, muito cansativo, mas prazeroso. Apesar dos treinos e das competições, minha média está em 9, o que é bem alta e fico muito feliz todas as vezes que vejo essa nota. A minha psicóloga me influenciou, sim, na escolha e sou muito feliz com ela, amo a psicologia", disse



Rebeca Andrade viu de perto o drama da norte-americana Simone Biles e enfrentou um novo desafio, fora dos tablados, cursando a faculdade de psicologia

a atleta já em fase de preparação para os Jogos de Paris.

Fazendo uma análise dos últimos anos e projetando o futuro e o que deseja, Rebeca mostra que soube caminhar durante a carreira no esporte e valoriza cada momento.

"A Rebeca que saiu de casa aos 10 anos não tinha a confiança de que poderia conquistar tudo que conquistou, mas isso aconteceu com o passar dos anos, foi uma construção. Com o meu tratamento psicológico, consegui encontrar e construir uma Rebeca mais empoderada, mais forte, mais

aberta para falar e se posicionar. Penso que não quero mudar nada para o futuro, mas amadurecer e melhorar cada vez mais", disse a ginasta.

Saúde mental

"Eu saí de casa muito cedo, com 10 anos, e entendi o que era pressão e rotina de atleta cedo também. Lógico que existe toda a dedicação, treino, tudo, mas vejo que a minha preparação mental me ajudou muito a chegar onde cheguei. Estou com a minha psicóloga, Aline Woff, há mais de dez anos e sei que

as conquistas vieram, porque consegui equilibrar o mental e o físico", comentou a medalhista olímpica.

Além de ser um marco na carreira de Rebeca Andrade, a Olimpíada de Tóquio trouxe um novo olhar para a saúde mental dos atletas de alto rendimento. O maior símbolo desse momento foi Simone Biles.

Maior nome da ginástica artística nos Jogos Olímpicos no Japão e candidata a ser o maior nome da competição, a americana optou por se retirar da maioria das disputas

por entender que era necessário dar um passo atrás e lidar melhor com a pressão por resultados em sua cabeça. Ela não estava bem e não se furtou em admitir isso em meio à competição.

A decisão de Biles "ajudou" Rebeca Andrade a chegar mais alto nos pódios do Japão, mas também abriu os olhos do mundo para a relação entre o esporte de alto rendimento e a questão mental. Há uma conduta dos atletas antes de Biles e depois dela. A saúde mental entrou, de fato, na rotina dos compe-

tidores de alta performance. Rebeca entendeu isso muito cedo.

Biles não foi a única

A escolha de Simone Biles teve impacto no mundo todo, mas não foi a única. Durante os últimos anos, principalmente após a volta das competições após a pandemia da Covid-19, alguns atletas reconheceram que era necessário parar um momento para seguir. Uma delas foi Naomi Osaka.

Líder do ranking mundial em 2019 e dona de dois títulos de Grand Slam, a tenista japonesa assumiu que sofreu com depressão durante algum tempo na carreira e decidiu que o melhor caminho era uma pausa nas competições.

A australiana Liz Cambage, do basquete, e a americana Sha'Carri Richardson, do atletismo, também admitiram que por conta de acontecimentos da vida pessoal passaram a precisar de medicamentos para lidar melhor com a pressão mental.

No Brasil, Gabriel Medina, do surfe, chegou a anunciar uma pausa temporária nas competições para conseguir lidar com problemas pessoais. Drussyla e Gabi Cândido, ambas do vôlei, foram diagnosticadas com síndrome do pânico e ficaram afastadas do esporte.

Em todos os casos, os atletas entenderam que era preciso, de algum modo, retomar o equilíbrio entre o mental, o físico e o técnico. Rebeca Andrade reconhece que a "virada de chave" a nível mundial só foi possível quando conseguiu este caminho.

Foto: Ricardo Bufolin CBG



Rebeca Andrade é o maior nome da ginástica brasileira e segue no topo do mundo com as suas belas apresentações

PARAIBANO 2023

SP Crystal inicia decisão com o Treze

Jogo acontece hoje no Estádio Carneirão, em Cruz do Espírito Santo; volta será no próximo dia 26, no Amigão

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

São Paulo Crystal e Treze fazem, hoje, o primeiro duelo do confronto válido pela fase semifinal do Campeonato Paraibano, a partir das 16h, no Estádio Carneirão, em Cruz do Espírito Santo. Ao final dos dois confrontos, a equipe vencedora terá a vaga garantida para a final da competição.

O São Paulo Crystal fez a 3ª melhor campanha na 1ª fase, chegando sua segunda semifinal em apenas quatro edições disputadas na 1ª divisão estadual, buscando chegar à disputa de sua primeira final. No entanto, para conquistar o feito, o Carcará terá de quebrar uma escrita de jamais ter vencido o Galo pelo Certame Estadual.

O retrospecto entre as equipes aponta três vitórias do Treze e dois empates, em cinco partidas disputadas na competição. Na última vez em que os clubes se enfrentaram, vitória do Galo por 2 a 0, na rodada de abertura desta edição. Agora, o tricolor vem embalado pela campanha para buscar a primeira vitória e tentar sair na frente no confronto.

“Vamos para a partida com o que temos de melhor. Teremos pela frente um adversário grande do estado, que carrega o favoritismo

pela sua própria história. Mas confiamos no trabalho que tem sido feito por nossa equipe e que o grupo tenha condições de conseguir a vaga na final”, pontuou Ar-

“
Conquistamos o nosso primeiro objetivo, que era a classificação. Agora vamos em busca do título da competição

Igor Rayan

thur Ferreira, diretor de futebol.

O Galo encara essa primeira partida como uma oportunidade de voltar a disputar uma final após duas temporadas, além disso, o clube também quer garantir participação nas principais competições regionais e nacionais na próxima temporada.

“Conquistamos o nosso primeiro objetivo, que era a classificação. Agora vamos



Foto: Reprodução/Instagram

Equipe do São Paulo Crystal vem fazendo uma excelente campanha no Paraibano de 2023 e busca vaga para as finais

em busca do título da competição. Neste primeiro duelo vamos encarar um adversário qualificado, que se defende bem e oferece perigo no sistema ofensivo. Trabalhamos bem na semana para entrarmos em campo e conseguir um bom resultado”, comentou o goleiro Igor Rayan.

O confronto de volta que vai definir um dos finalistas do Campeonato Paraibano acontece no dia 26 deste mês, no Estádio Amigão, em Campina Grande.

Presença da torcida

Uma reunião entre membros do Ministério Público da Paraíba (MPPB), Polícia

Militar da Paraíba (PMPB) e Federação Paraibana de Futebol (FPF-PB) ocorrida na última quarta-feira (15), na sede do Ministério MPPB, definiu que os quatro jogos das semifinais do Campeonato Paraibano terão as presenças das torcidas dos clubes mandantes e também dos visitantes.

De acordo com a decisão, o mandante da partida cederá 10% da taxa total de ingressos à torcida visitante, conforme o artigo 98 do Regulamento Geral da Competição (RGC).

Hoje, o Treze terá direito a uma carga de 300 ingressos para o jogo contra o São Paulo Crystal, no Carneirão.

Jogos de hoje

■ ALAGOANO

16h

CRB x Coruripe

■ BAIANO

16h

Jacuiense x Juazeirense

■ CARIOCA

18h

Vasco x Flamengo

■ CATARINENSE

16h

Concórdia x Brusque

17h

Figueirense x Hercílio Luz

■ CEARENSE

18h30

Fortaleza x Ferroviário

■ GAÚCHO

18h

Internacional x Caxias

■ GOIANO

17h

Atlético-GO x Aparecidense

■ MARANHENSE

16h

Maranhão x Moto Club

■ MINEIRO

18h

América x Cruzeiro

■ PARAENSE

10h

Castanhal x Remo

São Francisco x Independente

15h30

Tapajós x Itupiranga

■ PARANAENSE

16h

FC Cascavel x Operário-PR

■ PAULISTA

16h

Palmeiras x Ituano

■ PERNAMBUCANO

18h

Retró x Salgueiro

16h

Afogados x Íbis

■ POTIGUAR

16h

América-RN x ABC

TEMPORADA 2022

Gabigol, do Fla, e Hulk, do Galo, têm os gols mais caros

O ano de 2022 foi bastante agitado em termos de competições de futebol, inclusive (e especialmente) por causa da Copa do Mundo. Pensando nisso, o Sambafoot(site de apostas) fez uma análise dos cinco jogadores no Brasil com mais gols em 2022, comparando a quantidade de vezes que balançaram as redes e quanto cada uma delas custou.

Curiosamente, o argentino Germán Cano foi o jogador com um maior saldo de gols em 2022 e também o que teve melhor custo-benefício para o seu time. Com um total de 44 gols marcados no ano passado, cada um deles saiu por pouco mais de R\$ 136 mil. O segundo com melhor custo por gol foi o também argentino Jonathan Calleri. Apesar de ocupar o último lugar do top 5, os 27 gols do jogador custaram ao São Paulo menos de R\$ 235 mil cada.

Além dos argentinos, o ranking dos top 5 maiores goleadores conta com Hulk, Pedro Guilherme e Gabigol. Dos três, Hulk e Gabigol são os que tiveram os gols mais caros da temporada, com cada um dos 29 gols marcados por ambos os jogadores saindo por mais de R\$ 600 mil.

RANKING DOS MAIORES GOLEADORES DE 2022

por ordem de gols mais baratos

Foto: Divulgação/Fluminense



1º Germán Cano

Jogador do Fluminense tem 44 gols; seu salário anual é de R\$ 6.000.000 com custo por gol de R\$ 136.363

Foto: Divulgação/Flamengo



3º Pedro Guilherme

Jogador do Flamengo tem 29 gols; seu salário anual é de R\$ 7.200.000 com custo por gol de R\$ 248.275

Foto: Rubens Chiri/São Paulo



2º Jonathan Calleri

Jogador do São Paulo tem 27 gols; seu salário anual é de R\$ 6.300.000 com custo por gol de R\$ 233.333

Foto: Pedro de Souza/Atlético-MG



4º Hulk

Jogador do Atlético-MG tem 29 gols; seu salário anual é de R\$ 18.000.000 com custo por gol de R\$ 620.689

Foto: Gilvan de Souza/Flamengo



5º Gabigol

Jogador do Flamengo tem 29 gols; seu salário anual é de R\$ 19.200.000 com custo por gol de R\$ 662.068

R\$ 136 mil

Custo de cada um dos 44 gols marcados pelo atacante Cano, do Fluminense, na última temporada

PALCO TABAJARA

O SOM DA
PARAÍBA

Especial

USINA ENERGISA
20 ANOS

21 DE MARÇO

CABURÉ + MACUMBIA

28 DE MARÇO

DEAD NOMADS + MUSA JUNKIE

04 DE ABRIL

VIEIRA + LUCAS DANTAS

11 DE ABRIL

JÉSSICA MELO + SOCRATES

18 DE ABRIL

ORIJAH + IAGO D'JAMPA

25 DE ABRIL

MYRA MAYA + GABI BLUE

Das 20 às 22h

na Usina Energisa

ENTRADA GRATUITA

Apoio cultural:



Fundação Cultural
Ormeo Junqueira Botelho



Realização:



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

@radiotabajara

Clara Camarão

Temida pelos holandeses, uma guerreira potiguara comandou um batalhão de mulheres indígenas, negras e mamelucas na guerra de expulsão dos invasores das terras nordestinas

Hilton Gouvêa
araujogouvea74@gmail.com

Os biógrafos a descrevem como “uma mulher de prováveis 35 anos, altura um pouco acima da mediana que, com sua cor bronzeada, cabelos e olhos negros, mostrou às suas comandadas – integrantes de um batalhão de mulheres indígenas, negras e mamelucas utilizadas na guerra de expulsão dos holandeses da Paraíba –, como era dona de uma destreza sem igual com a lança, o tacape e o arco e flecha. Também demonstrou que seus gritos alarmavam o inimigo nos campos de batalha. Essas qualidades heroicas são atribuídas a dona Clara Camarão, mulher do índio potiguara Antônio Felipe Camarão, herói decisivo na guerra dos brasileiros e portugueses contra o invasor holandês, nos meados do século 17.

Fernanda Fernandes, uma das biógrafas de Clara Camarão, afirma que ela e suas guerreiras eram como escudeiras dos respectivos maridos integrantes do exército regular e das companhias de guerrilheiros que combatiam as hostes de Henrique Dias e do Capitão Rebelinho, esse último é o autor da morte de Yppo Eisszen (terceiro governador holandês da Paraíba), quando as duas falanges se encontraram no Engenho de Menson Fransen, em Cruz do Espírito Santo, na Região Metropolitana de João Pessoa.

Abrindo parênteses, Rebelinho era um próspero senhor de engenho, financeiramente arruinado pelos batavos, durante a ocupação holandesa (1634-1657) em Pernambuco e na Paraíba. Ele guardava uma mágoa: a soldadesca do exército da Companhia das Índias Ocidentais, certa vez, numa passagem pelo engenho de Rebelinho, teria maltratado a mulher e os filhos desse bravo capitão. Depois, por influência de Yppo Eissen, o engenho de Rebelinho acabou confiscado e entregue pelos neerlandeses ao judeu-holandês Menson Fransen.

Descrição

Nos seus “prováveis” 35 anos, Clara tinha uma altura um pouco acima da mediana, mas mostrou destreza nas armas junto com suas comandadas

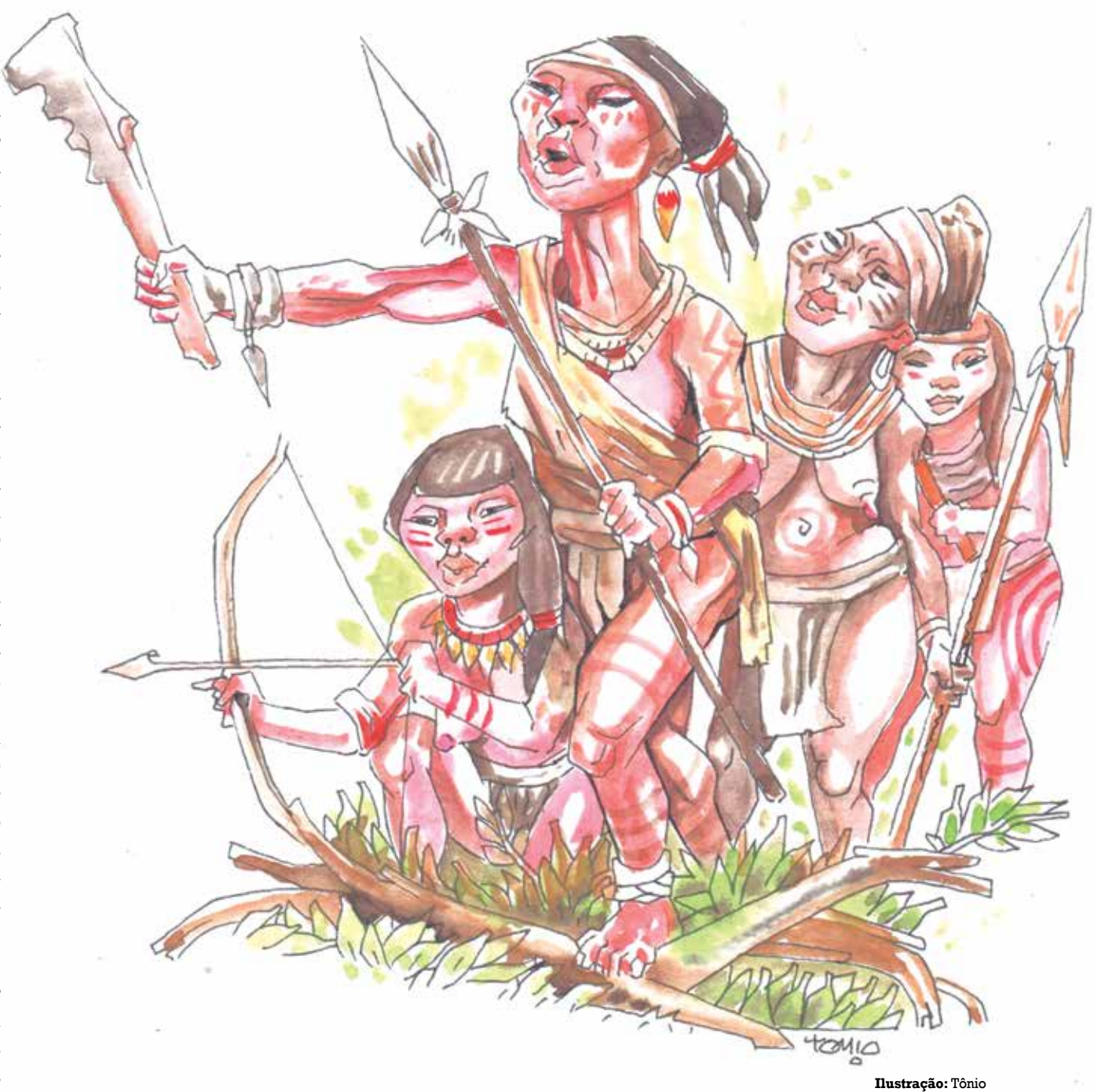


Ilustração: Tônio

Após ter o engenho confiscado, Rebelinho vingou-se matando muitos holandeses

Rebelinho vingou-se. E, ao saber que Yppo e seus homens, equivalentes a 175 soldados, assistiam a uma farinhada, no engenho de Menson, seu compatriota, Rebelinho, sem pestanejar, cercou a área e, de emboscada, matou grande parte do estado maior de Yppo e ele próprio, a golpes de espada. “Rebelinho ainda foi perseguido por uma guarnição holandesa que estava em Santa Rita, mas os guerrilheiros de Henrique Dias e os soldados de André Vidal de Negreiros foram em seu socorro e interceptaram os passos do exército inimigo, assim nos conta o historiador e escritor Odilon Ribeiro Coutinho, cujos herdeiros, hoje, são donos de grande parte das terras de Menson Fransen.

Rebelinho e seus comanda-

Yppo, um arrogante coronel holandês, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, ordenava a matança de humildes

dos saíram em fuga ligeira na direção de Porto Calvo, em Alagoas. No caminho, encontraram outra pequena guarnição holandesa e passaram seus 20 homens ao fio da espada e nos trabucos. Rebelinho lavou o peito. Yppo, um arrogante coronel holandês, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, ordenava a matança de humildes e mandava arrastar os cadáveres, a trote de cavalos, pelas ruas. Era o terror dos que não pagavam regularmente os impostos. Inapelavelmente sequestrava os bens do devedor e os mandava para a cadeia. “Teve uma morte merecida, bem a seu estilo cruel”, sempre comentava o político e historiador Marcus Odilon Ribeiro Coutinho, especializado em estudar o período batavo na Paraíba.

Foto: Reprodução



Dona Clara Camarão era mulher do índio potiguara Antônio Felipe Camarão (na gravura da direita), herói decisivo na guerra dos brasileiros e portugueses contra o invasor holandês

Invisibilidade feminina na história do país

Onome de Clara Camarão está inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, que homenageia personagens com papel fundamental na construção do Brasil. Apesar de sua trajetória ser contestada pela falta de documentos históricos que comprovem suas realizações, pesquisadores destacam que tal lacuna pode ser associada à invisibilidade feminina e ao pouco prestígio de personagens indígenas na história do Brasil. Na maioria das vezes, seus chefes ficavam com os louros da vitória, mesmo correndo pouco risco. No povoado de Tejucupapo, em Pernambuco, todos os anos um grupo de mulheres encena a batalha que marcou a trajetória de Clara Camarão, reverenciando a luta feminina contra os invasores e, também, contra o preconceito. Na Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte – lugares onde surgia sempre em degladio com o inimigo –, não consta, dela, nenhum monumento ou referência.

Ela nasceu no século 18, no Rio Grande do Norte, apesar de ter vivido na capitania de Pernambuco. Recebeu o nome de Clara ao ser batizada no cristianismo. Consta, em outra versão, que seria uma homenagem a Santa Clara, a mulher que, antes de ser freira, almejava se casar com São Francisco, na época, ainda despojado do voto sacerdotal.

Não há registros de seu nome indígena original. Já o sobrenome se deve à união com o também indígena Poti (Camarão, em tupi), batizado por Antônio Felipe Camarão, que, assim como ela, foi catequizado por padres jesuítas.

Segundo registros, Clara acompanhou o marido em batalhas contra os invasores holandeses. Sua primeira missão oficial, porém, foi liderando uma tropa feminina que escoltava famílias em busca de refúgio na cidade de Porto Calvo, em Alagoas, na década de 1630.

Na data provável de 23 de abril de 1646, no episódio conhecido como a Batalha de Tejucupapo, Clara teve grande atuação. Quando os holandeses souberam que as tropas lideradas por Felipe Camarão haviam sido convocadas para proteger Salvador, tentaram invadir Tejucupapo, região no Litoral pernambucano. Porém, foram surpreendidos pela tropa feminina, que os flagrou furtando frutas, grãos e legumes de seus roçados. As mulheres ferveram tonéis de água e adicionaram pimenta. O vapor foi levado pelo vento e atingiu o exército holandês, deixando os combatentes com os olhos ardendo, desorientados pela pimenta. Foi, então, que elas atacaram. As potiguaras surpreenderam os invasores com a pontaria e a força com que usavam seus arcos, tacapes e lanças. Saíram vitoriosas.

A bravura dessas mulheres – hoje conhecidas como “Heroínas de Tejucupapo” –, fez com que elas fossem chamadas para participar de uma das maiores pelepas contra os holandeses, a primeira Batalha de Guararapes (1648). Derrotados, os holandeses se renderam em 1654, em Recife.

Registro

O nome de Clara Camarão está inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, que homenageia personagens do Brasil

Celso Mariz

Reconhecido como um dos maiores e mais atuantes historiadores da PB

Juliana Teixeira
selgiao@politica.porcelas@gmail.com

Era início do século 20, e encaminhar os filhos a um seminário estava mais ligado à formação educacional do que religiosa. Celso Mariz já não tinha pai, morto em 1888, quando ele tinha apenas três anos de idade, passando a viver aos cuidados do padrinho Félix Joaquim Daltro Cavalcanti, um juiz municipal. E foi do padrinho a iniciativa de mandá-lo ao seminário.

Celso foi matriculado como ouvinte, no Seminário Diocesano da Paraíba, na capital do estado da Paraíba. Era ali que Celso Mariz iniciava uma história fundamental para a costura literária da Paraíba.

Autor de sete livros e reconhecido como um dos maiores e mais atuantes historiadores, além de um pesquisador infatigável e um sincero cronista do cotidiano da vida nas vilas e cidades paraibanas. “Celso Mariz, seria notável em qualquer lugar em que tivesse vivido”. A declaração é do jovem advogado José Mariz, um descendente de Celso Mariz e admirador de sua obra.

“Celso deixou uma vasta contribuição para a Paraíba. Seus livros dispunham das características da economia do nosso estado, trazendo relatos históricos importantes”, relata Chico Pereira, escritor. “Escrevia ao correr da pena, em vernáculo simples e escorreito. Reconstituía fatos e personagens do passado, enriquecia as narrações com detalhes realísticos de acontecimentos marcantes. Seus livros são para qualquer geração”, afirma Viviane de Fátima, pesquisadora.

A história desse imortal da Academia Paraibana de Letras (APL) começa em 1885. Celso Marques Mariz nasceu no Sítio Escadinha, no município de Sousa, Sertão paraibano, em 17 de dezembro daquele ano. Era filho de Manuel Maria Marques Mariz e Adelina de Aragão Mariz. Cresceu na cidade de Taperoá, criado pelo padrinho, o respeitado juiz de Direito, Félix Cavalcanti.

Iniciou no jornalismo em 1905. De leitura refinada, deu os primeiros passos na escrita como redator de O Comércio. Seguiu a carreira jornalística e, ao lado do amigo Arthur Achiles, iniciou como colaborador do jornal A União, sendo nomeado diretor pelo presidente João Pessoa. Não ficou muito tempo no veículo de comunicação. Era inquieto na perspectiva de conhecer novas nuances do Brasil. Foi à Amazônia, visitou Belém e Manaus.

Tinha fascínio pela Amazônia, queria ver de perto o fervoroso ciclo da borracha, que enriquecia algumas cidades, que eram plenas de esplendor. Era nesse cenário que surgiam muitos jornais e revistas. Celso foi até lá, ao encontro do irmão Romeu Mariz, que havia ingressado na política.

Retornou à Paraíba em 1907, quando passou a in-

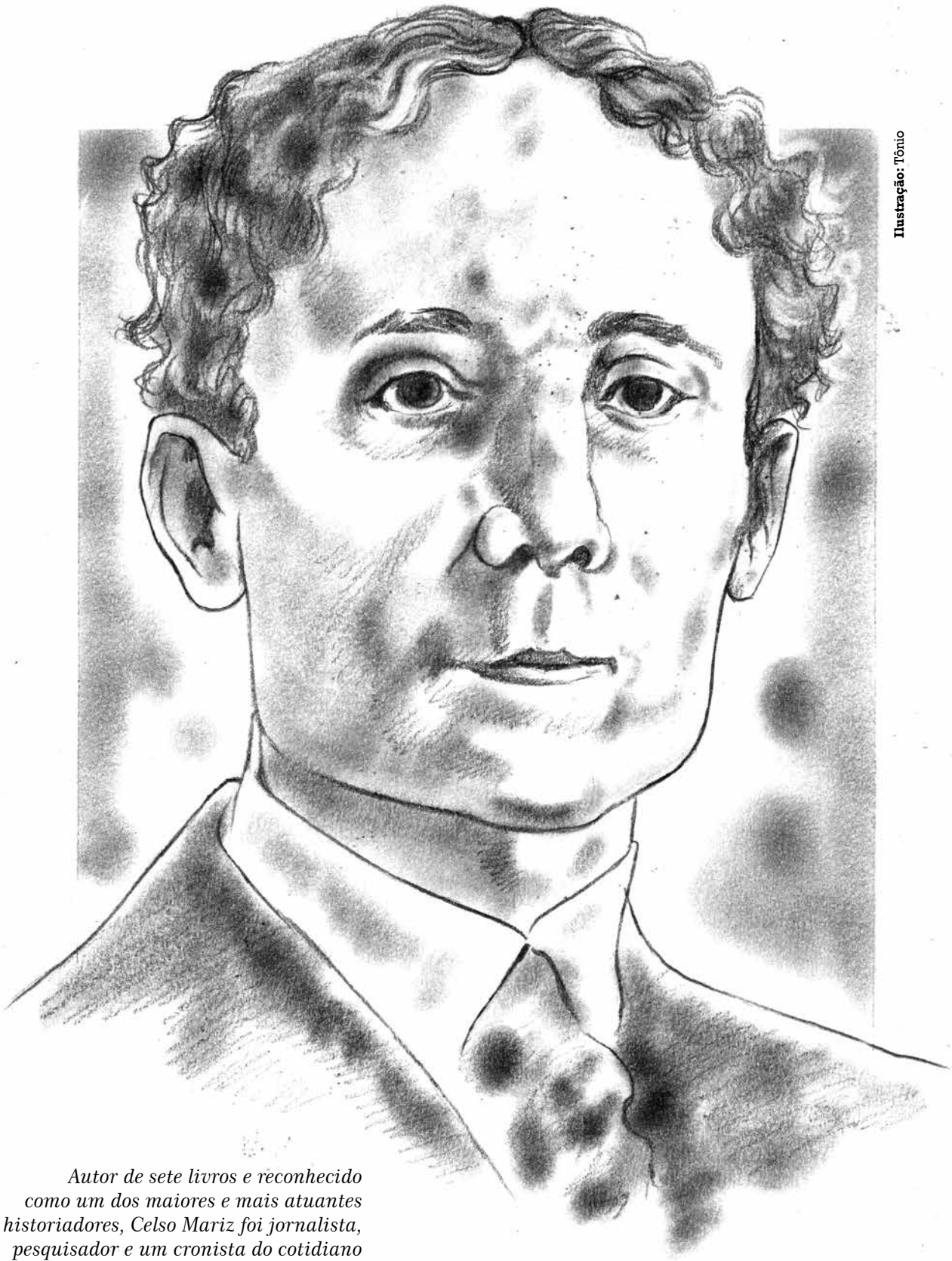


Ilustração: Tônio

Autor de sete livros e reconhecido como um dos maiores e mais atuantes historiadores, Celso Mariz foi jornalista, pesquisador e um cronista do cotidiano da vida nas vilas e cidades paraibanas

tegrar a equipe do jornal O Norte, fundado pelos irmãos Orris e Oscar Soares, assumindo por algum tempo a gerência do veículo. Foi fundador do jornal A Notícia, que tinha em sua essência também o papel de despertar as temáticas políticas, que estavam afloradas no momento, trazendo as batalhas partidárias e a condução do poderoso Epitácio Pessoa.

Teve ainda a oportunidade de viajar por mais municípios paraibanos, observando o cotidiano, buscando e colhendo relatos do povo, daí surgiram os subsídios para a elaboração de alguns

dos seus livros. Segundo a história, Celso Mariz percorreu a Paraíba a cavalo.

Na cidade onde cresceu, Taperoá, esteve no cargo de conselheiro municipal, o que hoje se chamaria de vereador. Era o início de sua contribuição para a política, que tivera início com seu trabalho de inspeccionar obras em escolas. Celso experimentou na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) o poder das decisões e da oratória. Tornou-se deputado na décima legislatura, entre os anos de 1924 e 1927, quando a Paraíba era governada por João Suassuna.

to Antônio, para arranjar marido. No meio da conversa, minha colega comentou que as mulheres rezam para o santo errado. E tascou o grande ensinamento: “Santo Antônio arranja um marido qualquer, mas São José garante um bom marido”.

Já fiz várias simpatias na véspera de São João, mas nunca fiz promessa para Santo Antônio ou São José. No máximo, usei a novena desse segundo santo (padroeiro do Vera Cruz, onde estudei em Patos), para paquerar os meninos da escola... E não era só eu, viu?

Ainda que nunca tenha feito promessa para São José, casei-me no dia 18 de março. Nas semanas anteriores ao meu casamento, não se ouvia falar de notícia alguma de chuva, seja no rádio, seja no céu, para alegrar o coração dos sertanejos. Mas meu pai, homem que cresceu com raízes fincadas na sabedoria popular, ficava o tempo todo alertando: “Esse casamento no meio do terreiro, na véspera de São José, vai ser debaixo de chuva, viu?”.

Talvez ele não tenha falado assim, com

essas palavras. Mas o que foi dito estava em consonância com a vontade sagrada. A chuva veio, e veio com força, trazendo alegria para o coração do meu pai e da minha mãe, moradores da zona rural. Trouxe também correria em busca de um caminhão de areia, para cobrir a lama que a chuva fazia crescer no terreiro. Felizmente, deu tudo certo! E essa história já faz 23 anos.

Por que trago esse caso aqui? Porque gostei muito do arcabouço cultural envolto na figura de São José. Além disso, sinto falta de ler conteúdo interessante nos portais daqui e alhures sobre a nossa gente, suas festas, suas dores, suas crenças. Quando bem trabalhadas, efemérides como o Dia de São José podem render excelente material jornalístico. A jornalista e professora Fabiana Moraes que o diga: de sua lavra, saíram reportagens vencedoras de prêmios e que viraram livros, como ‘Nabuco em Pretos e Brancos’ e ‘Os Sertões’. Na próxima vez que você olhar a folhinha do calendário, veja além do factual e se permita criar narrativas que marcam e criam conexões.

De diretor de A União a secretário de governo

A experiência e competência de Celso Mariz o fez ainda ser convocado pelo governador Argemiro de Figueiredo para ocupar os cargos de secretário de Governo e ainda da Agricultura, Comércio, Viação e Obras Públicas, a pasta que cuidava diretamente do progresso do estado, portanto de grande importância.

Como escritor, tinha a vocação para a sociologia, por relatar tão bem as relações humanas, e história, sendo responsável por relatar importantes momentos para a Paraíba. Ocupou cargos públicos até 1950, quando finalizou sua contribuição como secretário de governo de José Targino Costa.

As andanças que tiveram como frutos o embaçamento para escrever seus diversos livros continuou. Celso tinha o hábito de fazer anotações sobre o que encontrava e chamava a atenção nos locais por onde passou. A história aponta Celso Mariz como memorialista e intelectual. “Daquelles que tinham uma escrita pronta para embasar a construção de uma identidade própria, despertando um sentimento de paraibanidade”.

Segundo a estudante de História Viviane de Fátima, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que desenvolveu pesquisa sobre a obra e a trajetória do escritor, “toda obra de Mariz é de inspiração política, nos moldes do Positivismo”. A pesquisa afirma que Mariz sempre buscou sua erudição, o conhecimento, a sabedoria, a instrução. Lia tudo, desde os jornais que chegavam pelos Correios, mesmo que estivessem com atraso de semanas, até os livros do padrinho juiz, sendo a ele dado ou emprestado.

Entre 1914 e 1930, esteve em cargo na As-

sembleia Legislativa da Paraíba, onde testemunhou a dissolução do poder. ‘Através do Sertão’ é o primeiro livro, que reúne história e sociologia na discrição do modo vida e das figuras marcantes da economia e da estrutura social.

Já ‘Apanhados históricos da Paraíba’ é considerado o primeiro livro de história do estado. É tido como um clássico, por conter o quadro histórico e geográfico da Paraíba à época. Traz nele um pouco sobre o território, o povo, revoluções, governo colonial, a política de tempos em tempos, desde o Império até a República.

Em 1939, em ‘A evolução econômica da Paraíba’, Celso Mariz lança um primoroso estudo sobre a colonização e civilização agrária, demonstrando a ocorrência da escravidão em algumas regiões do estado. Nos textos, o autor passava pela cultura algodoeira, do açúcar, os efeitos da seca, mudanças nas estruturas de trabalho, até a abertura do estado às estradas de ferro, a implantação do porto, decisivo à economia regional. Para tudo, Celso Mariz apresentava dados estatísticos que enriqueciam o escrito.

E Celso não parou. Em 1942, trouxe em ‘Tbiapina, um apóstolo no Nordeste’ um longo relato sobre o trabalho do padre e suas andanças pelo Nordeste. Depois, em ‘Cidades e Homens’ ascende os fatos e as figuras mais importantes da Paraíba. ‘Carlos Dias Fernandes’, de 1943, é mesmo uma biografia do que se diz polêmico jornalista para a época.

‘Areia e rebelião’, de 1948, escrito em 1946, narra a ação e reação do areenses na Revolução Praieira. ‘Memória da Assembleia Legislativa’, escrito em 1948, resgatou e salvou o que



Foto: Raimundo Teixeira/Pixabay

Celso Mariz tinha fascínio pela Amazônia, queria ver de perto o fervoroso ciclo da borracha, que enriquecia algumas cidades, que estavam plenas de esplendor

se passou na Casa Legislativa da Monarquia à República, comprimindo detalhes de momentos históricos dos quais a população paraibana carece até os dias de hoje.

A obra ‘Pilões antes e depois do termo 1948’ reconstruiu fatos históricos e socais da cidade. Assim como eles, também foi escrito ‘Notícia Histórica de Catolé do Rocha’, de 1957. ‘Fatos e Figuras’, escrito em 1976, é uma sucessão de crônicas sobre personalidades que fizeram a Paraíba naqueles tempos.

Com tanto empenho e atenção à literatura paraibana, não poderia ser diferente, Celso Mariz foi um dos fundadores da Academia

Paraibana de Letras, onde ocupou a cadeira de número 15. A cadeira hoje é ocupada pelo escritor Chico Pereira.

Celso Mariz morreu em João Pessoa, em 3 de novembro de 1882, aos 97 anos. Deixou acervo valiosíssimo para a cultura e história da Paraíba. Especialistas até hoje apontam que as leituras das obras deixadas por esse imortal “deveriam ser obrigatórias nos currículos escolares, visto que a juventude contemporânea pouco ou quase nada sabe a seu respeito e da história da Paraíba, cujas estações percorridas merecem registro perene na memória dos que vivem”.

Tocando em Frente



Foto: Reprodução

Em julho de 1958, é lançado o LP ‘Canção do Amor Demais’, com composições da dupla Tom/Vinicius e interpretação da “divina” Elizeth Cardoso. Duas interpretações chamaram a atenção da crítica especializada: ‘Chega de Saudade’ e ‘Outra Vez’ (não confundir com a homônima, de Isolda, gravada por Roberto Carlos), em função exatamente do acompanhamento ao violão de João Gilberto. Talvez tenha sido o “batizado” da conhecida “batida da Bossa-Nova”. Logo em seguida, em agosto do mesmo ano, é lançado, também pela poderosa Odeon, o 78 rpm, com ‘Chega de Saudade’ e ‘Bim Bom’, com vocal e acompanhamento dele próprio, com arranjos de Tom e com Milton Banana, na bateria, um dos marcos iniciais da BN, que alcançou sucesso absoluto no mercado fonográfico. Vêm, então, as apresentações em emissoras de rádio e tevê, shows, entrevistas..., tudo ratificado pelo lançamento de um novo 78 rpm, com ‘Desafinado’ (Tom e Newton Mendonça) e ‘Hô-bá-lá-lá’, composição dele (1959). Segue-se o primeiro LP, um marco antológico da carreira de João Gilberto: ‘Chega de Saudade’, com produção de Aloysio de Oliveira e arranjos de Tom Jobim, álbum que, segundo este escreveu na contracapa, “em pouquíssimo tempo, influenciou toda uma geração de arranjadores, guitarristas, músicos e cantores”.

Tudo isso, porém, não significou um rompimento com clássicos do nosso cancioneiro.



Tanto é que, em seu rastro e sob sua influência, surgiram astros e estrelas, como, entre muitos outros, Gil, Caetano, Chico Buarque, Milton Nascimento, Edu Lobo, Francis Hime e até Roberto Carlos que, no início, ainda ensaiou gravar Bossa-Nova (‘João e Maria’, de Sivuca e Chico Buarque, 1958). Isso, no entanto, sem esquecer que voltaram à tona, com novos arranjos, antigas composições de Ary Barroso, Dorival Caymmi, inclusive músicas antes gravadas por Orlando Silva, agora sob novas vestimentas interpretativas.

Sequenciando o sucesso anterior, ‘Chega de Saudade’, ainda viriam, nessa sua fase inicial, ‘O Amor, o Sorriso e a Flor’ (1960) e ‘João Gilberto’ (1961), formando essa trindade de sucesso o hoje decantado entrevero entre o artista e a Odeon... Mas, aí, já será outra estória.

A internacionalização da carreira de João Gilberto, como do estilo Bossa-Nova, veio a partir de 1959, quando, coincidentemente, ele casou (de 1959 a 1964) com Astrud Evangelina Weinert (Salvador, 1940 – vivia, ultimamente, na Filadélfia-Estados Unidos), e que ele a conheceu não na Bahia, como se era de esperar, mas no Rio, apresentada a ele pela amiga comum Nara Leão (do casamento, nasceu João Marcelo Gilberto). Ela teve alavancada a carreira, com o nome artístico de Astrud Gilberto, que se tornou uma das mais importantes intérpretes da história da MPB, chegando a disputar o ambicionado Grammy Awards, premiação da indústria musical mundial, e ganhando, em parceria com o saxofonista norte-americano Stan Getz (Filadélfia, 1927-Califórnia, 1991), com ‘The Girl from Ipanema’ (de Tom/Vinicius, com versão de Norman Gimbel), o título do Grammy Award, como ‘Melhor Artista Revelação e Gravação do Ano’ (1964) e o Grammy Latino, de ‘Excelência Musical da Academia Latina de Gravação’.

Foi o badalado concerto no Carnegie Hall, realizado em Nova Iorque, em 21 de novembro de 1962, patrocinado pelo Itamaraty e produzido pelo grupo Audio Fidelity Records, que deu asas definitivas ao estilo Bossa-Nova. Apenas para recordar: tomaram parte no espetáculo, entre outros, João Gilberto, Tom Jobim, Carmen Costa, Oscar Castro-Neves, Luiz Bonfá, Agostinho dos Santos, Sérgio Mendes Sextet, Carlos Lyra, Roberto Menescal, Milton Banana Trio, Sérgio Ricardo, Chico Feitosa, Caetano Zama, Norman do Santos, Dom Um Romão... Na plateia, brilhavam astros e estrelas consagrados, como Dizzy Gillespie, Peggy Lee, Miles Davis, Errol Garner, Gerry Mulligan, Herbie Mann, Tony Bennett, entre outros menos votados... Foi a conquista definitiva da internacionalização da MPB.

Já em 1963, a gravadora norte-americana Verve junta João, Stan Getz, Astrud, Tom, Milton Banana, e prepara o álbum ‘Getz/Gilberto’, lançado somente no ano seguinte, em razão da saturação do estilo BN no mercado norte-americano. No ano seguinte, portanto, o álbum foi agraciado com quatro prêmios: melhor álbum do ano, melhor gravação, melhor solista (Stan Getz), melhor engenharia de som, tornando-se o segundo disco mais vendido no mercado norte-americano. Radicado nos Estados Unidos, João Gilberto passou a se apresentar em clubes de Nova Iorque, Washington, Boston, Los Angeles, Califórnia, entre outros tantos. Nessa época, em estada em Paris, conheceu a então estudante Miúcha e, em 1965, de regresso a Nova Iorque, já separado de Astrud, casou-se com Miúcha (Heloísa Maria Buarque de Hollanda, Rio 1937-2018), irmã de Chico Buarque. Foram pais da também cantora Bebel (Isabel) Gilberto (de Oliveira), tendo o enlace matrimonial durado de 1965 a 1971.

Angélica Lúcio

São José rende chuva, marido e até pauta!

No dia 19 de março é celebrado o Dia de São José, o esposo de Maria. Na crença popular, principalmente entre agricultores do Semiárido do Nordeste, São José está atrelado a um imaginário muito especial. Nele, a população credita suas últimas esperanças em um bom ano de inverno.

Dizem que, se não chover até o Dia de São José, o ano será de estiagem, talvez até mesmo de seca. Não por acaso a data é aguardada com ansiedade. Com um olho no calendário e outro nas nuvens (ou na falta de), agricultores e moradores da região rezam para o santo, pedindo bênçãos e chuva para as plantações.

Considerado o protetor dos agricultores, São José também tem outra tradição curiosa relacionada aos seus feitos. Não se trata de assegurar mesa farta, por meio de chuva e um bom ano na agricultura, mas de garantir marido. Sim, perto do que São José faz, Santo Antônio não merece tanta fama.

Natural de Patos, no Sertão paraibano, eu cresci acompanhando novenas e histó-



Foto: Diocese de Apucarana

rias sobre São José e a esperança em precipitações pluviométricas, mas desconhecia a fama do santo no campo amoroso. Fiquei sabendo do “lado B” do esposo da Virgem Maria e pai adotivo de Jesus Cristo há vários pares de anos, por meio de uma antiga colega de redação.

Era o mês de junho, e estávamos tratando de uma pauta sobre simpatias juninas, especialmente àquelas relacionadas a San-

angelicallucio@gmail.com

HISTÓRIA DESCONHECIDA

Mulheres programaram o primeiro supercomputador

Dois homens levaram a fama no projeto de seis matemáticas talentosas

Da Redação

“Um dos maiores segredos da guerra – uma máquina surpreendente que aplica velocidades eletrônicas pela primeira vez a tarefas matemáticas até então muito difíceis de resolver – foi anunciada esta noite pelo Departamento de Guerra”, noticiava o jornal norte-americano New York Times, em 14 de setembro de 1946.

A matéria jornalística falava sobre o Eniac (Electronic Numerical Integrator And Computer ou Computador e Integrador Numérico Eletrônico), o primeiro computador digital eletrônico programável de uso geral, que seria uma espécie de tetravó do dispositivo utilizado hoje.

A notícia detalhava que “foi inventado e aperfeiçoado por dois jovens da Moore School of Electrical Engineering: John William Maulchy, de 38 anos, físico e meteorologista amador; e seu sócio, J. Presper Eckert Jr., de 26 anos, um engenheiro de projetos. O texto também dizia que “muitos outros na escola também ajudaram”.

O que não mencionaram na extensa reportagem, segundo registra o Portal Zap e a BBC, é que aqueles “muitos outros” que “forneciam ajuda” não eram apenas “homens treinados”, mas sim seis matemáticas talentosas que, por sinal, fizeram muito além de apenas ajudar no projeto. Essas omissões não ocorreram apenas no famoso jornal, nem apenas naquela ocasião. A façanha das matemáticas de programar o primeiro supercomputador moderno do mundo – a partir do zero – passou despercebida.

Sequer foram convidadas para a apresentação da nova máquina

Na verdade, os jornalistas não tinham como noticiar algo que sequer sabiam. O campo da computação estava no começo. O que eles viram foi apenas uma máquina enorme e ninguém entendia de programação. Embora tenham participado da primeira apresentação pública do supercomputador, no dia 1º de fevereiro de 1946, as matemáticas foram incumbidas de servir o café durante o evento.

Nem sequer foram convidadas para a segunda apresentação, duas semanas depois, onde apareceram grandes personalidades da comunidade científica e tecnológica. Ou para o grande jantar de luxo com o diretor da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos. A história foi revelada décadas depois pela cientista da computação e historiadora Kathryn Kleiman, autora do livro ‘Proving Ground’. A escritora descobriu as programadoras do Eniac quando era aluna de Harvard, na década de 1980, e se deparou com fotos do computador histórico.

“As mesmas mulheres apareceram repetidamente nas imagens, mas os seus nomes não es-

tavam nas legendas”, disse Kleiman ao site HistoryExtra. Obcecada em identificá-las, consultou Gwen Bell, cofundadora e depois diretora do Computer History Museum. “São só mulheres de anúncios de frigoríficos”, respondeu, referindo-se às modelos que na década de 1950 apareciam na publicidade de eletrodomésticos. Mas essa explicação não satisfez Kleiman.

A autora conseguiu descobrir os nomes das mulheres: Frances “Betty” Holberton, Kathleen “Kay” McNulty, Marlyn Wescoff, Ruth Lichterman, Frances “Fran” Bilas e Jean Jennings. Ao fazer isso, resgatou as suas histórias do ostracismo, uma história que começou nos campos de batalha.

Na Segunda Guerra Mundial, os grandes canhões tinham um alcance de 14 a 23 quilômetros, e quem os disparava nem sequer conseguia avistar o alvo. Os exércitos tinham que levar em consideração distância, umidade, densidade do ar, temperatura e peso do projétil.

No deserto, a diferença de solo exigia um novo conjunto de cálculos. No geral, era uma tarefa extremamente difícil que levava de 30 a 40 horas – e era preciso saber resolver equações de cálculo diferencial para isso. Mas os soldados no campo de batalha não tinham todo esse tempo. E muitas vezes não tinham o conhecimento, então usavam tabelas de tiro: listas com muitas e muitas variações.



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Instruções: descobrir sinônimos para as palavras destacadas, indicadas pelos números de sílabas, que apresentarão, como resultado final, o vocábulo definidor. Exemplo: um (2) olhar (1) morto (3) – (2 + 1 = 3); um = cada (duas sílabas) e olhar = ver (uma sílaba); Solução: cadáver (três sílabas). **Resposta da semana anterior:** acende (2) = pisca + acende (2) = pisca. Solução: acendedor (4) = pisca-pisca. **Charada de hoje:** a criminosa (1), antes do julgamento, toma um purgativo (3), como calmante (4).

Eita!!!



Foto: Pixabay

Imposto de Renda para todos

A declaração do Imposto de Renda é uma obrigação anual de grande importância para todos os contribuintes brasileiros que se enquadram nas regras estabelecidas pela Receita Federal. O Imposto de Renda é um tributo federal que incide sobre os rendimentos de pessoas físicas e jurídicas. Ele é calculado com base em uma tabela progressiva, que leva em consideração a renda anual do contribuinte.

Um tributo centenário

O Imposto de Renda no Brasil foi criado em 1922 (Lei 317, editada em 21 de outubro), inspirado em modelos de outros países, como a Alemanha e os Estados Unidos. Em 2021, o prazo para a entrega da declaração foi estendido para 31 de maio devido à pandemia do novo coronavírus, que provoca a Covid-19.

A culpa é de Napoleão Bonaparte?

Acredita-se que esse tipo de imposto tenha surgido na Inglaterra, quando o governo inglês necessitava de recursos extras para custear a guerra contra a França de Napoleão Bonaparte. No Brasil, as primeiras tentativas de implementação do tributo ocorreram em 1843. No entanto, as pressões exercidas por empresários levaram o Imposto de Renda a ser instituído somente em 1922.

Um leão para chamar de seu

É comum ouvir expressões como “prestar contas ao leão” para designar o pagamento desse imposto. Também é fato: quase sempre que se lê algo sobre o Imposto de Renda, sempre se vê a imagem do felino. Tudo isso começou em 1979, quando a Receita Federal decidiu criar uma campanha publicitária para divulgar o tributo. Após a análise de muitas propostas, decidiu-se que a imagem do leão era ideal para a campanha: um animal justo, leal e forte e, embora não ataque sem avisar, é manso, mas não é bobo.

Venda de imóveis ou investimentos

A Receita Federal oferece um programa gratuito para auxiliar na declaração do Imposto de Renda, chamado de Programa IRPF. Além da declaração anual, os contribuintes brasileiros também podem precisar fazer declarações em outros momentos, como em caso de ganho de capital na venda de imóveis ou investimentos.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – boca da mulher; 2 – coração; 3 – bondade; 4 – nível do mar; 5 – den-

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota





Imagem: Pixabay

Alexandra Tavares
 lekajp@hotmail.com

Na sociedade atual, é comum observar seres humanos com condições de vida totalmente distintas dentro de uma mesma nação. Se por um lado há cidadãos gozando plenamente do direito à moradia, à alimentação digna, saúde e educação de qualidade, além de oportunidade de ascensão social; por outro há moradores sem acesso à renda, emprego, assistência médica, comida, sofrendo todo tipo

de violência social, cultural e de gênero. Um dos fatores que contribui para essa realidade é a chamada necropolítica. “A necropolítica é um modelo de governança que determina quem vai viver e quem vai morrer”, resume Luciano Nascimento, observador político, professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Em plena sociedade moderna, pode-se perguntar como essa prática de gestão política ainda é possível e vista em países como o Brasil, a Hungria e a Polônia, só para citar poucos exemplos. Segundo Luciano Nascimento, mesmo inseridos em uma democracia representativa liberal, moderna, burguesa, iluminista e ocidental, os governantes passam a utilizar um modelo de política seletiva, que determina a inclusão e a exclusão de pessoas no contrato social. Essa postura resulta na distribuição desigual de bens, faltando a essas vítimas da necropolítica o mínimo para a própria existência.

O impacto, porém, dessa política seletiva não se resume apenas às questões econômicas, mas tem força em todos os aspectos da vida individual e coletiva, alimentando atos como preconceito, misoginia, racismo, entre outras violências, degradando a dignidade humana. O professor Luciano enfatiza que tal postura é contrária ao próprio conceito de política, que deveria prever o bem comum para todos, igualitariamente, sem qualquer exceção.

“A necropolítica é um modelo de governabilidade para extinguir determinadas comunidades, determinados extratos sociais que, para esse modelo, não podem fazer parte do contrato social. Ou seja, a necropolítica é a própria negação do sentido de política na sociedade moderna”, frisa Luciano.

Segundo a professora Jeane de Freitas Azevedo, socióloga com experiência em Ciência Política, a “política de decidir quem pode viver e quem deve morrer em uma sociedade” parte de um mecanismo de domi-

nação e de poder que dita a morte de certas populações frequentemente precarizadas nas sociedades.

“O termo foi cunhado por Achille Mbembe, historiador nascido na República dos Camarões e é atualmente professor de História e de Ciências Políticas do Instituto Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul, e na Duke University, nos Estados Unidos”, informa Jeane.

A professora destaca que o texto de Mbembe cita exemplos de destruição de povos, como a conquista colonial, a escravidão, o direito de coisificar ou matar escravos e indígenas, práticas que, segundo ela, foram também adotadas posteriormente pelos regimes fascistas na Europa.

“É, portanto, um conceito construído sobre a experiência de grupos vítimas da violência colonial. No Brasil, a necropolítica não é diferente, é um resquício das práticas de domínio e escravidão coloniais. Por esse motivo, os grupos historicamente excluídos da nossa sociedade – escravos e indígenas – são os que mais sofrem com ela. Se os descendentes de escravos foram jogados à sua própria sorte numa sociedade marcada pelo racismo estrutural, os povos indígenas, por sua vez, se veem cotidianamente tendo que lutar contra a lógica capitalista que alimenta um discurso utilitarista para desqualificar a sua cultura, suas crenças, sua cosmovisão. Como sabemos, hoje a expansão da fronteira agrícola ameaça essa população, causando o desmatamento, o conflito de terra e a lentidão na demarcação das terras indígenas”.

Jeane acrescenta que num país construído sob a lógica colonial e escravocrata, a necropolítica tende a exacerbar sua atuação nesses grupos historicamente excluídos na sociedade. De acordo com ela, as políticas de viés neoliberal adotadas pelo governo Bolsonaro (PL) mostraram como os indígenas yanomami, por exemplo, foram negligenciados pelo estado.

“O aumento do garimpo ilegal na reserva desses povos fez com que eles ficassem expostos à fome, doenças, à violência e à morte. Durante a pandemia da Covid-19, as tentativas de acabar com o Bolsa Família e outras políticas públicas de inclusão são prova de que o neoliberalismo



Foto: Arquivo Pessoal

“

Durante a pandemia da Covid-19, as tentativas de acabar com o Bolsa Família e outras políticas públicas de inclusão são prova de que o neoliberalismo está diretamente ligado à necropolítica

Jeane de Freitas Azevedo

lismo está diretamente ligado à necropolítica, uma vez que, ao propor o fim da proteção social pelo estado, adotam uma posição anti-humanista, decidindo quem é útil ou não ao acúmulo de capital e ao lucro”, enfoca a socióloga.

Ao comentar sobre a necropolítica no contexto da pandemia de Covid-19, o sociólogo Luiz Gonzaga Firmino Júnior, professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), levanta um ponto relevante. Ele declara que, diante das ações da política anti-humana da morte, as classes mais abastadas têm menos dependência de boa parcela das políticas públicas. Porém, casos excepcionais, como o da vacinação contra a Covid-19m podem colocar, praticamente, todos os cidadãos num mesmo patamar



Foto: Arquivo Pessoal

“

A necropolítica é um modelo de governabilidade para extinguir determinadas comunidades, determinados extratos sociais que, para esse modelo, não podem fazer parte do contrato social. Ou seja, a necropolítica é a própria negação do sentido de política na sociedade moderna

Luciano Nascimento

de necessidade da iniciativa estatal.

“A omissão inicial do estado brasileiro frente à vacinação levou ricos e pobres à morte. Embora privilegiados com os melhores hospitais particulares, com a superlotação das redes, todos foram afetados”, argumenta o sociólogo.

O professor reconhece, porém, que as classes sociais mais

Existência

Em plena sociedade moderna, a prática da necropolítica ainda é possível ser verificada em países como a Hungria, a Polônia e o Brasil

pobres são as principais vítimas da necropolítica e também menciona a situação dos indígenas brasileiros. “Basta olhar para a política de extermínio dos yanomami por meio do abandono das políticas para os povos indígenas em favor dos garimpeiros, madeireiros e até dos narcotraficantes na Amazônia. A ausência do estado permitiu ou até conduziu à morte essas pessoas”, diz Gonzaga.

O que chama a atenção na necropolítica é que a postura seletiva de quem vive ou morre dentro da sociedade não é algo impensado, resultado da má administração dos governos capitalistas, mas uma ação proposital e organizada pelos organismos políticos. “É uma ação política orquestrada, organizada ou patrocinada por um coletivo de poder em desfavor de outros. E só existe porque há ação humana e, portanto, política. Estabelece hierarquias e funções na sociedade que podem ser legitimadoras de determinadas classificações que beneficiam determinados grupos sociais e condenam outros”, completa Luiz Gonzaga.

ATORES DA NECROPOLÍTICA

Eleitos pelo povo e os indicados

No rol dos grupos mantidos pela máquina pública estão nomes escolhidos pelo voto e nomeados pela governança seletiva

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Para a manutenção da necropolítica numa democracia representativa liberal é necessária a existência de dois atores sociais fundamentais: as pessoas eleitas pelo voto direto do povo e aqueles nomeados por indicação desses eleitos.

O professor e observador político Luciano Nascimento explica que os próprios cidadãos elegem, pelo voto direto, candidatos praticantes da necropolítica. Quando eles estão no exercício do poder, nomeiam outros políticos adeptos desse sistema de governança seletivo. No rol dos grupos mantidos pela máquina pública estão presidentes da República, ministros, governadores, secretários, entre outros.

Sob o ponto de vista das regras políticas, a ascensão dos candidatos eleitos, bem como de seus indicados, é legítima, porque estão sob o manto do sufrágio popular. Porém, eles adotam práticas opostas ao conceito de estado e de democracia, uma vez que não atuam em benefício do bem-estar de todos. Com a “negação da democracia” e da própria função de estado, a necropolítica traz consequências nefastas à sociedade. Segundo o professor Luciano, entre os males estão a negação dos direitos fundamentais individuais e sociais, o uso do sistema democrático com políticas não democráticas e o aniquilamento da sociedade moderna.

O professor frisa ainda que essas atitudes não se refletem apenas na morte física de determinada parcela social. “Trata-se, fundamentalmente, da própria morte da política como sistema de representatividade ocidental. A democracia representativa também é assassinada”, destaca.

Para o sociólogo Luiz Gonzaga Firmino Júnior, professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), como uma dimensão reflexiva, pode-se associar a necropolítica a uma forma de morte simbólica ou abstrata. Mas, segundo ele, na sua essência, ela é uma concepção de morte física mesmo. “E não apenas de um indivíduo, pois como se trata de uma política de estado, a necropolítica tem uma dimensão coletiva, seja de morte de uma etnia, de um povo, de uma classe social ou de uma determinada região. Seja pela ação ou pela omissão e ausência do estado”.

Práticas

Negação dos direitos fundamentais individuais e sociais, as políticas não democráticas e o aniquilamento da sociedade moderna são os males da necropolítica

Como se trata de uma política de estado, a necropolítica tem uma dimensão coletiva, seja de morte de uma etnia, de um povo, de uma classe social ou de uma determinada região. Seja pela ação ou pela omissão e ausência do estado

Luiz Gonzaga Firmino Júnior

Relação conceitual associada ao biopoder

Existe uma relação conceitual entre necropolítica e biopoder. Para entender, porém, essa associação, é preciso relembrar das ideias do filósofo Michel Foucault, sobretudo da obra escrita por ele em 1970 intitulada ‘Em Defesa da Sociedade’. Segundo o professor Luciano Nascimento, a publicação era um programa de lições que lançou a ideia do racismo de estado e trazia a expressão biopoder e biopolítica.

“Ou seja, uma biologia do poder e uma biologia da política fundada no racismo. Nesse modelo de política, que se traduz num modelo de governança, Michel Foucault afirma que essa matriz determina quem vai morrer e quem vai viver na sociedade moderna. Por isso, o curso chamava-se ‘Em Defesa da Sociedade’. É esse racismo de estado que, nas últimas décadas, têm sido traduzidos como racismo institucional, que é o racismo das instituições do estado e do próprio estado”.

De acordo com as descrições de Foucault, as próprias forças que estão sob o poder do estado atuam para determinar a vida ou a morte da população e, apesar disso ter sido alertado no século passado, a prática ainda é recorrente em vários países. “Isso é muito claro no Brasil. O estado utiliza, por exemplo, as forças de ordem, a polícia, para construir essa seleção. Sabemos do número de negros jovens, de negros periféricos, de negros com escolaridade baixa, com rendas mínimas, e esses não vão viver”, destaca Nascimento.



Então, há cerca de 50 anos Michel Foucault imprimiu os termos biopolítica e biopoder para mostrar que havia um modelo de governança que, por meio do racismo, determinava o destino dos cidadãos.

No entanto, o pensador político e historiador camaronês Achille Mbembe, que trouxe para a sociedade a discussão da necropolítica, vai mais além e expande ou complexiza essa ideia. Mbembe diz que o controle sobre a longevidade dos indivíduos não se baseia apenas no racismo, mas em outras esferas, como a seleção que ocorre em função de determinadas regiões do país, o preconceito aos nordestinos, de etnias não negras como os indígenas, entre outros. Com isso, o biopoder resulta no não envio de recursos para esses povos e na falta de políticas de inclusão social.

O professor e sociólogo Luiz Gonzaga acrescenta que a noção de biopoder surge no contexto do século 19 e nele o estado tem a autonomia de “patrocinar a morte dos seus concidadãos por ação e até mesmo por omissão”. Um exemplo citado por ele é o caso do Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro. Enquanto

o SUS foi criado para dar assistência pública de qualidade à população, cabe ao estado investir para que esse direito chegue à toda população que necessita. “Isso é biopoder, o poder de permitir (ou não) que o SUS funcione bem. Ter o poder de controlar quem tem, ou não, acesso às políticas de saúde. Esse mesmo estado que tem a decisão de permitir o acesso à saúde, também pode abandonar a política de saúde de forma planejada e proposital para levar as pessoas ao adoecimento e até a morte”, frisa Gonzaga.

A professora e socióloga Jeane de Freitas Azevedo, que tem experiência em Ciência Política, afirma que o conceito de biopoder teorizado por Michel Foucault tenta distinguir a forma “tradicional” da forma “moderna” de poder exercido sobre a vida, marcando uma ruptura na história das técnicas para dirigir a conduta das pessoas em uma sociedade, controlando seu comportamento e seus corpos. “Essa ruptura é, no entanto, mais teórica que histórica, pois as duas formas continuam a coexistir”, completa Jeane.

A socióloga explica que na forma “tradicional” se observa o poder

de soberania, que procede por imposição forçada e uma marcação simbólica sobre as pessoas. Dessa maneira, quem exercia o poder na sociedade poderia torturar os corpos dos condenados, requisitar bens materiais ou mão de obra, retirar parte da colheita de um agricultor, entre outras formas de dominação. “Esse primeiro poder faz morrer ou deixar viver. Para defender-se dos seus inimigos, o governante ou os mata diretamente ou envia seus súditos para morrerem a fim de salvá-lo de inimigos externos. O poder se constitui na vida de seus constituintes na forma de uma ameaça de morte”, conta Jeane.

Já o biopoder, ou forma mais “moderna” de poder, é diferente, menos centralizada na figura do soberano e mais difusa na sociedade e, para Michel Foucault, há duas grandes modalidades: a disciplina dos corpos e a biopolítica das populações.

A disciplina dos corpos é implementada em instituições sociais (escolas, fábricas, quartéis, hospitais) e se refere ao controle dos corpos de cada indivíduo por meio de técnicas de distribuição dos espaços, por meio de exame de capacidades e decomposição de gestos, fazendo uso de mecanismos de vigilância e sanção, extraindo a força necessária desses corpos para servir a um projeto de poder. “Desse modo, nessa forma anátomo-política do poder, não há mais necessidade de marcar o corpo ou exigir sinais externos de submissão, mas de torná-lo

dócil, adaptável e aproveitável”, conta a professora.

Com relação à biopolítica, Jeane de Freitas afirma que se refere ao papel do estado em regular a população a fim de atingir alguns propósitos, como controlar as taxas de natalidade, erradicar as endemias, reduzir as enfermidades e controlar as políticas públicas. Diferente do viés autoritário e brutal do poder centralizado do soberano, na biopolítica a regulação da população pelo estado se faz por meio de medidas flexíveis e contínuas, como, por exemplo, proposta de regras de higiene, políticas de incentivo e gestão da saúde.

Segundo ela, a partir dessas duas lógicas do biopoder (disciplina institucional dos corpos individuais e regulação estatal da população como sequência biológica), Achille Mbembe desenvolveu o seu conceito de necropolítica. “Para Mbembe, a necropolítica se refere às formas de poder e soberania que têm como característica principal a produção da morte em larga escala, que se opera de maneiras diferentes em função das particularidades históricas das sociedades. De uma forma geral, o termo se aplica a todas as formas de dominação que se apoiam no grande desperdício de vidas humanas. Muitas vezes, trata-se de regimes de dominação sem responsabilidade, nos quais a soberania consiste no exercício de um direito de vida e morte sobre aqueles que, antes, foram reduzidos ao estado de objeto”, salienta Jeane.

MORRER OU VIVER

Lógica do sacrifício no neoliberalismo

Sistema opera com a ideia de que alguém vale mais do que os outros e quem não tem valor pode ser descartado

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

O termo necropolítica foi divulgado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, em 2003 e se refere ao uso do poder político e social, especialmente por parte do estado, para determinar quais pessoas podem permanecer vivas ou quais devem morrer (e de que maneira viverão e morrerão). Isso representa a distribuição desigual da oportunidade de viver e morrer no sistema capitalista atual, no qual a lógica do sacrifício faz parte do neoliberalismo. Portanto, o sistema opera com a ideia de que alguém vale mais do que os outros e quem não tem valor pode ser descartado. A necropolítica acontece através de ações ou omissões que podem gerar condições de risco para alguns grupos ou setores da sociedade, em contextos de desigualdade, em zonas de exclusão e violência ou em condições de vida precárias.

De acordo com a professora de Sociologia Anna Kristyna Barbosa, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a necropolítica, dentro do conceito de Achille Mbembe, configura a forma do estado fazer política que escolhe quem vai viver e quem vai morrer e na sociedade atual e está presente nas estratégias e mecanismos que permeiam as decisões políticas do estado. “É a forma que permeia as decisões políticas do estado na etapa neoliberal do capitalismo. O neoliberalismo produz uma razão que instrumentaliza a existência humana e condena determinados grupos à morte por considerá-lo descartável”.

Entre essas estratégias estão as políticas de austeridade, a superlotação carcerária, a precariedade em direitos básicos que atendem principalmente aos mais pobres, entre outras. “Esse conceito se relaciona com o racismo, nas políticas de mortes do estado que acontece quando esse é incapaz de combater e promover para essa população o que deveria. Como o caso da morte do músico Evaldo, assassinado com mais de 80 tiros”, explica. Em abril de 2019, militares do Exército assassinaram o músico Evaldo Rosa dos Santos, que estava em um carro alvejado com mais de 80 tiros, no Rio de Janeiro.

O conceito de necropolítica é associado ao de biopoder, criado pelo filósofo francês Michel Foucault para se referir ao uso do poder social e político para disciplinar a vida das pessoas. A partir desse conceito, Mbembe mostrou que a necropolítica é mais do que o direito de matar, mas também o direito de expor outras pessoas à morte. Isso inclui o “direito” de escravizar outras pessoas e outras maneiras de violência política. São, portanto, parâmetros estabelecidos para legitimar a submissão da vida pela morte.

Conforme o professor Pedro Nascimento, da pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Pedro Nascimento, a definição de necropolítica não era muito utilizada. “Mas, depois da pandemia da Covid-19, começou a se falar mais por conta de não ter havido uma política orquestrada de saúde no Brasil que tomasse conta da população naquele momento em que ela estava mais fragilizada. O fato de não ter uma política específica em termos de prevenção, vacina ou um maior número de leis são formas de necropolítica, porque também deixam morrer”.

Para ele, esse “poder de morte” (necropoder) é um elemento estrutural no capitalismo neoliberal dos dias de hoje e ocorre por meio de práticas e tecnologias de gerenciamento de morte de certos grupos e populações. Os exemplos de necropolítica podem ser vistos desde a época colonial brasileira, quando a violência era utilizada para conseguir mais lucro.

Porém, outras situações podem ser verificadas, como a escravidão, o *apartheid*, a perda do território pelas comunidades indígenas e quilombolas (para os grileiros e o agronegócio), as guerras, a ditadura militar no Brasil, a guerra contra o tráfico, a criminalidade, o tratamento da população carcerária, além da própria pandemia da Covid-19. “Outro exemplo foi o que ocorreu com os yanomami. A necropolítica é marcada não só por acabar com meios de sobrevivência de determinados grupos, mas pela produção de políticas que geram as mortes de indivíduos e grupos em face sobretudo do lucro”, lamenta a socióloga Anna Kristyna Barbosa.



Foto: Arquivo Pessoal

“

Um jovem de classe média-classe alta tem os direitos garantidos na primeira infância (...) Já outros jovens não têm acesso a bens e serviços como educação, saúde e a uma vida junto da rede de cuidado

Pedro Nascimento



Ilustração: Pixabay

Juvenicídio é mais uma manifestação na sociedade atual

O juvenicídio é mais uma manifestação da necropolítica na sociedade atual. O conceito é do sociólogo mexicano José Manuel Valenzuela e se refere ao assassinato de forma sistemática de jovens, fenômeno identificado pelo autor como recorrente em países latino-americanos. “O conceito de juvenicídio está relacionado com a necropolítica, tendo em vista que direitos dos jovens de determinadas classes, raça e gênero não são respeitados e o estado se omite frente às violações desses direitos, sem falar na ausência de políticas públicas de oportunidades sólidas para as juventudes”, detalha a doutoranda Anna Kristyna Barbosa. O juvenicídio acontece com a precarização da vida

dos jovens, a ampliação da sua vulnerabilidade e a redução (por razões políticas) dos investimentos em cultura, educação, ciência, esporte e geração de trabalho e renda. O professor Pedro Nascimento acrescenta que as maiores vítimas do juvenicídio são jovens negros e periféricos, pois a legitimação da submissão da vida pela morte é baseada nas relações de classe e gênero, mas sobretudo de raça, já que as consequências dessa formação necropolítica hoje incidem nas periferias de várias cidades brasileiras, onde é comum a perseguição do indivíduo considerado “perigoso”. Portanto, o discurso tem o poder de definir quais são as pessoas consideradas “inimigas”.

População negra e pobre

Segundo o antropólogo Pedro Nascimento, um exemplo da relação entre o juvenicídio e a necropolítica, é o aumento do número de mortes envolvendo jovens negros no Brasil. Para ele, o juvenicídio representa, portanto, a criminalização construída em torno desse grupo, através de fatores como a precarização, pobreza, desigualdade e estigmatização. “Um jovem de classe média-classe alta tem os direitos garantidos na primeira infância: direito ao cuidado, a educação, a ter uma vida próxima dos responsáveis e toda a assistência. Já outros jovens não têm acesso a bens e serviços como educação, saúde e a uma vida junto da rede de cuidado. Acaba não havendo condições de desenvolvimento e, por isso, ainda uma parcela dessa população que não chega aos 30 anos”. Ele aponta que o encarceramento em massa está ligado ao juvenicídio, porque quem está nas prisões basicamente são jovens negros. “No senso comum, dentro do regime racista em que vivemos, o entendimento é de que a raça negra é perigosa e precisa ser encarcerada”.

O estudioso alerta que esse processo envolve um recorte de classe e de raça, pois os jovens brancos e de classe média-alta têm direito a escola e a uma rede de proteção, evitando problemas como a evasão escolar. Já a população negra e pobre vive nas regiões periféricas. “Tem jovem correndo riscos pelo simples fato de sair de casa. Existem relatos de violência letal que não é apenas a violência policial, mas uma violência que primeiro atira, depois pergunta e investiga. São diversos casos de jovens assassinados e depois foram saber que eram pessoas sem qualquer vinculação com a criminalidade”, lamenta. Pedro Nascimento cita que, quando se fala em morte de jovens e na falta de políticas públicas, se pensa nas grandes cidades onde os serviços existem em determinadas áreas. “Em João Pessoa, por exemplo, tem lugares em que não falta apenas saneamento, mas não têm equipamentos de saúde, áreas de lazer, lugares para atividades ao ar livre. É algo pouco voltado para a produção da vida. O estado moderno hoje não faz viver e deixar morrer, mas às vezes tem políticas de morte no sentido de não deixar a vida dessa população existir”, descreve. A socióloga esclarece que é preciso construir políticas públicas que busquem estabilidade profissional e segurança às juventudes, além de assegurar que os direitos previstos em lei, como na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Juventude, sejam respeitados. “Um ponto importante também é traçar estratégias de acabar com a violência, sobretudo, contra jovens negros, tendo em vista que mais de 70% dos jovens assassinados no país são negros e de classes populares”, completa.

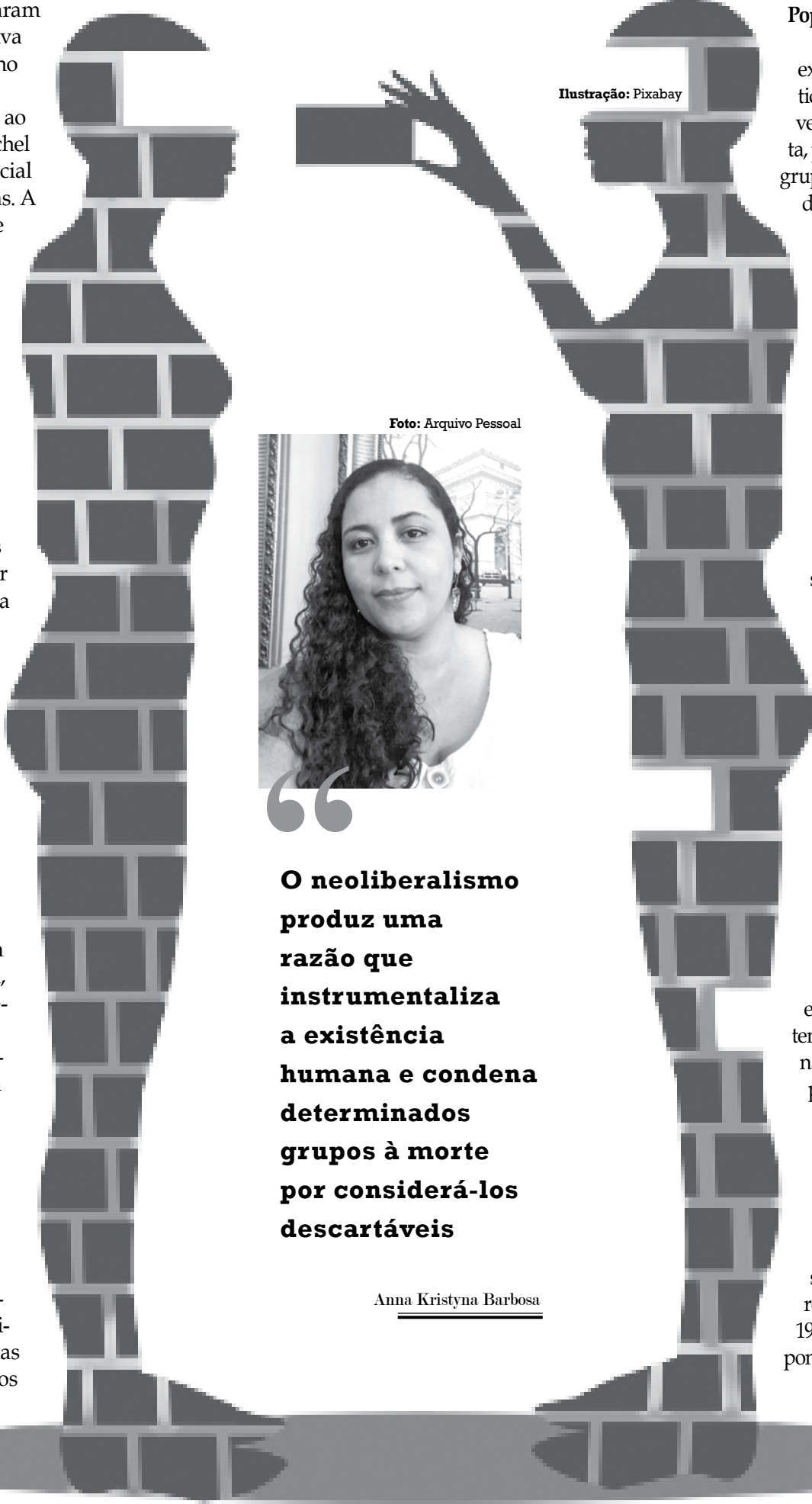


Ilustração: Pixabay

Foto: Arquivo Pessoal



“

O neoliberalismo produz uma razão que instrumentaliza a existência humana e condena determinados grupos à morte por considerá-los descartáveis

Anna Kristyna Barbosa

BIPODER E NARCOCULTURA

Aspecto cultural da necropolítica

Tema do narcotráfico está em filmes, músicas, literatura, programas de tevê, moda e outros elementos culturais

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Foto: Pixabay

De acordo com o pensador Foucault, o direito soberano de matar e os mecanismos de biopoder são intrínsecos à constituição de todos os estados modernos. Já Achille Mbembe defende que o biopoder é também uma manifestação de soberania, já que o seu funcionamento ocorre pela divisão entre as pessoas que devem viver e as pessoas que devem morrer, sendo a soberania o direito de matar.

Para a socióloga Anna Kristyna Barbosa, outro conceito que tem relação com a necropolítica é a narcocultura, termo que descreve a cultura popular associada ao tráfico de drogas, especialmente na América Latina, mas também em outras partes do mundo onde o tráfico de drogas é uma atividade significativa.

A narcocultura inclui filmes, músicas, literatura, programas de televisão, moda e outros elementos culturais que abordam o tema do narcotráfico e a vida dos traficantes. Ela se manifesta de várias maneiras na América Latina, especialmente em países como México, Colômbia e Brasil, onde o tráfico de drogas é uma grande indústria e tem sido associado a altos níveis de violência e corrupção. “Por exemplo, a música popular mexicana, o ‘narcocorrido’, é uma forma de música que celebra a vida e a obra de traficantes de drogas. O gênero se tornou tão popular que muitos artistas do gênero se tornaram grandes estrelas na América Latina”, observa a professora Anna Barbosa.

Ela aponta que, em geral, a narcocultura tem sido criticada por glorificar a violência, a corrupção e a exploração associadas ao tráfico de drogas, bem como por normalizar comportamentos e valores que contribuem para a manutenção desse sistema criminoso. “Alguns argumentam que a narcocultura perpetua estereótipos negativos sobre as comunidades latino-americanas e contribui para a manutenção da violência, ao romantizar uma atividade criminosa”.

Em relação à necropolítica, a educadora destaca que a narcocultura pode ser vista como um exemplo de como a violência e o poder são exercidos em contextos políticos e sociais específicos. Também pode ser compreendida como uma resposta cultural ao fenômeno do tráfico de drogas e à violência que o acompanha, especialmente em áreas onde o estado é incapaz de controlar efetivamente essa atividade. “Trata-se de uma manifestação cultural da necropolítica, que se caracteriza pela instrumentalização da vida e da morte em prol do poder político e econômico”, completa Anna Kristyna.

A doutoranda defende que a narcocultura poderia mudar, o que exigiria uma mudança nas condições sociais, políticas e econômicas. “A cultura é um reflexo da sociedade em que ela existe, e a narcocultura é um produto cultural que se desenvolveu em resposta às realidades sociais e políticas associadas ao tráfico de drogas”. Assim, para que esse cenário seja alterado, deve haver um esforço coletivo para mudar as condições que o sustentam.

Isso inclui a redução da pobreza e da desigualdade, o fortalecimento das instituições democráticas e do estado de direito, o combate à corrupção e ao crime organizado, e a promoção da educação e da cultura como instrumentos para o desenvolvimento social e econômico. “Também é necessário um esforço consciente para mudar as narrativas culturais que glorificam a violência, a corrupção e a exploração associadas ao tráfico de drogas. Isso pode ser feito por meio da promoção de valores culturais alternativos, que enfatizem a solidariedade, a justiça social, a igualdade e o respeito pela vida humana”.

Ela ressalta que a mudança cultural não ocorre de forma imediata e requer esforços contínuos. Ou seja, a transformação da narcocultura exigiria um compromisso a longo prazo de governos, organizações da sociedade civil e da população para criar condições que favoreçam a emergência.



O próprio movimento LGBTQIAP+ tem excluído pessoas de corpos diferentes, mesmo identificando novas identidades

Assassinatos de pessoas trans são extremamente violentos, como se fossem para mostrar que esses corpos não deveriam existir

É preciso que parte do estado adote ações que rompam com as políticas de morte que atingem determinados grupos

“Necropolítica queer” e os “corpos matáveis” na governança da morte

As consequências da necropolítica podem atingir a orientação sexual e identidade de gênero dos indivíduos. Para o professor Pedro Nascimento, a necropolítica considera que alguns sujeitos têm mais direitos de existir que outros. Então, tudo que foge à heteronormatividade em termos de gênero e orientação sexual não têm espaço na sociedade e não possuem direito de viver. “Cria-se uma ideia de que um corpo trans, assim como um corpo negro (ou gordo) são corpos que não existem dentro da norma e são desumanizados. São corpos que se tornam ‘matáveis’, o que faz com que os assassinatos de pessoas trans sejam extremamente violentos, como se fossem para demonstrar que não é possível um corpo desse existir”.

Ele comenta que o próprio movimento LGBTQIAP+ hoje tem excluído pessoas de corpos diferentes, mesmo identificando novas identidades. “Quando a gente ouve falar hoje no surgimento dessa luta, existe uma referência aos homens gays e mulheres lésbicas brancas e as travestis negras ficam de fora. Existe a dificuldade de se manter vivo nesse cenário”.

Nesse sentido, a pensadora Jasbir Puar criou a expressão “necropolítica queer” para analisar o posicionamento da comunidade LGBTQIAP+ em relação aos ataques a pessoas homossexuais, no período pós-ataques de 11 de setembro de 2001, e sua cumplicidade com a islamofobia (não deixando espaço para homossexuais não-brancos). Conforme a pesquisadora de Sociologia, a expressão “necropolítica queer” foi criada para descrever a interseção entre a necropolítica e a política de identidade de gênero



Foto: Pixabay

ro e sexualidade, sendo, um termo que mostra como certas populações queer (LGBTQIAP+) são submetidas a formas de violência, marginalização e opressão, cujo objetivo é destruir suas vidas e identidades.

A “necropolítica queer” se manifesta de várias maneiras, incluindo a criminalização de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, a proibição de identidades de gênero não binárias, a violência policial e estatal contra pessoas trans e queer, e a exclusão de pessoas queer de direitos e recursos básicos. “Os grupos mais vulneráveis a essas formas de opressão são as pessoas queer negras, pessoas queer indígenas, pessoas queer migrantes e refugiadas e pessoas queer com deficiência. Essas populações enfrentam múltiplas formas de marginalização e violência, resultando em altos níveis de pobreza, desemprego, falta de moradia, violência doméstica e assédio”, elenca Anna Kristyna.

A “necropolítica queer” é um fenômeno global e pode ser observada inclusive em países onde a homossexualidade ainda é criminalizada e em regimes autoritários que buscam controlar e reprimir as diferenças políticas e sexuais. Nesse sentido, a teoria da “necropolítica queer” de Puar destaca a importância de se

entender as formas específicas de violência e opressão que as pessoas queer enfrentam e propõe formas de resistência e solidariedade para combater essas injustiças.

Possíveis soluções

De acordo com a professora de Sociologia, é preciso que parte do estado adote políticas que rompam com as políticas de morte que atingem determinados grupos presentes, por exemplo, em ocupações militares, nas barricadas, nas humilhações cotidianas, nos tanques de guerra nas ruas e nos tiroteios que fazem com que o terror, a dor, o medo, e a violência sejam vivenciados continuamente por determinados indivíduos e grupos.

O professor de Antropologia Pedro Nascimento já reconhece que hoje é importante falar sobre essa política de morte e também defende a necessidade do estado intervir para a produção de direitos, evitando, por exemplo, instrumentos que considerem determinadas pessoas como perigosas e que merecem ser afastadas. “Não existe a possibilidade do desenvolvimento de uma nação se não tiver um estado voltado para garantir alguns direitos básicos, senão você cai nessa história de que as possibilidades são voltadas para as classes mais abastadas que já têm acesso à saúde, à educação”, finaliza.